



Na

1790

A
(a
7
33

1814788

fo... 5-37-

1
(2)
7
33

DISCURSO
SOBRE A
HISTORIA
UNIVERSAL

*Para explicar a continuação
da Religião.*

PELO SENHOR.

JACOB BENIGNO BOSSUET,
Bispo de Moz.



COIMBRA.
NA REGIA TYPOGR. DA UNIVERS.

M. DCC. ~~X~~ XC.

*Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

1790.

INDICE

Taxas em Rey D. Joao V. em 1763.

pub. Congresso de 1763.

Tombo 1763.

Que se contém neste Livro.

CAPITULO I.

primos e parentes do Rey. 101

Pay. 101

CAP. II. Alvaras de Real Cédulas. 31

CAP. III. Moedas de Real Cédulas. 31

Introdução do Porto na terra prometida. 40

CAP. IV. David, Salomão, os Reis de Israel. 70

os Profetas. 70

CAP. V. A vida, e o Ministerio Profético: os Juizes de Deus declarados pelos Profetas. 97

CAP. VI. Juizes de Deus sobre Nabucodonosor, sobre os Reis de Babilônia, e sobre todo o Império de Babilônia. 101

CAP. VII. Diversidade dos Juizes de Deus: Juizo de rigor sobre Babilônia: Juizo de misericórdia sobre Jerusalém. 108

CAP. VIII. Redempção do Porto governando Zoroabel, Esdras, e Nehemias. 110

CAP. IX. Deus prompto para fazer felizes os Profetas, e para os salvar. 110

1
(9)
7
33

INDICE

DOS

CAPITULOS,

Que se contém neste Livro.

CAPITULO I. *A creação, e os primeiros tempos.* Pag. 5.

CAP. II. *Abrabão, e os Patriarchas.* 31.

CAP. III. *Moyfés, a Lei escripta, e a introdução do Povo na terra prometida.* 46.

CAP. IV. *David, Salomaõ, os Reis, e os Profetas.* 76.

CAP. V. *A vida, e o Ministerio Profetico: os Juizos de Deos declarados pelos Profetas.* 95.

CAP. VI. *Juizos de Deos sobre Nabuchodonosor, sobre os Reis seus successores, e sobre todo o Imperio de Babilonia.* 101.

CAP. VII. *Diversidade dos Juizos de Deos: Juizo de rigor sobre Babilonia: Juizo de misericordia sobre Jerusalem.* 108.

CAP. VIII. *Redempção do Povo governando Zorobabel, Esdras, e Nehemias.* 110.

CAP. IX. *Deos prompto para fazer cessar as Profecias, derrama as suas luzes.*

INDICE.

- zes mais abundantemente que nunca.
 III.
- CAP. X. Profecias de Zacharias, e de Aggeo. 117.
- CAP. XI. A Profecia de Malaquias, que he o ultimo dos Profetas, e a consummação do segundo Templo. X 122.
- CAP. XII. Os tempos do segundo Templo. Fructos dos castigos, e das Profecias precedentes: cessaçã da Idolatria, e dos saltos Profetas. LXXX 125.
- CAP. XIII. A longa paz, de que gozã por quem foi profetizada. 127.
- CAP. XIV. Interrupção, e restabelecimento da paz; divisaõ neste povo santo; perseguição de Antiocho; tudo isto profetizado. 131.
- CAP. XV. A esperança do Messias sobre que he fundada: prepação para a seu Reinado, e para a conversão dos Gentios. LXXXV 138.
- CAP. XVI. Prodigiosa cegueira da Idolatria antes da vinda do Messias. 142.
- CAP. XVII. Corrupções, e superstições entre os Judos; falsas doutrinas dos Fariseos. 148.
- CAP. XVIII. Continuação das conversões entre os Judos: final da sua decadencia segundo Zacharias profetizado. 151.
- CAP.

I N D I C E.

- CAP. XIX. Jesus Christo, e a sua doutrina. 154.
- CAP. XX. A descida do Espirito Santo; o estabelecimento da Igreja; os Juizos de Deus sobre os Judeos, e sobre os Gentios. 196.
- CAP. XXI. Reflexões particulares sobre o castigo dos Judeos, e sobre as predições de Jesus Christo, que o haviaõ affinalado. 222.
- CAP. XXII. Duas memoraveis predicções de Nosso Senhor são explicadas, e o seu cumprimento he justificado pela Historia. 241.
- CAP. XXIII. A continuação dos erros dos Judeos, e a maneira por que elles explicão as Profecias. 261.
- CAP. XXIV. Circunstancias memoraveis da queda dos Judeos: continuação das suas falsas interpretações. 281.
- CAP. XXV. Reflexões particulares sobre a conversão dos Gentios. Profundo Conselho de Deus, que os queria converter pela Cruz de Jesus Christo. Discurso de S. Paulo sobre este modo de os converter. 290.
- CAP. XXVI. Diversas fórmãs de Idolatria: os sentidos, o interesse, a ignorancia, hum falso respeito da antiguidade, a Politica, a Filosofia, e as be-

INDICE.

- reflexas vem em seu soccorro: a Igreja
 triunfa de tudo.* 304.
CAP. XXVII. Reflexão geral sobre a
 continuação da Religião, e sobre a
 relação que ha entre os livros da Es-
 criptura. 338.
CAP. XXVIII. As difficuldades que se
 formão contra a Escriptura são facéis
 de se vencerem por homens de bom Jui-
 zo, e de boa fé. 358.
CAP. XXIX. As predicções reduzidas a
 tres factos palpaveis; Parabola do Fi-
 lho de Deus, que estabelece a sua con-
 junção. 371.
CAP. XXX. Continuação da Igreja Ca-
 tholica, e a sua victoria manifesta so-
 bre todas as Settas. 376.



DISCURSO
SOBRE
A
HISTORIA UNIVERSAL
PARA EXPLICAR
A CONTINUAÇÃO DA RELIGIÃO.



CAPITULO I.

A criação, e os primeiros tempos.

A RELIGIÃO, e a continuação do Povo de Deus considerada deste modo he o maior, e o mais util de todos os objectos que se podem propôr aos homens. He bella a representação dos diferentes estados do Povo de Deus, debaixo da Lei da Natureza, e dos Patriarchas; debaixo de Moysés, e da Lei Escrita; debaixo de David, e dos Profetas; depois da vinda do cativo até Jesus Christo; e finalmente no tem-

A

po

po de Jesus Christo mesmo, isto he, debaixo da Lei da Graça, e do Evangelho; nos seculos em que foi esperado o Messias, e nos em que appareceo; nos em que o Culto de Deos foi reduzido a hum só povo; e naquelles em que conforme as antigas Profecias foi espalhado por toda a terra; naquelles em fim que os homens ainda enfermos, e grosseiros, precisaraõ serem sustidos pelas recompensas, e castigos temporaes, e nos em que os fieis mais bem instruidos não deuem mais viver senão pela Fé, atidos aos bens eternos, e soffrendo, na esperanza de os possuirem, todos os males que podem exercer a sua paciencia.

Certamente, Serenissimo Senhor, não se póde conceber cousa mais digna de Deos do que haver primeiramente escolhido para si hum Povo, que fosse hum exemplo palpavel da sua eterna Providencia; hum Povo, cuja boa ou má fortuna dependesse da sua piedade, e cujo estado deesse testemunho da sabedoria, e justiça daquelle que o governa. Por isto principiou Deos, e isto he, o que tem feito ver em o povo Judaico, Mas depois

pois de haver estabelecido por tantas
 provas sensiveis este fundamenteo imu-
 tavel, que elle só dirige segundo a
 sua vontade todos os successos da vi-
 da presente, era tempo de levantar
 os homens a mais altos pensamentos,
 e enviar a Jesus Christo, a quem era
 reservado descobrir ao novo povo,
 composto de todos os povos do mun-
 do, os segredos da vida futura.

Facilmente poderá Vossa Alteza
 seguir a historia destes dous povos,
 e notar, como Jesus Christo faz, a
 uniaõ de hum, e de outro, pois
 que ou esperado, ou dado, tem si-
 do em todos os tempos a consolaçãõ,
 e a esperança dos filhos de Deus.

Ex-aqui pois a Religiãõ sempre
 uniforme, ou antes sempre a mesma
 desde a origem do mundo: nelle
 sempre se reconheceo o mesmo Deus,
 como Author, e o mesmo Christo,
 como Salvador do genero humano.

Assim verá Vossa Alteza, que na-
 da ha mais antigo entre os homens
 que a Religiãõ que professa, e que
 não he sem razãõ que os seus ascen-
 dentes pozeraõ a sua maior gloria em
 ser sempre seus protectores.

Que testemunho não he da sua

verdade ver que nos tempos em que
 as historias profanas só tem fabulas
 para nos contarem, ou quando muito
 factos confusos, e meio esquecidos,
 a Escriptura, isto he, sem contesta-
 ção o mais antigo livro que ha no
 mundo, nos conduz por tantos suc-
 cessos verdadeiros, e pela mesma
 continuacão das cousas, para o seu
 verdadeiro principio, isto he, para
 Deos que creou tudo; e tão distin-
 ctamente nos mostra a Creação do
 mundo, a do homem em particular,
 a felicidade do seu primeiro estado,
 as causas das suas misérias, e das su-
 as fraquezas, a corrupçã, e o Di-
 luvio, a origem das Artes, e a das
 Naçoens, a distribuicão das terras,
 em fim a propagaçã do genero Hu-
 mano, e outros factos da mesma im-
 portancia, dos quaes as historias hu-
 manas não falsõ senão confusamente,
 e nos obrigã a buscar fóra dellas as
 suas origens certas.

Pois se a antiguidade da Reli-
 giã lhe dá tanta authoridade; a sua
 successã continuada sem interrup-
 çã, e sem alteraçã pelo espaço de
 tantos seculos, e a pezar de tantos
 obstaculos que sobrevierõ, mostra

A

ma-

manifestamente que a mão de Deus a sustem.

Que cousa ha mais maravilhosa que vê-la sempre subsistir sobre os mesmos fundamentos desde os principios do mundo, sem que nem a Idolatria, nem a impiedade que por todas as partes a cercava, nem os Tyrãos que a perseguião, nem as heresias, e os Infieis que intentaraõ corrompê-la, nem os fracos que a têm entregado, nem os Sectarios indignos que a têm desacreditado pelos seus crimes, nem finalmente a longitude do tempo que só basta para abater todas as cousas humanas, tenham sido em tempo algum capazes, e não digão de a extinguirem, mas nem ainda de a alterarem.

Se agora vamos a considerar que idéa é esta Religião, cuja antiguidade veneramos, nos dá do seu objecto, isto he, do primeiro Ente, confessaremos que he superior a todos os pensamentos humanos, e digna de ser vista como vinda do mesmo Deus.

O Deus a quem sempre tem servido os Hebreos, e os Christãos, nada tem de commum com as Divindades cheias de imperfeição, e até

de vicio, que o resto do mundo adorava. O nosso Deus he hum Ente infinito, Perfeito, só digno de vingar os crimes, e de coroar a virtude; porque elle he só a mesma santidade. He infinitamente superior áquelle a causa primeira, e áquelle primeiro Motor, que os Filósofos reconheceraõ, sem com tudo o adorarem. Entre estes os que tem vivido em maior cegueira, nos tem proposto hum Deus que achando huma materia eterna, e existente per si mesma do mesmo modo que elle, a pôz em obra, e a lavrou como hum vulgar Artifice, constringido na sua obra por esta materia, e pelas suas disposições, que elle não fez, sem jamais poderem comprehendere, que se a materia he de si mesma, não deveo esperar a sua perfeição de huma mão estranha, e que se Deus he infinito, e Perfeito, não necessitou para fazer o que queria, senão de si mesmo, e da sua vontade. Omnipotente. Mas o Deus dos nossos Pais, o Deus de Abrahão, o Deus, cujas maravilhas escreveu Moysés, não sómente ordenou o mundo, mas também o creou todo inteiro em a sua

materia, e fórma. Antes que deſſe
o ſer ás couſas, nenhuma o teve ſe-
naõ elle só; he nos representado co-
mo aquelle que faz tudo, e que tu-
do cria pela ſua palavra, tanto por
que produz tudo pela razão, e como
porque o ſeuia ſem difficuldade, e
porque para fazer taõ grandes obras
naõ empregava ſenaõ huma só pala-
vra, iſto he, que naõ lhe cuſta ſe-
naõ o querer.

En para ſeguir a historia da crea-
ção, pois que a havemos começado,
Moyses nos tem enſinado que eſte
poderoso Architecto, a quem as cou-
ſas cuſtaõ tam pouco, as quiz fazer
por muitas vezes, e crear o mundo
em ſeis dias, para mostrar que naõ
obrou com huma neceſſidade, e im-
pero cego, como o fazem imaginar
alguns philoſofos. O Sol despe de
huma só golpe, ſem poder conter ſe,
tudo o que ſem de raios, mas Deos
que obra por intelligencia, e com
huma ſuprema liberdade, applica a
ſua virtude adonde quer, e como he
ſervido, e como creando o mundo
pela ſua palavra, mostra que nada
lhe he difficil, creando-o por mui-
tas vezes manifesta que he o Senhor

da sua materia, da sua acção de toda a sua impreza, e que obrando não tem outra regra mais que a sua vontade, sempre recta per si mesma.

Este modo de obrar nos mostra também que tudo sahe immediatamente da sua mão. Os Povos, e os Filozofos, que tem erido que a terra misturada com a água, e ajudada com o calor do Sol, havia produzido per si mesma pela sua propria fecundidade as plantas, e os Animaes, enganaram-se muito grosseiramente. A Escripura nos faz entender que os Elementos sam estereis, se a palavra de Deos não os faz fecundos. Nem a terra, nem a água, nem o ar teriaõ jamais tido as plantas, nem os Animaes que ahi vemos, se Deos que havia feito, e preparado a sua materia, também a não houvesse formado pela sua vontade Omnipotente, e não tivesse dado a cada coisa as sementes proprias para multiplicarem em todos os seculos.

Os que vem as plantas tomarem o seu naseimento, e crecimento do calor do Sol, poderiaõ crer que elle he o seu Creator. Mas a Escripura nos mostra a terra vestida de herbas,

vas, e de toda a qualidade de plantas antes que o Sol tenha sido creado, a fim de que concebamos que tudo depende só de Deos.

Foi servido este grande Artifice a Luz, e logo depois de a trazer a forma que lhe deu ao Sol, e nos Astros, e por que nos queria ensinar que estes grandes, e magnificos luminares, que se nos tem inculcando por Divindades, não tinham de si mesmos, nem a materia preciosa, e brilhante de que foram compostos, nem a forma admiravel a que os vemos reduzidos.

Em fim a historia da creação tal como a fez Moyses, nos descobre aquelle grande segredo da verdadeira Filosofia, que em Deos só reside a fecundidade, e o poder absoluto. Feliz, e Sabio, Omnipotente, e Só, Suficiente a si mesmo, elle obra sem precisão, como sem necessidade, e jamais constrangido, nem embaraçado pela sua materia, da qual faz o que quer, porque lhe deu pela sua só vontade o fundo da sua existencia. Por este direito soberano, e absoluto, a forma, e a move sem dificuldade e tudo depende immediatamente de

he; e se conforme a orlem estabefe-
cida em a natureza, huma cousa de-
pende da outra, por exemplo o nas-
cimento, e crescimento das plantas
do calor do Sol, he porque este mes-
mo Deos que creou todas as partes
do mundo, quiz largallas humas ás
outras, e fazer brilhar a sua sabedo-
ria por este maravilhoso encadeamen-
to.

Mas tudo o que nos ensina a Sá-
grada Escriptura sobre a creação do
mundo, he nada em comparação do
que ella diz da creação do homem.

Gen. I.

Até a qui Deos tudo havia feito
mandando, que a luz seja feita; que
o Firmamento se extenda pelo meio das
aguas, que a terra seja descuberta, e
que produza: que haja duas grandes
Luminarias que dividão o dia da noi-
te; que as aves, e os peixes saibão do
feito das aguas; que a terra produza
os Animas segundo as suas especies
differentes. Mas quando se trata de
produzir o homem, Moyses lhe faz

Ibid. 26.

fallar outra lingua: Fazamos o ho-
mem, e diz elle, e á nossa Imagem, e
similitança. Quando Deos manda
que se faça o homem, já não se ouve
aquella palayra imperiosa, e dominante, e ouve-se
hu-

humã mais doce, e ainda que menos
 eficaz. Deos faz concelho em si mes-
 mo; Deos a si mesmo se excita, co-
 mo para nos mostrar que a obra que
 vai emprender excede a todas as obras
 que até então havia feito.

Deos *faciamos* ao homem. Deos falla em
 si mesmo, falla a algum que obra co-
 mo elle, para algum do qual o homem
 he a creatura, e a imagem; falla a
 hum outro elle mesmo; falla a quel-
 le por quem todas as cousas tem sido
 feitas; aquelle que diz no seu Evan-
 gelho: *Tudo o que o Pai faz, o Fi-*
lho também faz, e o que o Pai não faz,
o Filho também não faz. Fallando a
 seu Filho, e ou com seu Filho, falla
 tempo mesmo tempo com o Espirito
 Santo, poderoso, signal, e coeterno
 a hum, e ao outro. He cousa nunca ouvida em toda
 a Escritura que alguém excepto Deos
 haja fallado de si mesmo em o nume-
 ro plural *faciamos*. Deos mesmo na
 Escritura não falla assim senão duas,
 ou três vezes; e esta lingua extraor-
 dinaria começa a apparecer desde
 que se trata de crear o homem.

Joan. V.
 13.

A. m. d.

Quando Deos muda de lingua, e
 de alguma forma de modo de obrar,
 não he que mude em si mesmo, mas
 -ud. A 6 mos-

mostra-nos que vai começar, segundo os concelhos eternos, huma nova ordem de cousas.

Assim o homem, tam altamente elevado sobre as outras creaturas, cuja geraçã Moysés nos havia descrito, he produzido por huma maneira toda nova. A Trindade começa a declarar-se produzindo a creatura racional, cujas operaçoens intellectuaes são huma imagem imperfeita daquellas eternas operaçoens, pelas quaes Deos he fecundo em si mesmo.

A palavra de Concelho, que Deos se serve, denota que a creatura que vai ser creada, he a unica que póde obrar por concelho, e por intelligencia. Todo o resto naõ he menos extraordinario. Até alli naõ haviamos visto na Historia do Genesio o dedo de Deos applicado sobre huma materia corruptivel. Para formar o corpo do homem elle mesmo pega na terra, e esta terra beneficiada por huma tal maõ, recebe a mais bella figura que até entã havia apparecido no mundo. O homem tem a estatura direita, a cabeça levantada, os olhos voltados para o Ceu; e esta conformaçã que lhe he particular

lhe

Gen. II.

7.

cia, que devia ser-lhe unida, contem-
plando-o, e amando-o, e que por es-
ta razão era feita á sua imagem; não
podia ser tirada da materia. Deos tra-
bathando a materia, pôde bem for-
mar hum bello corpo, mas de qual-
quer sorte que á beneficio, e figure,
nunca achará nella a sua imagem, e
semelhança. A alma feita á sua ima-
gem, e que pôde ser feliz possuindo-
o, deve ser produzida por hum
nova creação: deve vir de cima,
isto he o que significa *aquellea respi-*
ração de vida que Deos tira da sua
boca.

Gen. II.
7.

Lembremo-nos de que Moyses
propoem aos homens carnaes por ima-
gens sensiveis verdades puras, e in-
tellectuaes. Não julguemos que Deos
alenta á maneira dos animaes. Não
julguemos que a nossa Alma seja hum
ar subtil, nem hum vapor de fatado.
A respiração que Deos inspira, e
que consigo mesmo traz a imagem
de Deos, nem he ar, nem vapor.
Não julguemos que a nossa Alma seja
hum porção da natureza Divina, se-
gundo o delirio de alguns Filozofos.
Deos não he hum todo que se divide.
Quando Deos tiver partes, estas se-

riaõ increadas: porque o Creador,
o Ente increado não seria composto
de creaturas. A Alma he feita, e
por tal modo feita, que nada he da
natureza Divina; mas somente hu-
ma cousa creada á sua imagem, e si-
milhança; huma cousa que deve sem-
pre viver unida áquelle que a for-
mou; isto he, o que quer dizer
aquella respiração Divina, isto he,
o que nos representa aquelle Espiri-
to de vida.

Ex aqui pois o homem formado
Deos tambem fórma della a compa-
nhia que lhe quer dar. Todos os ho-
mens nasceem de hum só matrimonio,
a fim de serem para sempre, por dis-
persos, e multiplicados, que se jab
huma só, e mesma familia.
Nossos primeiros Pais, assim for-
mados, são postos naquelle Jardim
delicioso, que se chama Paraiso.
Deos devia a si mesmo torpar feliz á
sua imagem.

Impõe hum preceito ao homem
para lhe fazer conhecer que tem hum
Senhor; hum preceito respectivo a
huma cousa sensivel, porque o ho-
mem era creado com os sentidos;
hum preceito facil, porque queria

fazer-lhe a vida commoda em quanto fosse innocente.

O homem não guarda hum preceito de huma tão facil observancia, ouve o espirito tentador, ouve-se a si mesmo, em vés de ouvir unicamente a Deos; a sua perda he inevitavel, mas deve ser considerada, assim na sua origem do mesmo modo que nas suas consequencias.

Deos no principio havia creado os Anjos, Espiritos puros, e separados de toda a materia. Não fazendo cousa que não fosse boa, os havia creado a todos na sua santidade, e podião perpetuar a sua felicidade entregando-se voluntariamente ao seu Creador. Mas tudo o que he tirado do nada he defeituoso, huma parte daquelles Anjos se deixou enganar pelo amor proprio. Desgraçada a creatura que em si mesma põe o seu prazer, e não em Deos! em hum momento perde todos os seus dons. Estranho effeito do peccado! aquelles Espiritos luminosos vieram a ser Espiritos de trevas. Não ouve alguma das suas Luzes que se não convertes- se em maliciosas astucias. Huma maligna inveja occupou nelles o lugar da

caridade, a sua grandeza natural não foi depois senão soberba, a tua felicidade foi mudada na triste consolação de se fazerem companheiros na sua miséria, os seus bemaventurados exercêdos no miseravel emprego de tentar os homens. O mais perfeito de todos, que havia tambem sido o mais soberbo, se achou o mais pernicioso, como mais infeliz. O homem a quem Deus havia posto hum *Ps. VIII.*
pruco abaixo dos Anjos, unindo-o a hum corpo, vem a ser a hum Espirito tão perfeito hum objecto de inveja. Quiz este arrasta-lo para a sua rebellião, para depois o involver na sua ruina. Ouçamos como elle lhe falla, e penetremos o fundo dos seus artificios. Encaminha-se para Eva, como a mais fraca, falla a seu marido do mesmo modo que a ella: *Gen. III.*
que Deus nos ha feito esta prohibição? 4.
 Se vos fez racionais deveis saber a razão de tudo; este fructo não he veneno, *Vós não morreis.* Ex-aqui por *Ibid. 4.*
 donde começa o Espirito da rebellião. Discorre sobre o preceito, e a obediencia he posta em duvida: *Vós se-* *Ibid. 3.*
reis como Deoses, livres, e independentes, felizes em vós mesmos, a
 bi-

Ibid. 6.

bios por vós mesmos: *Sabereis o bem e o mal*: nada vos será impenetravel. Por estes motivos he que o Espirito se levanta contra a ordem do Creador, e quer fazer-se superior á regra. Eva meia enganada e lha para o fructo, e cuja belleza promettia hum gosto excellente. Vendo que Deos havia unido em o homem o espirito, e o corpo, julgou que em favor do homem poderia tambem haver applicado ás plantas virtudes sobrenaturaes, e dons intellectuaes áos objectos sensiveis. Depois de haver comido deste bello fructo, ella mesma o apresenta á seu marido. Ex-aqui elle perigosamente atacado. O exemplo, e a complacencia fortificab as tentações: entra nos sentimentos do tentador, e tambem succedido, humo enganosa curiosidade, humo li songeiro pensamento de soberbia, humo occulto prazer de obrar per si mesmo, e segundo os seus proprios pensamentos o attrahê, que o cega, e quer fazer humo perigosa experiencia da sua liberdade, e prova com o fructo prohibido a pernicioza doçura de contentar o seu espirito. Os sentidos nisturab a sua attracção a este tipo en-

can-

canto; elle ns segue, a elles se sujeita, e d'elles se faz cativo, elle que era o seu Senhor.

No mesmo tempo tudo pava elle se muda. A terra como antecedentemente já se lhe não cria; nada mais virará della se não por meio de hum teimoso trabalho; já não tem o Ceo aquelle ar fereno; os animaes, que ainda os mais odiosos, e ferozes lhe serviaõ de hum innocente divertimento; tonião para o affligirem fórmas horriveis: Deos que tudo havia creado para a sua felicidade, sem hum momento lhe converte tudo em castigo; elle se faz penoso a si mesmo, elle que tanto se havia amado. A rebellião dos sentidos lhe faz conhecer em si hum não sei que de vergonhoso. Não he mais aquella primeira obra do Creador, na qual tudo era bello, e do peccado tem feito outra obra, que se deve occultar. O homem não pôde mais supportar a sua vergonha; e querria poder encobri-la aos seus proprios olhos. Mas Deos lhe vem a fer ainda mais insupportavel. Este grande Deos, que o havia creado á sua similitão, e dado-lhe os sentidos, como hum socorro ne-

Ibid. 8.

cessario ao seu Espirito, se dignava de se lhe mostrar debaixo de huma forma sensivel; o homem não pôde mais soffrer a sua presença. Procura o fundo dos bosques para se roubar aquelle que antecedentemente fazia a sua felicidade. Antes que Deos falle a sua consciencia o accusa. As frás infelizes desculpas acabão de o confundirem. He preciso que morra: o remedio da immortalidade lhe he tirado; e huma morte mais horrivel, que he a da Alma, lhe he figurada naquella morte corporal a que he condemnado.

Mas ex-aqui a nossa sentença pronunciada em a sua. Deos que havia resolvido recompensar a sua obediencia em toda a sua posteridade, logo que elle se rebellou, o condemna, e castiga, não somente na pessoa; mas tambem em todos os seus filhos, como em a mais viva, e amada parte de si mesmo. Nos todos fomos amaldiçoados em o nosso principio; o nosso nascimento está viciado, e infecto em a sua origem.

Não examinemos aqui aquellas regras terriveis da justiça Divina, pelas quaes a estirpe humana he amal-

amaldiçoada em a sua origem. Adorem os Juizos de Deos que vê a todos os homens como hum só homem naquelle do qual quer que todos descendam. Vejamo-nos tambem como degradados em nosso Pai rebelde, como descahidos para sempre pela sentença que o condemna; como bannidos com elle, e excluidos do Paraíso, adonde nos devia fazer nascer.

B. bid.

As regras da justiça humana nos podem ajudar para entrarmos nas profundidades da Divina, da qual ellas são huma sombra: mas não podem descobrir-nos o fundo deste abyssmo. Capacitemo-nos de que a justiça como a misericordia de Deos não podem ser medidas pelas dos homens, e ambas tem effeitos muito mais extensos, e profundos.

Mas em quanto os rigores de Deos sobre o Genero humano nos assombrão, admiremos como elle volta os nossos olhos para hum objecto mais agradavel, descobrindo-nos a nossa futura Redempção desde o dia da nossa perda. Debaxo da figura da serpente, cujo arrastamento tortuo-

Gen. III.

14. 15.

so era huma viva imagem das peri-

giosas insinuaçoens, e dos enganosos rodeios do espirito maligno, Deus mostra a Eva, a sua mãe, o seu inimigo vencido, e lhe dá a conhecer aquella semente bendita que havia quebrar a cabeça áquelle vencedor, isto he, devia domar a sua soberba, e abater o seu imperio por toda a terra.

Esta semente bendita era Jesus Christo, filho de huma Virgem, e aquelle Jesus Christo em quem só Adão não havia peccado, porque devia descender de Adão por hum modo Divino, concebido não do homem, mas de Espirito Santo. Era pois por esta Divina haste, ou pela mulher que a produziria, segundo as diversas liçoens deste Texto, que a perda do Genero humano devia ser recuperada, e o poder tirado do Principe do mundo, *que nada acba que seja seu em Jesus Christo.*

Joann.
XIV. 30.

Mas antes de nos dar o salvador, era preciso que o Genero humano conhecesse por huma longa experiencia a necessidade que tinha de hum tal soccorro. Foi pois o homem deixado a si mesmo; as suas inclinaçoens se corromperão; as suas desordens

che-

chegarão ao excesso, e a iniquidade
cubrio a toda a face da terra.

Então Deos resolveo tomar huma
vingança, cuja memoria quiz que
sempre durasse entre os homens. Nes-
ta he a do Diluyio universal do qual
com effeito a memoria dura ainda
em todas as Naçoens, do mesmo mo-
do que a dos crimes que o acusarão.

Não julguem mais os homens que
o mundo per si mesmo se governa,
e que o que tem sido, será sempre
como de si mesmo. Deos que creou
tudo, e por quem tudo subsiste, vai
affogar a todos os animaes com todos
os homens, isto he, vai destruir a
mais bella parte da sua obra.

Não necessitava senão de si mes-
mo para destruir o que havia feito
com huma palavra; mas acha mais
digno de si, fazer servir as suas crea-
turas de instrumento á sua vingança,
e chama as agoas para destruirem a
terra coberta de crimes.

Não obstante isto entre tantos
peccadores achou-se hum homem jus-
to. Deos antes de o salvar do Diluyio
das agoas, o havia preseverado pela
sua graça do Diluyio da iniquidade.

A sua familia foi reservada para tor-
nar

nar a povoar a terra, que não hia ser mais que huma immensa solidão. Pelos cuidados deste homem justo, Deos salva os animaes, a fim de que o homem conheça que foram creados para elle, e de que se sirva delles para a gloria do seu Creador.

O mundo se renova, e a terra sahe outra vez do seio das agoas, porém nesta renovação fica huma impressão eterna da vingança Divina. Até o Dilavio toda a natureza era mais forte, e vigorosa; por immensa quantidade de agoas que Deos trouxe sobre a terra, e pela longa morada que nella fizeram, os succos que em si encerrava, foram alterados, o ar carregado de huma humidade excessiva, fortificou os principios da corrupção, e achando-se enfraquecida a primeira constituição do mundo, a vida humana que chegava até perto de mil annos, se diminuiu pouco a pouco: as hervas, e os fructos não tiveram mais a sua primeira força, foi preciso dar aos homens hum sustento mais substancial na carne dos animaes.

Gen. IX.
5.

Assim devião desaparecer, e apagar-se pouco a pouco os restos da primeira

meira instituiçãõ ; e a natureza mudada advertia ao homem , que Deos não era mais o mesmo para elle depois que havia sido irritado por tantos crimes.

Finalmente esta longa vida dos primeiros homens notada em os Annaes do Povo de Deos , não tem sido desconhecida pelos outros povos , e as suas antigas tradições tem della conservado a memoria. A morte que se adiantava , fez sentir aos homens huma vingança mais prompta ; e como todos os dias se orgulhavaõ mais , e mais em os crimes , era preciso que tambem fossem , para fallar allim , todos os dias mais submergidõs em os seus castigos.

A mudança só dos manjares lhes podia advertir o quanto se hia deteriorando a sua natureza , pois vindo a ser mais fracos , em o mesmo tempo vinhaõ a ser mais vorazes , e sanguinarios.

Antes do tempo do Diluvio o sustento que os homens tomavaõ sem violencia em os fructos que per si mesmos cahiaõ , e em as hervas que do mesmo modo taõ depressa se secavaõ , era sem duvida algum resto

da primeira innocencia, e da doçura com que eramos formados. Agora para nos sustentarmos he preciso derramar o sangue a pezar do horror, que naturalmente nos causa; e tor dos os guizados de que nos servimos para cobrirmos as nossas mezas, apenas basta para nos disfarçarem os cadaveres, que necessitamos comer para nos fartarmos.

Mas não he esta a menor parte das nossas desgraças. A vida já encurtada se abbrevia tambem pelas violencias que se introduzem no Genero humano. O homem que era visto nos primeiros tempos poupar a vida dos brutos, se tem acostumado a não poupar mais a vida dos seus semelhantes. Em vão foi que Deus prohibio immediatamente depois do Diluvio derramar o sangue humano. Em vão para salvar alguns vestigios da primeira doçura da nossa natureza, permitindo comer a carne dos animaes, elle havia reservado o sangue. Os homicidios se multiplicarão sem medida. He verdade que antes do Diluvio, Cain havia sacrificado a seu irmão á sua inveja. Lamech oriundo de Cain havia feito o segun-

Gen. IX.
4

Gen. IV.
8.

Ibid. 23.

do

do homicidio; e póde-se crer, que se fizeraõ outros depois destes detestaveis exemplos. Mas as guerras ainda não eraõ inventadas. Foi depois do Diluvio que appareceraõ aquellas Astolladores de Provincias, a quem se têm chamado Conquistadores; que impellidos pela só gloria do mando, extermináraõ a tantos innocentes. Nembroth, maldito pimpolho de Cham, maldito por seu pai, começou a fazer a guerra sómente para se estabelecer hum Imperio. Desde este tempo a ambição tomou posse, sem algum limite, da vida dos homens; chegáraõ ao extremo de se matarem huns aos outros sem se abortecerem; o cume da gloria, e a mais bella de todas as Artes têm sido o matarem-se huns aos outros.

Ex aqui os principios do mundo raes como a historia de Moysés nos representa os principios felizes na sua origem, ao depois cheios de males infinitos, sempre admiraveis em relação a Deos, que faz tudo; taes em fim, que passandõ-os pelo nosso juizo, nos ensinaõ a considerar o mundo, e o Genero humano sempre

debaixo da mão do Creador, tirado do nada pela sua palavra, conservado pela sua bondade, governado pela sua sabedoria, punido pela sua justiça, resgatado pela sua misericórdia, e sempre sujeito ao seu poder.

Não he este o mundo tal como o conceberão os Filósofos, formado, segundo alguns, por hum concurso fortuito dos primeiros corpos, ou que, segundo os mais sabios, forneceu a sua materia ao seu Author, que por consequencia não depende delle, nem em o fundo do seu ser, nem em o seu primeiro estado, e que o sujeita a certas Leis que não pôde violar.

Moyfés, e os nossos antigos Pais, cujas tradições recolheu nos dias pensamentos diversos. O Deos que elle nos tem mostrado, tem mui differente poder, pôde fazer, e desfazer como lhe parece; dá Leis à natureza, e as revoga quando quer.

Se para se fazer conhecer no tempo em que a maior parte dos homens o havião esquecido, obrou pafmosos milagres, e obrigou a natureza a salir das Leis as mais constantes; continuou por este modo em

mostrar, que era o seu absoluto Senhor, e que a sua vontade he a unica prizão que sustenta a ordem do mundo.

Isso he justamente aquillo de que os homens se haviaõ esquecido: a estabilidade de huma tão bella ordem, não servia mais, que para lhes persuadir, que esta ordem havia sempre existido, e que existia por si mesma: o que os encaminhava a adorarém, ou o mundo em geral, ou os Astros, os Elementos, e em fim todos aquelles grandes corpos que o compõem. Deos pois, patenteou ao Genero humano huma bondade digna d'elle, destruindo nas occasiões brilliantes aquella ordem, que não somente não os penetrava mais, porque a ella estavaõ acostumados; mas ainda que os encaminhava, (tanto elles eraõ cegos) a imaginarem fóra de Deos a Eternidade, e a independencia.

A Historia do Povo de Deos attesta pela sua propria continuacão, e pela Religião, assim dos que a tem escripto, como dos que a tem conservado com tanto cuidado, guardou como em hum fiel registro a memoria

ria daquelles milagres; e por este modo nos dá a verdadeira idéa do Imperio Supremo de Deos, Senhor Omnipotente das suas creaturas, ou para as ter sujeitas ás Leis geraes, que estabeleceo, ou para lhes dar outras quando julgá que he necessario acordar por algum golpe inopinado o Genero humano adormecido.

Ex-aqui o Deos que Moyses nos propôs nos seus Escriptos, como o unico a quem se devia servir; ex-aqui o Deos que os Patriarchas adorárao antes de Moyses: em huma palavra, o Deos de Abrahão, de Isaac, e de Jacob, a quem nosso Pai Abrahão gostosamente quiz sacrificar seu unico filho; de quem Melchisedech, figura de Jesus Christo, era o Pontifice com quem nosso Pai Noé sacrificou sahindo da Arca, que o filho Abel havia reconhecido e offerencido-lhe o que tinha de mais precioso; que Seth da terra de Adão em lugar de Abel, havia feito conhecer á seus filhos, e tambem chamados filhos de Deos; que Adão mesmo havia mostrado á seus descendentes, como aquelle de cujas mãos se havia visto ha pouco sahido, e que só podia por

fim aos males da sua infeliz posteridade. Que bella Filosofia he esta, que nos dá tão puras idéas do Author do nosso ser! Que bella tradição esta, que nos conserva a memoria das suas obras magnificas! Quanto o Povo de Deos he Santo, pois que por huma successão não interrompida desde a origem do mundo até os nossos dias, sempre tem conservado huma tradição; e huma Filosofia tão santa!

—
 CAPITULO II.
 Abrabaõ, e os Patriarchas.

MAs como o Povo de Deos de-
 baixo do Patriarcha Abrabaõ
 tomou huma forma mais regulada,
 he necessario, Serenissimo Senhor,
 demorar-vos hum pouco sobre este
 grande homem. Elle nasceu perto de 350 annos
 depois do Diluyio, e em hum tempo
 em que a vida humana, ainda que
 reduzida aos limites mais estreitos,
 ainda era muito longa. Noé em ta-
 mã B 4 zaõ

zaõ da sua longa idade vivia como morto, Sem seu filho mais velho ainda vivia, e Abrahão pôde passar com elle quasi toda a sua vida.

Considerai pois o mundo ainda novo, e para dizer assim, ainda banhado nas agoas do Diluvio, quando os homens, tão perto da origem das cousas, não tinham necessidade para conhecerem a Unidade de Deos, e o serviço que lhe era devido, mais que da tradiçãõ que d'isso se havia conservado depois de Adão, e de Noé; tradiçãõ por outra parte tão conforme as luzes da razãõ, que parecia que huma verdade tão clara, e importante, não pôde já mais ser esquecida, nem esquecida entre os homens. Tal he o primeiro estado da Religiãõ, que dura ate Abrahão, em cujo tempo os homens para conhecerem as grandezas de Deos, não tinham mais que consultar a sua razãõ, e a sua memoria.

Mas a razãõ era fraca, e corrupta; e á medida da distancia da origem das cousas, os homens confundiam as idéas que haviam recebido de seus antepassados. Seus filhos indocis, ou mal educados, não queriam

riaõ mais dar credito a seus Avós decrepitos, a quem não conheciaõ sem grande trabalho depois de tantas gerações; o sangue humano embrutecido não podia mais elevar-se às cousas intellectuaes, e não querendo os homens nada mais adorar do que aquillo que viaõ, a Idolatria se espalhava por todo o mundo.

O Espirito, que havia enganado ao primeiro homem, gollava ei taõ de todo o fructo da seducaõ, e via o inteiro effeito dessa palavra: *Vos sercis como os Deoses.* Desde o momento em que elle a proferio, cuidava em confundir no homem a idea de Deos com a da creatura, e em dividir hum nome, cuja magestade consistte em ser incommunicavel. O seu projecto lhe produzio effeito. Os homens sepultados na carne, e no sangue, haviaõ com tudo conservaõdo huma idea escura do poder Divino, que se sustinha pela sua propria força, mas que confundida com as imagens vindas pelos sentidos, os fazia adorar a todas as cousas em que apparecia alguma actividade, e poder. Assim o Sol, e os Astros que se faziaõ sentir de taõ longe, o so-

go, e os Elementos, cujos effeitos
 erãõ taõ universaes, forãõ os pri-
 meiros objectos da adoraçãõ publica.
 Os grandes Reis, os grandes Con-
 quistadores, que podião tudo sobre
 a terra, e os Authores das inven-
 ções uteis á vida humana, estiverãõ
 logo depois as honras divinas. Os
 homens soffrerãõ o trabalho de se
 sujeitarem aos seus sentidos: os sen-
 tidos decidirão tudo, e fizerãõ, a
 pezar da razãõ, todos os Deoses que
 se adoraõ sobre a terra.

Quanto o homem appareceõ en-
 taõ distante da sua primeira institui-
 çãõ, e quanto a imagem de Deos
 nelle era gastada, Deos podia ha-
 vello crendo com aquellas perversas
 inclinações, que todos os dias se
 declaravaõ de mais em mais. e esta
 propensãõ prodigiosa que elle tinha
 para se sujeitar a toda outra cousa,
 que naõ fosse o seu Senhor natural,
 naõ mostrava muito visivelmente a
 maõ estranha, pela qual a obra de
 Deos havia sido tão profundamente
 alterada em o Espirito humano, que
 com trabalho ahi se podia conhecer
 algum vestigio della. Impellido por
 esta cega impressãõ, que o domina

va, se mergulhava na Idolatria, sem que nada o pudesse reter. Hum tão grande mal fazia progressos estranhos. De medo de que inficionasse a todo o Genero humano, e apagasse totalmente o conhecimento de Deos, este grande Deos chamou da alto dos Ceos ao seu seruo Abrahão, na familia do qual queria estabelecer o seu culto, e conservar a antiga presença tanto da creação do mundo, como da providencia particular com que governa as cousas humanas.

Abrahão tem sido sempre celebre em o Oriente. Não sabo fonte os Hebreos os que o vem, como seu Pai. Os Idumeneos se gloriao da mesma origem. Ismael, filho de Abrahão, he conhecido entre os Arabes, como aquelle de quem elles são oriundos. A circuncisão lhes ficou como o sinal da sua origem, e a tem recebido em todo o tempo, não na oitavo dia, a maneira dos Judeos, mas nos treze annos, como a Escripura nos ensina, que foi dada a seu Pai Ismael: costume que dura ainda entre os Mahometanos. Outros povos Arabes se lembrao de Abrahão, e de Ceturã e estes são os mesmos que

*Gen. XVI.
17.*

*Gen.
XVII. 25.
Joseph.
Ant. I. 13.*

*Gen.
XXV.
Alex. Po-
lib. apud
Jof. Ant.
I. 16.*

*Beros. He-
cat. Eup.
Alex. Pol.
& al. apud*

Jof. ant. a Escriptura faz nascerem deste ma-
1. 8. & trimonio. Este Patriarcha era Chal-
Euf. prap. deo, e estes povos famosos pelas suas
Ev. IX. observações Astronomicas, contáão
16. 17. 18. a Abrahão como hum dos seus mais
19. 20. & sabios observadores. Os Historiado-
XIII. 11. res da Syria o fizeram Rei de Damaf-
Nit. Da co, ainda que estrangeiro, e vindo
masc. lib. dos suburbios de Babylonia; e con-
IV. Hist. taão, que elle largou o Reino de Da-
univ. in masco para se estabelecer em o paiz
excerpt. dos Chananeos, depois chamado Ju-
Vales. p. déa. Mas vale mais reflectir no que
491. & a historia do Povo de Deos nos con-
ap. Jof. ta deste grande homem. Temos vis-
ant. 1. 8. to, que Abrahão seguia o genero de
& Euf. vida que seguirão os antigos homens
prap. Ev. antes que todo o mundo houvesse fi-
IX. 16. do reduzido a Reinos. Reinava em
Gen. XIII a sua familia, com a qual abraçava
&c. aquella vida pastoral, tão famosa
Gen. XIV. pela sua simplicidade, e innocencia;
XXI. 22. rico em rebanhos, em escravos, e
27. XIII em dinheiro; mas sem terras, e sem
6. dominio; e com tudo vivia em hum
 Reino estrangeiro, respeitado, e in-
 dependente como hum Principe. A
 sua piedade, e rectidão protegida
 por Deos, lhe attrahia este respeito.
 Tratava familiarmente com os Reis,
 que

que procurava a sua aliança, de
 donde nasceo a antiga opinião que o
 tem feito Rei. Ainda que a sua vida
 fosse simples, e pacifica, elle sabia
 fazer a guerra; mas sómente para
 defender os seus Alliados opprimidos;
 assim o praticou, e os vingou
 por huma victoria assinalada: entre-
 gou-lhes todas as suas riquezas re-
 recuperadas de seus inimigos, sem re-
 servar outra cousa mais, que o dizi-
 mo que offereceo a Deus; e a parte
 que pertencia ás tropas auxiliares,
 que havia conduzido para o comba-
 te. Finalmente depois de hum tão
 grande serviço recusou os presentes
 dos Reis com huma magnanimidade
 sem exemplo, e não pôde soffrer
 que algum homem se jactasse de ha-
 ver enriquecido por Abraham. Nada
 queria dever senão a Deus que o pro-
 tegia, e a quem sómente se guia com
 huma fé, e huma obediencia perfei-
 ta. Guiado por esta fé, havia deixado
 a sua terra natural para vir para
 o paiz que Deus lhe mostrava. Deus
 que o havia chamado, e constituido
 digno da sua aliança, e concluiu com
 estas condições.

Gen. XII. XVII. Declarou-lhe que elle seria o seu Deus, e de seus filhos, isto he, que seria o seu Protector, e que elles o servirão como o só Deus Creator do Ceo, e da terra.

Ibid. Prometteo-lhe huma terra, (esta foi a de Chanaan) para servir de morada fixa á sua posteridade, e de assento á Religião.

Gen. XII. 2. XV. 4. 5. XVII. 19. Não tinha filhos, e sua mulher Sara era esteril. Deus lhe jurou por si mesmo, e pela sua eterna verdade, que d'elle, e de esta mulher nasceria huma família, que igualaria as Estrelas do Ceo, e as areas do mar.

Gen. XIII. 1. 3. XVII. 18. Mas ex aqui se attigò o mais notavel da promella Divina. Todos os povos se precipitavão na Idolatria. Deus prometteo ao santo Patriarcha, que nelle, e na sua geração, todas aquellas Nações cegas, que se esquecião do seu Creator, e se rião as bençoadas, isto he, chamadas para o seu conhecimento, no qual se acha a verdadeira benção.

XXX. 10. Por estas palavras Abraham he feito o Pai de todos os que creem em Deus, e a sua posteridade he escolhida para ser a fonte, da qual a benção deya estender-se por toda a terra.

Nef-

19) Nesta promessa era comprehendida a vinda do Messias, e por tantas vezes profetizada a nossos Pais; mas sempre annunciado, como o que devia ser o Salvador de todos os Gentes, e de todos os povos do mundo.

20) Assim esta haste abençoada prometida a Eva, veio a ser tambem a haste, e o pimpolho de Abrahão.

21) Tal he o principio da Alliança: taes são as suas condições. Abrahão recebeu o final della em a Circumcisaõ, e cerimonia da qual proprio effeito era dar a conhecer, que aquelle santo homem pertencia a Deos com toda a sua familia.

22) Abrahão estava sem filhos quando Deos principiou a abençoar a sua descendencia. Deos o deixou muitos annos sem lhos dar. Depois teve Ismael, que devia ser pai de hum grande povo, mas não daquelle povo escolhido, e por tantas vezes prometido a Abrahão. O Pai do povo escolhido devia nascer d'elle, e de sua mulher Sara, que era esteril.

Em fim treze annos depois de Ismael veio ao mundo aquelle desejado filho: este foi chamado Isaac, isto he, filho de alegria, filho de milagre, fi-

207

lho

Gen. XII.
114X

118

Gen. XII.
XVII.
114X

Gen. XII.
XV. 2.
XVI. 3. 4.
XVII. 20.
XXI. 33.

Gen. XXI.

lho de promessa, que mostra pelo seu nascimento, que os verdadeiros filhos de Deus nascem da graça.

*Gen.
XXII.*

Era já grande esse filho abençoado, e em humia idade em que seu Pai podia esperar del'e outros filhos, quando de repente Deus lhe ordenou, que o sacrificasse. A que experiencias está exposta a Fé! Abrahão levou a Isaac para o monte que Deus lhe havia mostrado, e hia sacrificarlhe aquelle filho, em quem só Deus lhe prometia fazello Pai, assim do seu Povo, como do Messias. Isaac apresentava o peito á espada que seu Pai tinha prompta para o atravessar. Deus contente com a obediencia do Pai, e do filho, nada mais quer. Depois que estes dous grandes homens tem dado ao mundo huma imagem tão viva da oblação voluntaria de Jesus Christo, e que em espirito provarão as amarguras da sua Cruz, elles são julgados verdadeiramente dignos de terem seus ascendentes. A fidelidade de Abrahão faz que Deus lhe confirme todas as suas promessas, e abençoe de novo, não sómente a sua familia; mas tambem por ella a todas as Nações do mundo.

*Gen.
XXII.28.*

Com

Com effeito continuou a sua protecção a Isaac seu filho, e a Jacob seu neto. Elles forão seus imitadores, fixos como elle, em a crença antiga, e no antigo modo de vida, que era a pastoral no antigo governo do Genero humano, em que cada pai de familias era Principe na sua casa. Assim em as mudanças que se introduzião todos os dias entre os homens, a santa antiguidade revivia em a Religião, e nas acções de Abraham, e de seus filhos.

Deos tambem reiterou a Isaac, e a Jacob as mesmas promessas, que havia feito a Abraham; e como se havia chamado o Deos de Abraham, tambem tomou o nome de Deos de Isaac, e de Jacob.

Debaixo da sua protecção estes grandes homens começaram a habitar em a terra de Chanaan, mas como estrangeiros, e sem nella possuírem *hum pe de terra*, até que a sua fome attrahio a Jacob para o Egypto, adonde seus filhos multiplicados vierão bem cedo a ser hum grande povo, como Deos lhes havia promettido.

Finalmente, ainda que este povo
que

que Deos fazia nascer na sua aliança, devesse estender-se pela geração, e devesse a benção seguir o sangue; aquelle grande Deos não deixou de ahi affinalar a eleição da sua graça. Porque depois de haver escolhido a Abrahão do meio das Nações, e entre os filhos deste escolheu a Isaac; e os dous gemios de Isaac escolheu a Jacob, a quem deu o nome de Israel. Abrahão na terra de Canaan Jacob teve doze filhos, que foram os doze Patriarchas, Authores das doze Tribus. Todos devisão entrar na Alliança; mas Judá foi escolhido entre todos os seus irmãos para ser o pai dos Reis do povo de Israel, e o Pai do Messias tanto prometido aos seus antepassados. Abrahão na terra de Canaan Devia chegar o tempo em que separando-se dez Tribus do Povo de Deos, por causa da sua infidelidade, a posteridade de Abrahão não conservasse a sua antiga benção, isto he, a Religião, a terra de Chanaan, e a esperança do Messias, senão unicamente na Tribu de Judá, que devia dar o nome ao resto dos Israelitas, que se chamáram Judeus, e a todo o paiz que se chamou Judea. Abrahão na terra de Canaan

Assim a eleição Divina se desco-
 bria sempre naquelle povo carnal,
 que se devia conservar por meio da
 propagação ordinaria. *Gen. XLIX.*
 Jacó viu em espirito o segredo
 desta eleição. Como se achava pro-
 ximo á morte, e seus filhos ao redor
 da sua cama pediam a benção de hum
 tão bom Pai, Deus lhe manifestou o
 estado das doze Tribus quando estivessem
 na terra da Promissão; explicou-o
 em poucas palavras, e estas
 mesmas poucas palavras comprehendem
 innumeráveis mysterios.
 Ainda que tudo o que diz dos ir-
 mãos de Judá seja exprimido com
 huma magnificencia extraordinaria,
 e denote hum homem transportado
 fóra de si mesmo pelo espirito de
 Deus, quando chega a Judá se ele-
 va ainda mais alto. Judá, lhe diz, *Ibid. 8.*
teus inimigos te louvarão; a tua mão
ferá sobre o peçoço de teus inimigos;
os filhos de teu Pai se prosternarão
diante de ti. Judá bestium moço Leão.
Mu filho, tu fostes ao depois. Tu
teus descançado, como hum Leão; e
*hum Leão. Quem se atreverá a cor-
 dar-te é o Ceptro, (isto he a authori-
 dade, nação de Judá), e sempre*
se

se verá Capitães, e Magistrados, ou Juizes nascidos da sua estirpe, até que venha aquelle que deve ser enviado, e que fará a esperança dos povos, ou como trás outra lição, que não he talvez menos antiga, e que em substancia não differe della, até que venha aquelle a quem as cousas são reservadas. E o resto como acabamos de referir.

A continuação da Profecia diz respeito literalmente á região que a Tribu de Judá devia occupar na terra Santa. Mas as ultimas palavras que havemos visto, por qualquer modo que se queirã tomar, não significão outra cousa mais, que aquelle que devia ser, o mandado por Deos, o Ministro, e o Interpreté das suas vontades, o complemento das suas promessas, e o Rei do novo povo, isto he, o Messias, ou o unguido do Senhor.

Jacob não falla disto expressamente, senão só com Judá, do qual este Messias devia nascer: comprehendendo no só destino de Judá, o de toda a nação, que depois da sua dispersão devia ver os restos das outras Tribus reunidas debaixo das bandeiras de Judá.

Todos os termos da Profecia são claros: nella não ha mais que a palavra Ceptro, que o uso da nossa lingua nos poderia fazer entender pela só dignidade real; quando em o idioma santo significa em geral, o poder, a authoridade, a magistratura. Este uso da palavra Ceptro se acha em todas as paginas da Escripura. Vê-se do mesmo modo manifestamente na Profecia de Jacob, em que este Patriarcha quer dizer, que nos dias do Messias toda a authoridade cessará em a casa de Juda, o que leva consigo a ruina total de hum estado.

Assim os tempos do Messias são affinalados aqui por huma dobrada mudança. Pela primeira, o Reino de Juda, e o povo Judaico he ameaçado com a sua ultima ruina. Pela segunda, ha de elevar-se hum grande Reino, não de hum só povo, mas de todos os povos, dos quaes o Messias deve ser a cabeça, e a esperança.

No estylo da Escripura o povo Judaico he chamado em numero singular, e por excellencia, o povo ou o Povo de Deus, e quando se acha

If. LXV.

Sc.

Rom. X.

21.

If. II. 2. 3.

XLIX. 6. os povos, aquelles que são exercita-
 18. LI. 4. dos nas Escripturas, entendem os
 5. Sc. outros povos, que estavam também
 promettidos ao Messias na Profecia
 de Jacob.

Esta grande Profecia comprehen-
 de em poucas palavras toda a histo-
 ria do povo Judaico, e do Christo
 que lhe he promettido. Assim a to-
 da a continuacão do Povo de Deos,
 e o seu effeito ainda durará.

Assim não pretendo fazer a Vossa
 Alteza della hum Commentario de
 que não necessita, pois que assina-
 lando simplesmente a continuacão
 do Povo de Deos, verá manifestar-
 se per si mesmo o sentido do Ora-
 culo, e que os successos sós são delles
 os intrepetes.

CAPITULO III

*Moyfés, a Lei Escripta, e a introduc-
 ção do Povo na terra promettida.*

DEpois da morte de Jacob o Po-
 vo de Deos ficou em o Egypto
 até o tempo da missão de Moyfés,

isto he, perto de duzentos annos. Assim se passou 430 annos antes que Deos dresse ao seu Povo a terra que lhe havia promettido.

Queria acostumar os seus escolhidos a confiarem na sua promessa, seguros de que seria cumprida tarde, ou cedo, e sempre nos tempos assignalados pela sua eterna Providencia.

As iniquidades dos Amorrheos, dos quaes lhe queria dar a terra, e os despojos, ainda não havia chegado, como elle declara a Abrahão, ao cumê em que as esperava, para os entregar á dura, e implacavel vingança, que queria exercer sobre elles, pelas mãos do seu povo escolhido.

Era preciso dar a este povo tempo para se multiplicar, a fim de que chegasse a estado de encher a terra que lhe era destinada, e occupalla por força, exterminando della aos seus habitantes amaldiçoados por Deos.

Queria que experimentassem no Egypto hum duro, e insupportavel cativoiro, a fim de que sendo delle livres por prodigios nunca ouvidos,

amaf-

amassem o seu libertador, e celebren eternamente as suas misericordias.

Ex-aqui a ordem dos Concelhos de Deos, taes como elle mesmo nos tem revelado para nos ensinar a temello, a adorallo, a amallo, e a esperallo com fé, e paciencia.

Chegando o tempo ouve os gritos do seu povo cruelmente afflicto pelos Egypcios, e envia a Moysés para livrar os seus filhos da sua tyrannia.

Dá-se a conhecer a este grande homem, mais do que em tempo algum havia feito a algum outro vivente. Aparece-lhe em huma forma igualmente magnifica, e consoladora. Declara que elle he quem
Exod. III. he. Tudo o que está adiante d'elle, não he mais que huma sombra. *Eu sou*, diz elle, *quem sou*. O ser, e a perfeição pertencem a mim só. Toma hum novo nome, que significa o ser, e a vida nelle, como na sua origem; e este he aquelle grande nome de Deos, terrivel, mysterioso, incommunicavel, debaixo do qual de ahi em diante quer ser servido,

Naõ

Não relatarei a Vossa Alteza em particular as pragas do Egypto, nem o enlurecimento de Faraó, nem a passagem do mar vermelho, nem o fumo, os relampagos, a trombeta resonante, o ruido espantoso que ouviu o povo sobre o monte Sinai. Deos alli gravava com a sua mão sobre duas taboas de pedra os preceitos fundamentais da Religião, e da sociedade: e dictava o resto a Moysés em alta voz. Para sustentar esta Lei em o seu vigor, determinou formar huma Congregação veneravel de setenta Conselheiros, que podia ser chamada o Senado do Povo de Deos, e o Conselho perpetuo da Nação. Deos appareceo publicamente, e fez publicar a sua Lei na sua presença com huma demonstração pafinosa da sua magestade, e do seu poder.

Até então Deos nada havia dado por scripto que podesse servir de regras aos homens. Os filhos de Abraham tinham somente a Circumcisão, e as ceremonias que a acompanhavam por sinal da Alliança, que Deos havia contratado com a sua familia escolhida. Por este sinal eram separados dos povos que adoravam as fal-

*Exod.
XXIV.
& XI.*

fas Divindades: finalmente confer-
 ram-se na Alliança de Deos pela lem-
 brança que tinhão das promessas fei-
 tas a seus Pais, e eraõ conhecidos,
 como hum povo que servia ao Deos
 de Abrahão, de Isaac, e de Jacob.
 Deos estava taõ profundamente es-
 quecido, que era preciso discerni-
 lo pelo nome daquelles, que haviã
 sido seus adoradores, e dos quaes
 era tambem o protector declarado.

Este grande Deos naõ quiz aban-
 donar por mais largo tempo a memo-
 ria dos homens o mysterio da Reli-
 gião, e de sua Alliança. Era tempo
 de oppôr mais fortes barreiras á Ido-
 latria, que inundava todo o Gene-
 ro humano, e acabava de extinguir
 nelle os restos da luz natural.

Depois do tempo de Abrahão a
 ignorancia, e a cegueira se haviãõ
 prodigiosamente augmentado. No seu
 tempo, e hum pouco depois, o co-
 nhecimento de Deos ainda apparecia
 na Palestina, e no Egipto. Melchi-
 fedech Rei de Salem era o Pontifice
 do Deos Altissimo, que creou o Ceo, e
 a terra. Abimelec Rei de Gerare,
 e seu successor de mesmo nome, te-
 niaõ a Deos, juravaõ em seu nome,
 e

e adoravaõ o seu poder. As ameaças *Gen.*
 deste grande Deos eraõ temidas por *XXI. 22.*
 Faraõ, Rei do Egipto; mas no tem- ^{23.}
 po de Moysès estas Naçoens se ha- *XXVI.*
 viaõ pervertido. O verdadeiro Deos *28. 29.*
 não era mais conhecido no Egipto *Gen. XII.*
 como o Deos de todos os povos do *17. 18.*
 mundo; mas como o *Deos dos He-*
breos. Adorava-se até os brutos, e *Exod. V.*
 os vis bichos. Tudo era Deos, e *1. 2. 3.*
 excepto Deos mesmo; e o mundo, que *X. 1. &c.*
 Deos havia creado para manifestar o *Exod. 8.*
 seu poder, parecia haver-se conver- *26.*
 tido em hum templo de Idolos. Che-
 gou a cegueira do Genero humano
 até a adorar os seus vicios, e as su-
 as paixõens, o que não deve causar
 admiraçaõ, porque não havia poder
 mais inevitavel nem mais tyrannico
 do que o seu. O homem acostumado
 a julgar divino tudo o que era pode-
 roso, como se sentia arrastado pelo vi-
 cio por huma força invencivel, creo
 facilmente que esta força estava fó-
 ra delle, e della fez logo hum Deos.
 Por esta razaõ he que o amor impu-
 dico teve tantos Altares, e as impu-
 rezas que fazem horror, começaraõ
 a ser misturadas em os sacrificios.

Em o mesmo tempo a crueldade

se introduzio. O homem culpavel que era perturbado pelos remorsos do seu crime, e via a Divindade como inimiga, julgou não poder apaziguala se não pelas victimas ordinarias. Foi preciso derramar o sangue humano com o dos brutos: hum ce-go temor obrigava os pais a sacrificar os seus filhos, e a queimá-los em lugar de incenso. Estes sacrificios erã communs desde o tempo de Moysés, e não faziaõ senão huma parte daquellas horriveis iniquidades dos Amorrheos, dos quaes Deos commetteo a vingança aos Israelitas.

Herod. lib.

II. Cæs. de

bello Gall.

VI. Diod.

lib. I. V.

Plin. lib.

XXX. A-

then. lib.

XIII. Por-

ph. de

Abß. lib.

II. Jorn.

de reb.

Get. &c.

Mas não erã particulares a estes povos. Sabe-se que em todos os povos mundo, sem exceptuar algum, os homens tem sacrificado os seus semelhantes; e não houve algum lugar sobre a terra em que se não haja servido destas tristes, e horriveis divindades, cujo odio implacavel para o Genero humano pedia taes victimas.

No meio de tantas ignorancias chega o homem até a adorar a obra das suas mãos. Julgou poder comprehender o espirito Divino em as Estatuas, e tão profundamente se es-

que-

queceo de que Deos o havia feito, que creio do mesmo modo tambem poder fazer hum Deos. Quem o poderia crer, se a experiencia naõ o mostrasse, que hum erro taõ crasso, e brutal naõ era sómente o mais universal, mas tambem o mais arreigado, e incorregivel entre os homens? Assim para confusam do Genero humano, deve-se reconhecer que a primeira das verdades, a que o mundo préga, aquella cuja impressãõ he a mais poderosa, era a mais distante da vista dos homens. A tradiçãõ que a conservava nos seus animos, ainda que clara, e se se olhar com attençaõ affaz presente, estava proxima a desvanecer-se; fabulas predigiosas, e taõ cheias de impiedade, como de estravagancia occupavaõ o seu lugar. Havia chegado o momento em que a verdade, mal vista em a memoria dos homens, naõ se podia mais conservar sem ser scripta; e Deos, por outra parte havendo resolvido formar o seu povo para a virtude por meio de Leis mais expressas, e em maior numero, resolveo em o mesmo tempo de as dar por escripto.

Moyés foi chamado para esta

obra. Este grande homem recopilou a historia dos seculos passados, e de Adão, a de Noé, a de Abrahão, a de Isaac, a de Jacob, a de Joseph, ou antes, a de Deos mesmo, e dos seus admiraveis feitos.

Naõ lhe foi preciso desenterrar de longe as tradiçoens dos seus antepassados. Nasceo cem annos depois da morte de Jacob. Os velhos do seu tempo haviaõ podido communicar por muitos annos com este santo Patriarcha; a memoria de Joseph, e das maravilhas que Deos havia obrado por este grande Ministro dos Reis do Egypto, ainda estava fresca. A vida de tres ou quatro homens subia até Noé que havia visto os filhos de Adão, e tocava para fallar assim na origem das cousas.

Assim as tradiçoens antigas do Genero humano, e as da familia de Abrahão naõ eraõ difficeis para se recolherem; a sua memoria era viva; e naõ deve causar admiracão ver a Moysés em o Genesis fallar das cousas acontecidas nos primeiros seculos, como cousas conllantes, das quaes mesmo ainda se via nos povos

vifinhos, e na terra de Chanaan monumentos notaveis.

Nos tempos em que Abrahaõ, Isaac, e Jacob, haviaõ habitado esta terra nella haviaõ erigido por toda a parte monumentos das cousas que lhes tinhaõ acontecido. Alli ainda se mostrava os lugares em que elles haviaõ habitado; os poços que haviaõ aberto naquelles paizes secos, para darem de beber á sua familia, e aos seus rebanhos: os montes em que haviaõ sacrificado a Deos, e em que lhes havia apparecido: os padroens que haviaõ levantado, ou amontoado para servir de memorial á posteridade. As sepulturas em que descansavaõ as suas abençoadas cinzas. A memoria destes grandes homens era fresca, naõ sómente em todo o paiz, mas tambem em todo o Oriente, a onde muitas Naçoens celebres naõ tem jamais esquecido que procediaõ da sua familia.

Assim quando o povo Hebreo entrou em a terra promettida, tudo abi celebrava os seus antepassados, e as Cidades, e os Montes, e as mesmas pedras falavaõ daquelles homens maravilhosos, e das pasmosas

visões pelas quaes Deos os havia confirmado na antiga, e verdadeira crença.

Os que conhecem, ainda que pouco, as antiguidades sabem quanto os primeiros tempos erã curiosos de erigirem, e de conservarem taes monumentos, e quanto a posteridade cuidadosamente retinha na memoria as occasiões que lhos haviaõ feito levantar. Era esta huma das maneiras de escrever a historia; depois se lavraraõ, e puliraõ as pedras; e as Estatuas depois das columnas succederã ás massas grosseiras, e solidas que os primeiros tempos erigiaõ.

Tambem ha grandes razoens para crer, que na linha a onde se conservou o conhecimento de Deos, se conservava tambem por escripto as memorias dos antigos tempos. Porque os homens viverã sempre com este cuidado. Ao menos he certo que se faziaõ Canticos que os pais ensinavaõ aos seus filhos; Canticos que cantando-se nas festas, e nas Affembléas, ahi perpetuavaõ a memoria das açoens as mais brilhantes dos seculos passados.

De

De lá nasceo a Poesia, (*) variada ao depois em muitas fórmas, das quaes a mais antiga ainda se conserva nas Odes, e nos Canticos empregados por todos os antigos, e ainda presentemente pelos povos que não tem uso das letras, em louvar a Divindade, e os grandes homens.

O estylo destes Canticos atrevido, extraordinario, natural com tudo no que he proprio para representar a natureza em os seus transportes, que por esta razão caminha por vivas, e impetuosas sahidas, livre das prizoens ordinarias que pede hum discurso unido, encerrado por outra parte em cadencias numerosas que augmentaõ a sua força, surprendẽ o ouvido, cativaõ a imaginaçaõ, e se imprimẽ mais facilmente na memoria.

Entre todos os povos do mundo, aquelle em que se tem usado mais de taes Canticos, tem sido o Povo de

C 5 Deos

(*) Esta he a verdadeira, e a mais certa origem da Poesia, como se prova das Sagradas Letras, a onde se achaõ mais que em outra parte as suas Leis exactamente executadas. *Nota do Traductor.*

Num. Deos. Moysés affinalia hum grande
XXI. 14. numero delles, que denota pelos
 17. 18. primeiros versos porque o povo sabia
 27. &c. o resto. Elle mesmo compôs dous des-
Exod. ta natureza. O primeiro nos pbem
XV. diante dos olhos a passagem triunfan-
 te do mar vermelho, e os inimigos
 do Povo de Deos, huns ja affoga-
 dos, e os outros meio vencidos pe-
Deut. lo terror. Pelo segundo Moysés con-
XXXII. funde a ingratidaõ do povo, cele-
 brando as bondades, e as maravilhas
 de Deos. Os seculos seguintes o imi-
 taraõ. Deos, e as suas maravilhozas
 obras eraõ quem fazia a materia das
 Odes que elles compozeraõ; Deos
 mesmo os inspirava, e propriamente
 naõ ha outro mais que o Povo de
 Deos, donde haja vindo a Poetia
 por Enthusiasmo.

Jacob havia pronunciado nesta lin-
 goa mystica os Oraculos que conti-
 nhaõ o destino de seus filhos, a fim
 de que cada Tribo mais facilmente
 conservasse na memoria o que lhe to-
 cava, e aprendesse a louvar aquelle,
 que naõ era menos magnifico em as
 suas predicçoens, que fiel em as
 cumprir.

Ex-aqui os meios de que Deos se
 ser-

fervio para conservar até Moysés a memoria das cousas passadas. Este grande homem instruido por todos aquelles meios, e altamente elevado pelo Espirito Santo, escreveu as obras de Deos com huma exactidão, e simplicidade que attrahe a crença, e a admiração, não para elle, mas para o mesmo Deos.

A juntou ás cousas passadas, que continhão a origem, e as antigas tradiçoens do Povo de Deos, as maravilhas que Deos obrava actualmente pela sua redempção. Disto não cita aos Israelitas outras testemunhas, mais que os seus olhos. Moyses não lhes conta cousas que se houvessem passado em retiros impenetraveis, e em profundas cavernas: não lhes falla sem fundamento: particulariza, e circunstancia todas as cousas, como hum homem que não teme ser desmentido. Funda todas as suas Leis, e toda a sua Republica sobre as maravilhas que tem visto. Estas maravilhas nada menos eraõ que natureza mudada de repente em diversas occasioens para os libertar, e para punir os seus inimigos; o mar separado em duas partes, e a terra aber-

pelo meio, hum paõ celeste, agoas abundantes tiradas dos rochedos a hum toque de vara, o Ceo que lhes dava hum sinal visível para mostrarlhes a sua marcha, e outros milagres simithantes que elles viraõ durar quarenta annos.

O povo de Israel naõ era mais intelligente, nem mais subtil que os outros povos, que havendo-se entregado aos seus sentidos, nam podiaõ conceber hum Deos invisível. Pelo contrario era grosseiro, e rebelde outro tanto, ou mais que outro algum povo. Mas este Deos invisível em a sua natureza, se tornava de tal sorte sensível por continuos milagres, e Moysés os inculcava com tanta força, que por fim este povo carnal se deixou tocar da idéa taõ pura de hum Deos que obra tudo pela sua palavra, de hum Deos que naõ era senaõ Espírito, razaõ, e intelligencia.

Desta sorte em quanto a Idolatria, taõ grandemente augmentada depois de Abrahaõ, cobria toda a face da terra, só a posteridade deste Patriarcha era della isenta. Os seus inimigos lhes davaõ este testemunho, e os

povos, em que a verdade da tradi-
 ção não era ainda totalmente extin-
 cta, exclamavaõ com assombro: *Nam*
se ve Idolo em Jacob: nam se ve pre-
sagios supersticiosos: não se ve advi-
nhaçoens, nem sortilegios, este he
hum povo que se fia no Senbor seu Deos,
cujo poder he invencivel.

Num.
XXIII.
21. 22.
23.

Para imprimir nos coraçõens a
 unidade de Deos, e a perfeita uni-
 formidade que requeria no seu culto,
 Moysés repete muitas vezes, que na
 terra promettida aquelle Deos Unico
 escolheria hum lugar, no qual só se
 fariaõ as festas, os sacrificios, e to-
 do o serviço publico. Esperando este
 lugar desejado, em quanto o povo
 vagava pelo deserto, Moysés fabri-
 cou o Tabernaculo, Templo portan-
 til, a onde os filhos de Israel apre-
 sentavaõ os seus votos ao Deos que
 havia creado o Ceo, e a terra, e
 que não recusava, para dizêlo as-
 sim, viajar com elles, e conduzi-
 los.

Deut.
XII. XIV.
XV. XVI.
XVII.
&c.

Sobre este principio de Religiaõ,
 sobre este fundamento sagrado estava
 edificada toda a Lei; Lei santa, jus-
 ta, benefica, honesta, sabia, pró-
 yida, e simples, que ligava a so-
 cie-

cidade dos homens entre si por meo da santa sociedade do homem com Deos.

Deut.
XXVII.
XXVIII.
Ec.

A estas santas instituicoens elle ajuntou ceremonias magestosas, festas que renovavaõ a memoria dos milagres pelos quaes o povo de Israel havia sido libertado, e, o que a algum outro Legislador naõ se havia atrevido fazer, seguranças precisas de hum bom successo em tudo em quanto vivessem sujeitos á Lei, em lugar de que a sua desobediencia seria seguida de huma manifesta, e inevitavel vingança. Era preciso viver assegurado por Deos para dar este fundamento ás suas Leis, e o successo justificou que Moysés naõ havia fallado por si mesmo.

Em quanto áquelle grande numero de observancias, de que encarregou aos Hebreos, ainda que agora nos pareçaõ superfluas, eraõ naquelle tempo necessarias para separar o Povo de Deos dos outros povos, e serviaõ como de barreira contra a Idolatria, para que com os outros naõ arrastasse a este povo escolhido.

Pera manter a Religiaõ, e todas as tradiçoens do Povo de Deos, entre

tre as doze Tribos, huma he esco-
lhida, á qual Deos dá em partilha,
com os dizimos, e as oblaçoens, o
cuidado das cousas sagradas: Levi,
e seus filhos são consagrados a Deos
como o dizimo de todo o povo. Em
Levi Aarão he escolhido para ser o
Soberano Pontifice, e o Sacerdocio
se faz hereditario na sua familia.

Affim os Altares tem os seus Mi-
nistros; a Lei tem seus defensores
particulares, e a continuacão do Po-
vo de Deos se acha justificada pela
succesão dos seus pontifices, que
vem sem interrupção desde Aarão o
primeiro de todos.

Mas o que havia melhor nesta
Lei he que preparava o caminho pa-
ra huma Lei mais angusta, menos
carregada de ceremonias, e mais fe-
cunda em virtudes.

Moyfés para ter a este povo na es-
perança desta Lei, lhe confirma a
vinda daquelle grande Profeta que
devia descender de Abrahão, de Ila-
ac, e de Jacob. Deos, diz elle, *Deut.*
vos suscitará do meio da vossa Na- *XVIII.*
ção, e da sombra de vossos irmãos, *15. 18.*
hum Profeta semelhante a mim. Escu-
taio. Este Profeta semelhante a Moy-
fés,

fés, Legislador como elle, quem póde ser senão o Messias, cuja doutrina devia algum dia regular, e santificar a todo o mundo?

Deut.
XXXIV.
10.

Até elle não devia levantar-se em todo o Israel hum Profeta semelhante a Moysés, a quem Deos fallou face a face, e que deu Leis ao seu povo. Tambem até o tempo do Messias o povo em todos os tempos, e em todas as difficuldades, não se funda senão sobre Moysés. Como Roma reverenciava as Leis de Romulo, de Numa, e das doze taboas, Athenas recorria ás de Solon, como Lacedemonia conservava, e respeitava as de Licurgo, o povo Hebreo allegava continuamente as de Moysés. Finalmente o Legislador nellas havia tam perfeitamente regulado todas as cousas, que ja mais houve necessidade de alterar cousa alguma. Por esta razão he que o corpo do Direito Judaico não he huma recopilação de diversas Leis feitas em tempos, e occasioens diferentes. Moysés illustrado pelo Espirito de Deos, havia tudo previsto. Não se vê Ordenações, nem de David, nem de Salomão, nem de Josaphat, ou de Ezequi-

3. Reg.
II. &c.

quias, ainda que todos muito zelosos da Justiça. Os bons Principes não tinhaõ mais, que fazer observar a Lei de Moysés, e se contentavaõ com recomendar a seus successores a sua observancia. Accrescentar-lhe, ou tirar-lhe algum artigo, era hum attentado que o povo veria com horror. A cada instante se precisava da Lei para regular, não sómente as festas, os sacrificios, as ceremonias, mas tambem todas as outras acçoens publicas, e particulares, os Juizos, os Contratos, os Matrimonios, as Successoens, os Funeraes, a mesma fórma dos vestidos, e em geral tudo o que diz respeito aos costumes. Não havia outro livro em que se estudasse os preceitos da boa vida. Era preciso folheá-lo, e meditá-lo de noite, e de dia, tirar delle sentenças, e trazê-las sempre diante dos olhos. Por este livro he que os meninos aprendiaõ a ler. A unica regra da educação que hera dada a seus pais, era ensinar-lhes, inculcar-lhes, fazer-lhes observar esta santa Lei, que só podia torná-los sabios desde a sua infancia. Assim devia estar entre as maõs de todos. A²lém

*Deut. IV.
2. XII.
32. &c.*

lêm da leitura continua que cada hum devia fazer nelle em particular, se fazia todos os sette annos em o anno solemne da remissaõ, e soccego, huma leitura publica, e como huma nova publicaçãõ na festa dos Tabernaculos, a onde todo o povo se ajuntava durante oito dias. Moysés fez depositar junto da Area, o original do Deuteronomio: era este hum compendio de toda a Lei: mas receando que pelo decurso dos tempos fosse alterada pela malicia, ou negligencia dos homens, além das copias que corriaõ entre o povo, della se fazia exemplares authenticos, que, cuidadosamente revistos, e guardados pelos Sacerdotes, e Levitas, faziaõ as vezes dos originaes. Os Reis (porque Moysés havia bem previsto que este povo quereria por fim ter Reis como todos os outros) os Reis, digo eu, eraõ obrigados por huma Lei expressa do Deuteronomio, a receberem das maõs dos Sacerdotes, hum daquelles exemplares tam religiosamente correctos, a fim de que o transcrevellem, e o lessem toda a sua vida. Os exemplares, assim revistos por authoridade publica, mere-

reciaõ singular veneraçã a todo o povo ; eraõ vistos como sahidos immediatamente das mãs de Moysés , taõ puros , e inteiros como Deos lhos havia dictado. Hum antigo volume desta severa , e religiosa correccão havendo sido achado na Casa de Senhor no reinado de Josias , e talvez era este o mesmo original que Moysés havia feito depositar junto da Arca , excitou a piedade daquelle santo Rei , e lhe deo occasiã de mover o seu povo á penitencia. Saõ innumeraveis os grandes effeitos que tem obrado em todos os tempos a leitura publica desta Lei. Em huma palavra era este hum livro perfeito , que sendo ajuntado por Moysés á historia do Povo de Deos , lhe ensinava ao mesmo tempo a sua origem , a sua Religiaõ , a sua politica , os seus costumes , a sua Filosofia , tudo aquillo que serve para regular a vida , tudo o que une , e fórma a sociedade , os bons , e os maõs exemplos , a recompensa de hums , e os rigorosos castigos que haviaõ seguido aos outros.

Por esta admiravel disciplina hum povo sahido da escravidã , e retido
qua-

4. Reg.

XXII.

8. Sc.

2. Par.

XXIV.

14. 8. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

1. Sc.

Deut.
XXXII.

quarenta annos em o deserto , chega todo formado á terra que deve occupar. Moysés o conduz para a porta ; e advertido do seu fim proximo , encarrega a Josué o que falta para fazer. Mas antes de morrer compôs aquelle longo e admiravel Cantico que começa por estas palavras. *O' Ceos , ouvi a minha voz : dè a terra ouvidos ás palavras da minha boca.* Neste silencio de toda a natureza falla logo ao povo com huma força inimitavel , e prevendo as suas infidelidades , lhe descobre o seu horror. De repente sahe de si mesmo , como achando todo o discurso humano inferior a hum tão grande assumpto : refere o que Deos disse , e o faz fallar com tanta grandeza , e bondade , que se não sabe que he o que inspira mais , se o temor , e a confusão , se o amor , e a confiança.

Deut.
XXXI.
19. 32.

Por ordem de Deos , e de Moysés todo o povo aprendeo de memoria este Divino Cantico. Depois d'isto morreo contente este grande homem , como quem havia empregado toda a diligencia para conservar entre os seus a memoria dos benefici-
os ,

os, e preceitos de Deos. Deixou a seus filhos no meio dos seus Cidadãos sem distincão alguma, nem estabelecimento extraordinario. Tem sido admirado, não sómente pelo seu povo, mas ainda por todos os povos do mundo; e nenhum Legislador ja mais teve hum tão grande nome entre os homens.

Todos os Profetas que se lhe tem seguido na antiga Lei, e tudo o que nella tem havido de Escriptores sagrados, tem tido a gloria de serem seus Discipulos. Na verdade elle falla como mestre; descobre-se nos seus escriptos hum caracter todo particular, e não sei o que de original, que senão acha em algum outro escriptor: na sua simplicidade tem hum sublime tão magestoso, que nada o pôde igualar; e se ouvindo aos outros Profetas, se crê ouvir homens inspirados por Deos, he para dizer assim, Deos mesmo em pessoa que se crê ouvir na voz, e nos escriptos de Moysés.

Julga-se que elle escreveu o Livro de Job. A sublimidade dos pensamentos, e a magestade do estylo constituem esta Historia digna de
Moy-

Moyfés. De medo de que os Hebreos se ensoberbessem attribuindo a si fós a graça de Deos, era bom fazer-lhes conhecer que este grande Deos tinha seus escolhidos, mesmo na familia de Esau. Que doutrina era mais importante? En que entertimento mais util podia dar Moyfés ao povo afflicto no deserto, que o da paciencia de Job, que entregue entre as maos de Satanaz para ser experimentado por toda a qualidade de trabalhos, se vê privado dos seus bens, dos seus filhos, e de toda a consolação sobre a terra? Imediatamente depois, ferido por huma horrivel enfermidade, agitado inteiramente pela tentação da blasfemia, e da desesperação, que com tudo permanecendo firme, mostra que huma alma fiel sustida pelo socorro Divino, no meio das experiencias as mais horriveis, e apezar dos mais abominaveis pensamentos que o espirito maligno pode suggerir, sabe, nam sómente conservar huma confiança invencivel, mas tambem elevar-se pelos seus proprios males á mais alta contemplação, e reconhecer nos trabalhos que padece com o nada do

ho-

Ex. l. 1.
21. 1. 01

Job. l. 1.
21. 2. 01

Job. l. 1.
21. 3. 01

Job. XIII
15. XIV.
14. 15.
XVI. 21.
XXI. 23.
Ec.

homem, o Supremo Imperio de Deos, e a sua sabedoria infinita: exa-
cui o que ensina o Livro de Job. Pa-
ra observar o caracter do tempo vê-se
a fé do santo homem coroada por pres-
peridades temporaes; mas com tudo
o Povo de Deos ensina a conhecer
qual he a virtude das mortificaço-
ens, e a provar a graça que algum dia
havia de ser unida á Cruz.

Moysés a havia provado quando *Exod. II.*
preferio as mortificaçoens, e a igno- *10. 11. 15.*
minia que devia padecer com o seu
povo, as delicias, e a abundância
da casa do Rey do Egypto. Desde *Heb. II,*
então Deos lhe-fez provar os oppro- *24. 25. 26.*
brios de Jesus Christo. Ainda mais
os experimentou na sua fugida preci-
pitada, e no seu desterro de quaren-
ta annos. Mas esgotou até o fundo o *Num.*
Caliz de Jesus Christo quando esco- *XIV. 10.*
lhido para salvar aquelle povo, lhe
foi preciso sepultar as suas rebelio-
ens continuas, em que estava em pe-
rigo a sua vida: soube o que custa a
salvar delle os filhos de Deos, e ma-
nifestou de longe o que hum mais al-
to livramento devia custar algum
dia ao Salvador do mundo.

Este grande homem não teve a
con-

Rom.
XV. 20.

consolação de entrar na terra promettida : do alto de hum monte sómente a vio , e não teve vergonha de escrever , que della era excluido por huma incredulidade , que ainda que parecia leve , mereceo ser castigada tão severamente em humi homem , cuja graça era tão eminente. Moysés servio de exemplo ao severo zelo de Deos , e ao juizo que elle exercita com huma tão terrivel exactidão sobre aquelles , que os seus dons obrigaõ a huma fidelidade mais perfeita.

Heb. 7.
19.

Ibid. 11.
33.

Mas hum mais alto mysterio se nos mostra na exclusão de Moysés. Este sabio Legislador , que não faz por tantas maravilhas mais que conduzir os filhos de Deos para a vizinhança da sua terra , elle mesmo nos serve de prova , que a sua Lei nada leva para a perfeição , e que sem nos poder dar o complemento das promessas , ella no-las-faz saudar de longe , ou , quando mais , nos conduz como para a porta da nossa herança : este he hum Josué , he hum Jesus , porque era este o verdadeiro nome de Josué , que por este nome , e pelo seu officio representava o Salvador do mun-

mundo: este he aquelle homem, taõ altamente elevado sobre Moysés em todas as cousas, e supèrior sòmente pelo nome que tem; este he aquelle, digo eu, que deve introduzir o Povo de Deos na terra Santa.

Pelas victorias deste grande homem, diante do qual o Jordão torna para trás, os muros de Jericó cahem per si mesmos, e o Sol pára no meio do Ceo; Deos estabalece os seus filhos na terra de Chanaan, da qual expulsa por seu meio os povos abominaveis. Pelo odio que infundia contra elles a seus fiéis, lhes inspirava hum extremo desvio da sua piedade; e o castigo que lhe deo pelo seu ministerio, os encheo de medo da Justiça Divina, da qual executava os Decretos. Huma parte destes povos que Josué lançou fóra da sua terra, se estabaleceo na Africa, aonde se achou muito tempo depois em huma descripção antiga o monumento da sua fugida, e das victorias de Josué. Depois que estas victorias milagrosas tiverão posto os Israelitas na posse da maior parte da terra promettida a seus pais, Josué, e Eleazar Soberano Pontifice, com os ca-

*Prop. lib.
2. de bell.
Vand.*

*Jos. 13.
14. &*

D

be. seq.

- Num.* 36. beças das doze Tribus, lhe fizeram
 53.34. a partilha, segundo a Lei de Moy-
 17. sés, e assignarão á Tribu de Judá a
Jof. 14. primeira, e a melhor forte. Desde o
 15. tempo de Moysés, ella se havia ele-
Num. 2. vado sobre as outras em numero, em
 3. 9. 7. valer, e em dignidade. Josué mor-
 11. 10. reo, e o povo continuou a conquista
 14. 1. da terra Santa. Deos quiz que a
Par. 5.2. Tribu de Judá marchasse na frente,
Jud. 1.2. e declarou que havia entregado o
 paiz entre as suas mãos. Na verdade
 ella destruiu os Chananéos, e to-
Ibid. 4. 8. mou Jerusalem, que devia ser a Ci-
 dade santa, e a capital do Povo de
 Deos. Era esta a antiga Salem, em
 que Melchisedech havia reinado no
 tempo de Abraham, Melchisedech,
Heb. 7. aquelle *Rei de justiça*, (porque isto
 he o que quer dizer o seu nome) e
 no mesmo tempo *Rei de paz*; pois
 que *Salem quer dizer paz*, que Abra-
 ham havia reconhecido pelo maior
 Pontifice que houve no mundo, co-
 mo se Jerusalem houvesse sido desde
 então destinada para ser huma Cida-
 de santa, e a Cabeça da Religião.
 Esta Cidade foi logo dada aos filhos
Jud. 1.21. de Benjamin, que fracos, e em pe-
 queno numero, não poderaõ expul-
 far

far os Jubeceos, antigos habitantes
 do paiz, e ficaraõ entre elles. No
 governo dos Juizes o Povo de Deos
 he diversamente tratado segundo el-
 le obrava bem, ou mal. Depois da
 morte dos velhos, que haviaõ visto
 os milagres da maõ de Deos, a me-
 moria destas grandes obras se enfra-
 queceo, e a prõpençaõ uniuersal do
 Genero humano arrastou o povo para
 a Idolatria. Tantas vezes nella cahe,
 e tantas he castigado, e libertado to-
 ndas as vezes que se arrepende. A fé
 da Providencia, e a verdade das pro-
 messas, e das ameaças de Moysés se
 confirma cada vez mais no coraçãõ
 dos fieis. Mas dellas ainda Deos pre-
 parava maiores exemplos. O povo
 oppedio hum Rei, e Deos lhe deo a
 Saul, bem cedo reprovado por seus
 peccados: resolveo por fim estabele-
 cer huma Familia Real, de donde
 sairia o Messias, e a escolheo em
 Judá. David hum moço Pastor des-
 cendente desta Tribu, o ultimo dos
 filhos de Jessé, cujo merecimento,
 nem seu pai, nem a sua familia co-
 nhecia, mas a quem Deos achou se-
 gundo o seu coraçãõ, foi consagrado
 por Samuel em Bethlem; sua patria.

2. Reg.
16.

CAPITULO IV.

David, Salomaõ, os Reis, e os
Profetas.

A Qui o Povo de Deos toma huma
ma forma mais augusta. A co-
rõa fica firme na Casa de David. Es-
ta casa começa por dous Reis de ca-
racter differente, mas ambos admi-
raveis. David, Guerreiro, e Con-
quistador, fugeita os inimigos do Po-
vo de Deos, cujas armas faz temer
por todo o Oriente; a Salomaõ fa-
moso dentro, e fora d'elle pela sua
sabedoria, torna o povo feliz por
meio de huma paz profunda. Mas a
continuaçaõ da Religiãõ nos pede a-
qui algumas reflexoens particulares
sobre a vida destes dous grandes
Reis.

David desde logo reinou em Ju-
dã, poderoso, e victorioso, e ao de-
pois foi reconhecido por todo o Isra-
el. Tomou aos Juctibeos a fortaleza
de Siã, que era a Cidadela de Je-
rusalem. Senhor desta Cidade, nella
estabelecco por ordem de Deos a
Cor-

2. Reg.

5. 6. 7. 8.

3. Par.

11. 6. 7. 8.

1. Par.

2. 16.

Corte da Magestade, e a da Religião. Sião foi a sua residencia: rodeou-a de edefícios, e lhe deu o nome de Cidade de David. Joab, filho de sua irmaã, edificou o resto da Cidade, e Jerusaleem tomou huma nova fórma. Os de Judá occuparã todo o paiz; e Benjamin, pequeno em numero, ahi ficou misturado com elles.

A Arca da Alliança, fabricada por Moysés, aonde Deos descansava sobre os Cherubins, e em que as duas Taboas do Decalogo estavam guardadas, não tinha lugar fixo. David a levou em triunfo para Sião, cuja conquista havia feito, ajudado pelo Omnipotente soccorro de Deos, a fim de que Deos reinasse em Sião, e ahi fosse reconhecido como o protector de David, de Jerusaleem, e de todo o Reino. Mas o Tabernaculo em que o povo havia servido a Deos no deserto, estava ainda em Gabaon: e lá he que se offerciaõ os sacrificios sobre o Altar que Moysés havia levantado. Era isto só em quanto se esperava que houvesse hum Templo, aonde o Altar estivesse reunido com a Arca, e aonde se fizesse

2. Reg. 6.
16.

1. Par.
16. 39.
21. 29.

2. Reg. 8.
1. Par.
18.

2. Reg.
24. 25.
1. Par.
21. 22.
E seq.
Jo sep b.
ant. 7. 10

todo o serviço. Quando David teve destruido todos os seus inimigos, e levado as conquistas do Povo de Deos até o Eufrates: pacifico, e victorioso voltou todos os seus pensamentos para o estabelecimento do culto Divino; e sobre o mesmo monte em que Abraham, prompto para sacrificar a seu filho unico, foi embaraçado pela maõ de hum Anjo, elle delineou por ordem de Deos o lugar do Templo.

3. Reg.
6. 7. 8.

Fez todos os desenhos; ajuntou os ricos, e preciosos materiaes; para esta obra destinou os despojos dos povos, e dos Reis vencidos. Mas este Templo, que devia ser disposto pelo Conquistador, devia ser edificado pelo pacifico. Salomaõ o fundou sobre o modello do Tabernaculo. O Altar dos holocaustos, o Altar dos perfumes, o Candieiro de ouro, as Taboas dos paens da proposição, todo o resto dos moveis sagrados do Templo, foi formado sobre o modello das obras semelhantes, que Moysés havia feito fazer no deserto. Salomaõ nada lhe ajuntou mais que a magnificencia, e a grandeza. A Arca que o homem de Deos havia construido foi

2. Par. 3.
4. 5 6. 7.

foi posta em o Santo dos Santos, lugar inaccessivel, symbolo da impenetravel Magestade de Deos, e do Ceo, prohibido aos homens até que Jesus Christo lhes houvesse aberto a entrada pelo seu sangue. No dia da Dedicacão do Templo, Deos alli se deixou ver na sua Magestade. Escolheu este lugar para nelle estabelecer o seu nome, e o seu culto. Prohibio que se sacrificasse em outra parte. A unidade de Deos foi mostrada pela unidade do seu Templo. Jerusalem veio a ser huma Cidade santa, imagem da Igreja, aonde Deos devia habitar como no seu verdadeiro Templo, e do Ceo, aonde nos tornará eternamente felizes pela manifestacão da sua gloria.

Depois que Salomaõ teve edificado o Templo, tambem edificou o Palacio dos Reis, cuja Architectura era digna de hum tam grande Principe. A sua casa de recreio que se chamou o bosque do Libano era igualmente soberba, e deliciosa. O Palacio que levantou para a Rainha foi hum novo ornamento para Jerusalem. Tudo era grande nestes edificios; as fallas, os corredores, as galari-

3. Reg 7.
10.

Jarias, os passeios, o Throno do Rei, e o Tribunal em que se fazia a justiça: o cedro foi a unica madeira que empregou nestas obras. Em tudo resplandecia o ouro, e as pedras preciosas. Os Cidadãos, e os Estrangeiros admiravaõ a Magestade dos Reis de Israel. O resto correspondia a esta magnificencia: as Cidades, os Arsenaes, os Cavallos, os Carros, a guarda do Principe. O Commercio, a navegaçaõ, e a boa ordem, com huma paz profunda, haviaõ tornado a Jerusalem a mais rica Cidade do Oriente. O Reino estava soccegado, e abundante; tudo nelle representava a gloria Celeste. Nos combates de David viaõ-se os trabalhos pelos quaes se devia merecer, e via-se no reinado de Salomaõ quanto a sua posse era deliciosa.

Finalmente a elevaçãõ deste dous grandes Reis, e da familia Real foi o effeito de huma eleiçaõ particular. O mesmo David celebra a maravilha desta eleiçaõ por estas palavras: *Deos escolbeo os Principes na Tribu de Judá. Na Casa de Judá, escolbeo a casa de meu Pai. Entre os filhos de meu Pai, foi servido eleger-me para Rei*

3. Reg.
10.
1. Par. 1
8. 9.

1. Par. 28.
4. 5.

Rei do seu povo de Israel ; e entre os meus filhos (porque o Senhor me deo muitos) elegeo a Salomaõ para ser collocado sobre o Throno do Senhor , e para reinar sobre Israel.

Esta eleição Divina tinha hum objecto mais alto que o que á primeira vista parece. Este Messias , tantas vezes promettido como o filho de Abraham , devia tambem ser o filho de David , e de todos os Reis de Judá. Em attençaõ ao Messias , e ao seu reinado eterno foi que Deos prometteo a David que o seu Throno subsistiria eternamente. Salomaõ escolhido para lhe succeder , era destinado para representar a pessoa do Messias. Por esta razão he que Deos disse del-
 le : eu sevei seu Pai , e elle será meu
 Filho ; cousa que com semelhante for-
 ça ja mais disse de algum Rei , nem
 de algum homem.

2. Reg. 7.
 14.
 1. Par. 24
 20.

Tambem no tempo de David , e governando os Reis seus filhos , o misterio do Messias se declarou mais que nunca por Profecias magnificas , e mais claras que o Sol.

David o vio de longe , e o cantou nos seus Psalmos com huma magnificencia sem igual. Muitas v. zes naõ

pensava senão em celebrar a gloria
 de Salomão seu filho; e de repente
 transportado fóra de si mesmo, e le-
 vado bem longe de si, vio aquelle
Math. 6. *que he mais que Salomão na sua gloria,*
29. 12. 42. *do mesmo modo que na sabedoria. O*
Pfalm. 71. *Messias lhe appareceo assentado sobre*
5. 11. 17. *hum Throno, mais duravel que o*
Sol, e a Lua. Vio a seus pes todas as
Naçoens vencidas, e ao mesmo tem-
po abençoadas nelle, conforme a
promença feita a Abraham. Levan-
tou os seus olhos ainda mais alto;
elle o vio em os resplendores dos San-
tos, e antes da Aurova, sabindo e-
ternamente do seio de seu Pai, Ponti-
fice eterno, e sem successor, não suc-
cedendo tambem a pessoa alguma
creada extraordinariamente, não se-
gundo a ordem de Aram, mas segun-
do a de Melchisedech; ordem nova
que a Lei não conhecia. Vio-o senta-
do á direita do Padre, vendo do mais
alto dos Ceos a seus inimigos abati-
dos. He assombrado por hum tão
grande espectaculo, e arrebatado pe-
la gloria de seu filho, elle lhe chama
seu Senhor.

Pf. CIX.

Vio que era Deus a quem Deus ba-
 via ungido para o fazer reinar sobre
 toda

toda a terra pela sua doçura, pela sua *Psal. 41.*
 verdade, e pela sua justiça. Assistio *3. 4. 5. 6.*
 em espirito ao Concelho de Deos, e *7. 8.*
 ouvio da propria boca do Padre E-
 terno aquella palavra que elle enca-
 minha a seu filho unico: *eu te gerei* *Pfal. 2.*
boje, á qual Deos ajunta a promessa *7. 8.*
 de hum Imperio perpetuo, que se es-
 tenderá sobre todos os Gentios, e só-
 tevá por limites os do mundo. Em *Ibid. 1. 2.*
 esta murmurão os povos, e os Reis, e os *4. 9.*
 Principes fazem conjuraçoens innute-
 is. O Senhor se rio do alto dos Ce-
 os dos seus insensatos projectos, e a-
 pezar delles estabeleceo o Imperio *Ibid. 10.*
 do seu Christo. Sobre elles mesmos *&c.*
 o estabeleceo; e he preciso que elles
 sejaõ os primeiros subditos deste
 Christo, cujo jugo queraõ sacudir.
 E ainda que o reinado deste grande
 Messias seja muitas vezes vaticinado
 nas Escripturas debaixo de ideas ma-
 gnificas, Deos não occultou a David
 as ignominias deste abençoado fru-
 cto das suas entranhas. Esta instruc-
 ção era necessaria ao Povo de Deos.
 Se este povo ainda enfermo necessi-
 tava de ser attrahido pelas promes-
 sas temporaes, por isso mesmo era
 preciso não lhes deixar ver as gran-

dezas humanas como a sua soberana
felicidade, e a sua unica recompensa:
por esta razao he que Deos mostra
de longe este Messias por tantas
vezes promettido, e tao desejado,
o modello da perfeicao, e objecto
das suas complacencias, abytnado
em a dor. A Cruz apparece a David
como o Throno verdadeiro deste

Pfal. 21.

17. 18. 19.

Pfal. 68.

22.

Pfal. 21.

8. 13. 14.

17. 21. 22.

Mat. 7. 11.

1. 2. 12.

10. 21. 11.

1. 2. 12.

11. 22. 11.

1. 2. 12.

grande Rei. Vê as suas mãos, e
pés, todos os seus ossos assinalados so-
bre a pelle; por todo o pezo do seu
corpo violentamente suspendido: os
seus vestidos repartidos, a sua tunica
posta em sorte, a sua lingua molhada
em fel, e vinagre, os seus inimigos
blasfemando ao redor delte, e facian-
do-se com o seu sangue. Mas vê no
mesmo tempo as gloriosas consequen-
cias das suas humilhaçoens, todos os
povos da terra lembrarem-se do seu De-
os, esquecido ha tantos seculos; os
pobres virem primeiramente á Mesa
do Messias, e depois os ricos, os po-
derosos, todos a adorá-lo, e abenço-
á-lo, presidindo-lhes na grande, e
numerosa Igreja, isto he, na Assem-
bléa das Naçoens convertidas, e a-
hi annunciando a seus Irmaons o nome
de Deos, e as suas verdades eternas.

Da-

David que vio estas cousas, reconheceo vendo-as que o Reino de seu filho não era deste mundo. Disto não se admira; porque sabe que o mundo passa; e hum Principe sempre tao humilde sobre o Throno, via bem que hum Throno não era hum bem, em que se devessem terminar as suas esperanças.

Os outros Profetas não tem menos visto o Mysterio do Messias. Nada há grande, nem glorioso que elles não tenham dito do seu reinado. Hum vê *Bethlem a mais pequena Cidade de Judá*, illustre pelo seu nascimento, e no mesmo tempo elevada mais alto; vê hum outro nascimento, pelo qual *sabe de toda a eternidade* do seio de seu Pai: outro vê a Virgindade de sua Mãe: hum *Manoel*, hum *Deos* comnosco sair deste seio Virginal, e hum filho admiravel a quem chama *Deos*. Este o vê entrar em o seu Templo; o outro o vê glorioso na sua *Sepultura*, aonde a morte tem sido vencida. Publicando as suas magnificencias, não calla os seus opprobrios. Elles o viraõ vendido, soberaõ o numero, e o emprego de *trinta dinheiros* pelos quaes

Mich. 5. 2.

If. 7. 14.

Ibid. 9. 6.

Mal. 3. 1.

If. 12. 10.

53. 9.

Zach. 11.

foi 12. 13.

If. 52. 13. foi vendido. Ao mesmo tempo em
53. 1. que o tem visto grande, e elevado, o
 virão desprezado, e desconhecido no
 meio dos homens; o assombro do mun-
 do, assim pela sua baixeza, como
 pela sua grandeza; o ultimo dos bon e-
 ens, o homem das dores, carregado de
 todos os nossos peccados, bemfeitor, e
 desconhecido, desfigurado pelas suas
 chagas, e com ellas sarando as nossas,
 tratado como hum criminoso, levado
 ao supplicio com os mãos, e entregan-
 do-se como hum Cordeiro innocente,
 pacificamente á morte; huma longa
 posteridade nascer delle por este meio,
 e a vingança soltada sobre o seu povo
Dan. 9. incredulo. A fim de que nada faltasse
 á Profecia, contaraõ os annos até
 á sua vinda, de maneira que só es-
 tando cego he que se póde deixar de
 o conhecer.

Não sómente os Profetas viaõ a
 Jesus Christo, mas tambem eraõ a
 sua figura, e representavaõ os seus
 Mysterios, principalmente o da
 Cruz. Quasi todos elles tem soffrido
 perseguiçaõ pela justiça, e nos tem
 figurado nas suas mortificaçoens a in-
 nocencia, e a verdade perseguida
 em Nosso Senhor, Vê-se Elias e Eli-
 seu

seu sempre ameaçados. Quantas vezes Isaias foi o rizo do povo, e dos Reis, que por fim, como tráz a tradiçã constante dos Judeos, o sacrificaraõ ao seu furor? Zacharias filho de Joada, he apedrejado: Ezechiel apparece sempre afflito e os males de Jeremias saõ contiunos, e inexplicaveis. Daniel se vê duas vezes no meio dos Leons. Todos tem sido contraditos, e mal tratados, e nos tem mostrado, pelo seu exemplo, que se a enfermidade do antigo povo pedia em geral ser sustida pelas bençoens temporaes, com tudo os fortes de Israel, e os homens de huma santidade extraordinaria, se sustentavaõ com o paõ da afflicçã, e bebiaõ anticipadamente para se santificarem no Caliz preparado para o Filho de Deos; Caliz outro tanto mais cheio de amargura, quanto a pessoa de Jesus Christo era mais santa.

Mas o que os Profetas viraõ mais claramente, e o que tambem declarã nos termos os mais magnificos, he a bençaõ derramada sobre os Gentios pelo Messias. *Este pimpolho de Jesse*, e de David appareceo no santo Profeta Isaias, como hum
figual

Ij. 11. 10.
Ibd. 52.
13. 14. 15.
53.

signal dado de Deos aos povos, e aos Gentios, a fim de que os invocassem. O homem de dores, cujas chagas deviaõ de fazer a nossa cura, era escolhido para lavar os Gentios por meio de huma sancta aspersão, que se reconhecía no seu sangue, e no bautismo. Os Reis occupados do respeito na sua presença, não se atreviaõ a abrir a boca diante d'elle. Os que nunca ouviraõ fallar d'elle, o viaõ; e aquelles por quem era desconhecido, são chamados para o contemplarem. Este he a testemunha dada aos povos; este he a cabeça, e o Mestre dos Gentios. Debaixo d'elle, hum povo desconhecido se ajuntará ao povo de Deos, e os Gentios para abi correrãõ de todas as partes. Elle he o justo de Siao, que se elevará como huma luz; este he o seu Salvador, que estará accendido como huma tocha. Os Gentios verãõ a este Justo, e os Reis conhecerãõ a este homem tao celebrado nas Profecias de Siao.

Ibid. 42.
1. 2. 3. 4. 5.
6. 46. 9.

Aqui está ainda melhor descripto, e com hum caracter particular. Hum homem de huma doçura admiravel, singularmente escolhido por Deos, e o objecto das suas complacencias, de-
 clara,

clara, aos Gentios o seu juizo: as
 Ilhas esperão a sua Lei. Assim he que
 os Hebreos chamaõ a Europa, e os
 paizes distantes. Não fará algum es-
 trondo: apenas será ouvido, tanto
 será doce, e pacifico. Nam pizará
 com os seus pés buma cana quebrada,
 nem apagará buma minima parte de
 hum panno queimado que fumeja. Lon-
 ge de opprimir os enfermos, e os
 peccadores, a sua voz caritativa os
 chamará, e a sua benefica mão será
 o seu apoio. Abrirá os olhos dos ce-
 gos, e tirará os cativos da sua pri-
 são. O seu poder não será menor que
 a sua bondade. O seu caracter essen-
 cial he ajuntar ao mesmo tempo a
 doçura com a efficacia: por esta ra-
 zão he que aquella voz tam doce
 passará em hum momento de huma
 extremidade do mundo para a outra,
 e sem causar alguma sedição entre
 os homens, ella excitará a toda a
 terra. Não he aspero, nem impe-
 tuoso, e aquelle que apenas era co-
 nhecido quando apparecia na Ju-
 dea, não será samente o fundamen-
 to da Alliança do povo, mas tão-
 bem a luz de todos os Gentios. De-
 baixo do seu reinado admiravel, or
 Af-

*Affirios, e os Egipcios não formarão mais com os Israelitas senão hum mesmo povo de Deos. Tudo vem a ser Israel, e tudo vem a ser santo. Jerusaleem não he mais huma Cidade particular; he a imagem de huma nova sociedade, aonde todos os povos se ajuntão: a Europa, a Africa, a Azia recebem os prégadores, nos quaes Deos por o seu final a fim de que descubraõ a sua gloria aos Gentios. Os escolhidos, até entã chamados pelo nome de Israel, terão outro nome, em que será afinalado o complemento das promessas, e hum amen bem aventurado. Os Sacerdotes, e os Levitas, que até entã nasciam de Aaraõ, nasceraõ dahi em diante do meio da Genti-
*lidade: hum novo sacrificio mais puro, e agradavel, que os antigos, será substituido no seu lugar, e se saberá porque David havia celebra-
do hum Pontifice de huma nova Or-
dem. O justo descera do Ceo como hum orvalho; a terra produzirá seu pimpolho, e este será o Salvador, com o qual se verá nascer a justiça. O Ceo, e a terra se unitão para produzi-
rem como de hum commum parto*
aque-*

*If. 60. 1.
 2. 3. 4. 11.
 61. 61. 1.
 2. 3. 11.
 62. 1 2.
 11. 65. 1.
 2. 15. 16.
 66. 19.
 20. 21.*

*Malach.
 1. 109. 41.*

*Psal. 10.
 If 45. 8.
 23. 24.*

aquelle que será ao mesmo tempo celeste, e terrestre: novas idéas de virtude appareceram ao mundo nos seus exemplos, e na sua doutrina, e a graça que elle derramar os imprimirá em os corações. Tudo se muda com a sua vinda, e Deos jurava per si mesmo, que todo o joelho se dobrará diante d'elle, e que toda a lingua reconhecera o seu Soberano poder.

Exaqui huma parte das maravilhas que Deos tem mostrado aos Profetas no tempo dos Reis, filhos de David, e a David antes de todos os mais. Todos escrevem anticipadamente a Historia do Filho de Deos, que tambem devia ser feito filho de Abrahaõ, e de David. Assim he que tudo he seguido na ordem dos concelhos Divinos. Aquelle Messias mostrado de longe como o filho de Abrahaõ, he tambem mostrado de mais perto como o filho de David. Hum exemplo eterno lhe he promettido, o conhecimento de Deos espalhado por todo o mundo, he notado com o final certo, e com o fructo da sua vinda; a converção dos Gentios, e abenção de todos

os povos do mundo promettida del-
de, tão longos tempos a Abrahão,
a Isaac, e a Jacob, he novamente con-
firmada, e todo o Povo de Deos
vive nesta esperança.

2. Reg.

7. 8. &

seq. 4

3. Reg.

9. 4. &

seq.

2. Par. 7.

17. & seq.

2. Reg.

11. 12.

& seq.

Entre tanto Deos continua em o
governar por huma maneira admi-
ravel. Faz hum novo pacto com Da-
vid, e se obriga a proteger a elle,
e aos Reis seus descendentes, se se
regularem pelos preceitos que lhes
deu por Moylés, se não lhes annun-
cia rigorosos castigos. David, que
se esquece por hum pouco de tem-
po, os experimenta primeiro; mas
havendo reparado a sua culpa pela
sua penitencia, he carregado de
bens, e proposto como modello de
hum Rei perfeito. O Throno se fir-
mou na sua casa. Salomão seu fi-
lho he feliz em quanto imita a sua
piedade, prevarica na sua velhice,
e Deos que o poupa por amor do
seu servo David, lhe annuncia que
o castigará na pessoa de seu filho.
Assim mostra aos pais que segundo
a ordem occulta dos seus juizos,
faz durar depois da sua morte as
suas recompensas, ou os seus cas-
tigos; e os conserva sujeitos ás su-
as

4. Reg. 11.

as Leis pelo seu interesse o mais amado; isto he, pelo interesse da sua familia. Em execucao destes Decretos, Roboão temerario por si mesmo, he entregado a hum conselho incensato: o seu Reino fica com menos dez Tribus. Em quanto ellas dez Tribus rebeldes, e schismaticas se separaõ do seu Deos, e do seu Rei, os filhos de Judá, fieis a Deos, e a David, seu escolhido, permanessem na Alliança, e na fé de Abraham. Os Levitas se juntaõ a elles com Bejamin; o Reino do Povo de Deos subsiste por meio da uniaõ debaixo do nome do Reino de Judá; e a Lei de Moyses nelle se conserva inteiramente observada. A pezar das Idolatrias, e da espantosa corrupçaõ das dez Tribus separadas, Deos se lembra da sua Alliança com Abraham, Isaac, e Jacob. Não se extingue a sua Lei entre aquelles rebeldes: não cessa de os chamar para a penitencia por innumeraveis milagres, e pelas continuas advertencias que lhes envia pelos seus Profetas. Badurecidos em o seu crime, não os pôde mais suportar, e os expulsa da terra promet-

3. Reg. 12.

3. Reg. 12.
 3. Reg. 12.
 3. Reg. 12.
 3. Reg. 12.
 3. Reg. 12.
 3. Reg. 12.
 3. Reg. 12.
 3. Reg. 12.
 3. Reg. 12.
 3. Reg. 12.

11. Reg. 17.

4. Reg. 17.
 6. 7. 8.
 seq.

mettida sem esperança de nella jamais serem restabelecidos.

Tob. 1. 5.
6. 7.

A Historia De Tobias succedi-
da naquelle mesmo tempo, e nos
principios do cativeiro dos Israelitas,
nos manifesta a conducta dos
escolhidos de Deos, que ficaraõ nas
dez Tribus separadas. Este santo ho-
mem vivendo entre elles antes do
cativeiro, soube naõ sómente con-
servar-se puro das Idolatrias de se-
us irmaõs, mas tambem praticar a
fé, e adorar a Deos publicamente
em o Templo de Jerusaleim, sem
que os máos exemplos, nem o me-
do lhe servissem de embaraço. Ca-
tivo, e perseguido em Ninive, pre-
fisiõ na piedade com a sua fami-
lia: e a maneira admiravel porque
elle, e seu filho saõ recompensa-
dos da sua fé, ainda cá na terra,
mostra que apezar do cativeiro, e
da perseguiçaõ, Deos tinha meios
ocultos para fazer sentir aos seus
fervos as benções da Lei, e levan-
do-os com tudo por males que ti-
nham para soffrer a mais altos pen-
samentos pelos exemplos de Tobias,
e pelas suas santas advertencias, os
Israelitas eraõ excitados a reconhe-
rem,

cerem, ao menos debaixo da vara, a mão de Deus que os castigava; mas quasi todos persistião na obstinaçãõ: os de Judá em lugar de se aproveitarem dos castigos de Israel, imitavaõ os seus máos exemplos. Deus não cessa de os advertir pelos seus Profetas, que de repente lhes envia: *vellando de noite, e madrugando de manhã*, como elle mesmo diz para exprimir os seus cuidados paternos. Disgostoso pela sua ingratiçãõ, irrita-se contra elles, e os ameaça com hum tratamento igual ao que praticou com seus Irmaõs rebeldes.

4. Reg. 17.
9. 23. 6.
27.
2. Par. 36.
15.
Jer. 29.
19.

CAPITULO V.

A vida, o Ministerio Profetico, e os Juizos de Deus declarados pelos Profetas.

Nada ha mais notavel na Historia do Povo de Deus que este ministerio dos Profetas. Vê-se homens separados do resto do povo por hum *vida retirada*, e hum traje

1. Reg.
28. 14.

par-

- particular. Tem habitações em que
 são vistos viverem em huma espe-
 cie de comunidade debaixo de
 hum superior que Deos lhes dava.
3. Reg. 19. 19. A sua vida pobre, e penitente era
 4. Reg. 1. 8. a figura da mortificação, que devia
 ser annunciada no Evangelho. Deos
 se communicava a elles por hum mo-
 do particular, e fazia brilhar aos
 olhos do povo aquella maravilha-
 sa communicação; mas jamais ella
 brilhava com tanta força, como nos
 tempos da desordem, nos quaes
 parecia que a Idolatria hia abolir
 a Lei de Deos. Nestes infelizes
 tempos faziaõ os Profetas soar de
 todas as partes, e de viva voz,
 e por escripto as ameaças de Deos,
 e o testemunho que davaõ á sua
 verdade. Os escriptos, que faziaõ,
 andavaõ entre as mãos de todo o
 povo, e eraõ cuidadosamente con-
 servados em memoria perpetua pa-
 ra os seculos futuros. Os do povo
 que pertiliaõ fies a Deos, se uniaõ
 a elles; e até vemos que em Israel,
 a onde reinava a Idolatria, quan-
 tos fies haviaõ celebravaõ com os
 Profetas o Sabbado, e as festas es-
 tabellecidas pela Lei de Moyses.
- Es-

Estes erã os que animavaõ a gente de bem a que permanecessem firmes na Alliança. Muitos destes soffreraõ a morte: e ao seu exemplo se vio nos peores tempos, isto he, no mesmo reinado de Manassés, huma infinidade de fieis derramarem o seu sangue pela verdade, de forte, que não tem existido hum só momento sem testemunho.

Assim a sociedade do Povo de Deos subsistia sempre: os Profetas nella viviaõ unidos; hum grande numero de fieis persistia altamente na Lei de Deos com elles, e com os *sacrificadores, filhos de Sadoch*, que como diz Ezequiel, *nos tempos da prevaricaçaõ, haviaõ persistido na observancia das ceremonias do Sanctuario.*

Com tudo a pezar dos Profetas; a pezar dos Sacerdotes fieis, e do povo unido com elles na pratica da Fé, a Idolatria que havia arruinado a Israel, arrastava taõbem frequentemente na Judéa os Princeses e a maior parte do povo. Aindaque os Reis se esquecessem do Deos de seus pais, elle supportou por muito tempo as suas iniquidades por

E. causã

causa de David seu servo. David sempre está presente aos seus olhos. Quando os Reis filhos de David, seguem os bons exemplos de seu pai, Deos obra pafmosos milagres em seu favor: mas elles sentem quando degeneraõ, a força invencivel da sua maõ, que sobre elles se descarrega. Os Reis do Egypto, os Rei da Syria, e sobre tudo os da Assyria, e de Babylonia, servem de instrumento á sua vingança. A impiedade se augmenta, e Deos suscita no Oriente hum Rei mais soberbo, e formidavel que todos os que até entaõ lhe haviaõ precedido: este he Nabuchodonosor, Rei de Babylonia, o mais terrivel dos Conquistadores. Elle o mostra de longe aos povos, e aos Reis como o vingador destinado para os punir. Aproxima-se, e o terror caminha diante del-le. Toma pela primeira vez a Jerusalem, e transporta para Babylonia huma parte dos seus habitantes. Nem os que ficaõ no paiz, nem os que saõ transportados, ainda que advertidos huns por Jeremias, outros por Ezequiel, fazem penitencia. Preferem a estes Santos Profetas,

*Jer. 25.
Ec.
Ezech.
26. Ec.
4. Reg.
24. 1.*

tas, os que lhes pregavaõ illusões,
e os lisongeavaõ nos seus crimes. O
vingador volta para a Judéa, e o
jugo de Jerusalem se agrava; mas
naõ he totalmente destruida. Em fim
a iniquidade chega ao seu cume;
a soberba cresce com a fraqueza;
Nabuchodonosor põe tudo em pó.

2. Par;

36.

Jer. 1. 4;

34.

1. Reg.

25.

Deos naõ poupa o seu Sanctuario.
Este bello Templo, o ornamento do
mundo, que devia ser eterno se
os filhos de Israel hovessem perse-
verado na piedade, foi consumido
pelo fogo dos Assyrios. Em vaõ os
Judeos diziam continuamente, o
Templo de Deos, o Templo de Deos,
o Templo de Deos, está entre nós,
como se este Templo sagrado só fos-
se obrigado a protegêlos. Deos havia
resolvido mostrar-lhes que naõ esta-
va ligado a hum edificio de pedra,
mas que queria achar coraçõens fi-
eis. Assim destruiu o Templo de Je-
rusalem, e deo á pilhagem os seus
thesouros, e tantos ricos vasos con-
sagrados pelos Reis piedosos, foraõ
abandonados a hum Rei impio.

4. Reg. 21;

7. 8.

3. Reg.

9. 3.

Jer. 7.

Mas a queda do Povo de Deos
devia ser a instrucção de todo o

o povo de Deos. E a instrucção de todo o

o povo de Deos. E a instrucção de todo o

mundo. Nós vemos na pessoa deste Rei impio, e junctamente victorioso, o que saõ os Conquistadores. Pela maior parte naõ saõ mais que os instrumentos da vingança Divina. Deos exercita por elles a justiça, e depois a exercita sobre elles mesmos. Nabuchodonosor revestido do poder Divino, e constituido invencivel por este ministerio, castiga a todos os inimigos do povo de Deos, destroe os Idomeneos, os Amonitas, e os Moabitas, e abate os Reis da Syria: o Egypto debaixo do poder do qual a Judéa havia tantas vezes gemido, he a preza deste Rei soberbo, e lhe vem a ser tributario: o seu poder naõ he menos fatal a Judéa mesma, que naõ sabe aproveitar-se das dilacões que Deos lhe dá. Tudo cahe, tudo he abatido pela Justiça Divina, da qual Nabuchodonosor he o ministro: elle cairá a seu tempo, e Deos, que usa da maõ deste Principe para castigar os seus filhos, e abater os seus inimigos, o reserva para a sua maõ omnipotente.

4. Reg. 36.
 7.

CAPITULO VI.

Juízos de Deos sobre Nabuchodonosor, sobre os Reis seus successores, e sobre todo o Imperio de Babylonia.

NÃO consentio que seus filhos ignorassem o destino daquelle Rei que os castigava, e do Imperio dos Caldeos, debaixo do qual devião ser cativos. Temendo que fossem allombrados pela gloria dos impios, e pelo seu reinado orgulhoso, os Profetas lhes annunciavaõ a sua curta duraçaõ. Ifaias que vio a gloria de Nabuchodonosor, e a sua louca soberba muito tempo antes do seu nascimento predisse a sua queda repentina, e a do seu Imperio. Babylonia não era quasi nada quando este Profeta vio o seu poder, e hum pouco depois a sua ruina. Assim as revoluções das Cidades, e dos Imperios, que atormentavaõ o Povo de Deos, ou se aproveitavaõ da sua perda, eraõ escriptas nas suas Profecias. Estes oraculos eraõ seguidos

*If. 12. 14.
21. 4. 5.
46. 47. 48.*

de humia prompta execuçaõ; e os Judéos taõ aspera mente castigados, vieraõ a cahir antes delles, ou com elles, ou hum pouco depois, segundo as predicções dos seus Profetas; naõ sómente Samaria, Idumêa, Gaza, Ascalon, Damasco, as Cidades dos Amonitas, e dos Moabitas seus perpetuos inimigos, mas tambem as Capitaes dos grandes Imperios, mas Tyro a senhora do mar, mas Tanais, mas Memphis, mas Thebas, a de cem portas com todas as riquezas do seu Sezostris, mas a mesma Ninive, a Corte dos Reis da Assyria, seus perseguidores, mas a soberba Babylonia, vencedora de todas as outras, e rica dos seus despojos.

He verdade que Jerusaleem acabou no mesmo tempo pelos seus peccados: mas Deos naõ a deixou sem esperança. Isaias, que havia profetizado a sua perda, havia visto o seu glorioso restabelecimento, e lhe havia mesmo nomeado Cyro seu libertador, duzentos annos antes que fosse nascido. Jeeremias cujas predicções haviaõ sido taõ precisas para assinalar a este povo ingra-

to a sua perda certa, lhe havia pro- *Dan. 2;*
mettido a sua volta depois de se- *46.*
tenta annos de cativoiro. No espaço *Dan. 4. 1;*
destes annos aquelle povo abatido
era respeitado em os seus Profetas;
aquelles cativos pronunciavaõ aos
Reis, e aos povos os seus terriveis *Ibid. 26.*
destinos. Nabuchodensor, que que- *Jer. 27.*
ria fazer-se adorar, adora elle mes-
mo a Daniel assombrado pelos segre-
dos Divinos, que lhe descubria.
Ouve da sua boca a sua sentença,
a qual bem cedo vê executada. Este
Principe glorioso triunfava em Ba-
bylonia, a qual fez a maior Cidade,
a mais forte, e a mais bella que o
Sol ja mais vio. Lá era que Deos o
esperava para aniquilar a sua sober-
ba. Feliz, e invulneravel, para af-
fim fallar, na frente dos seus ex-
ercitos, e durante todo o curso das
suas Conquistas, devia acabar na sua *Exod. 21;*
casa segundo o Oraculo de Ezequi- *30.*
el, quando admirando a sua gran-
deza, e a formosura de Babylonia,
se elleva sobre a humanidade, Deos
o fere, o degrada de racional, e *Dan. 4.*
o põe entre os brutos. Chega ao *32.*
tempo assignallado por Daniel, e re-
conhece o Deos do Ceo que lhe ha-

via feito sentir o seu poder: mas os successores não se aproveitão do seu exemplo. As cousas de Babylonia se confundem, e entre todas estas desordens chega o tempo affinalado pelos Profetas para o restabelecimento de Judá. Cyro apparece na frente dos Medos, e dos Persas: tudo cede a este formidavel Conquistador. Adianta-se lentamente para os Chaldeos, e a sua marcha he muitas vezes interrompida. As noticias da sua vinda vem de tarde em tarde, como havia profetizado Jeremias; emfim elle se determina. Babylonia muitas vezes ameaçada pelos Profetas, e sempre soberba, e impenitente, vê chegar o seu vencedor a quem ella despreza. Suas riquezas, suas altas muralhas, seu povo innumeravel, seu prodigioso recinto, que fechava todo hum grande paiz, como attestaõ todos os Antigos, e as suas provisões infinitas lhe inchaõ o coraçãõ. Situada durante hum longo tempo, sem sentir alguma incommodidade, ella se ri dos seus inimigos, e dos fossos que Cyro abria ao redor della: alli não se falla mais que de

fes-

Herod.
lib. 1.
Xenoph.
lib. 2. 3.
Ec. Pa-
dag.
Jer. 51.
46.

Herod.
lib. 1.
Xenoph.
lib. 7. Pa-
dag.
Ar. ff. 3.
Yelit.
01. 01.

Dan. V.

festas, e de prazeres. O seu Rei Balthasar, neto de Nabuchodonosor, tão soberbo como elle, mas menos sabio, faz huma festa solemne a todos os Senhores. Esta festa he celebrada com excessos inauditos. Balthasar faz trazer os Vasos Sagrados, roubados do templo de Jerusalem, e mistura aprofanação com o luxo. A colera de Deos se declara; huma mão Celeste escreve palavras terribes sobre a parede da sala, donde se fazia a festa. Daniel interpetra o seu sentido; e este Profeta, que havia profetizado a queda funesta do avô, tambem manifesta ao neto o raio que vai partir, para o consumir. Em execução do Decreto de Deos, Cyro abre de repente huma entrada em Babylonia. O Eufrates divertido em os fossos que lhe preparava havia muito tempo, lhe descobre o seu leito immenso, e entra por esta passagem inopinada. Assim foi entregada em preza aos Medos, e aos Persas, e a Cyro, como haviaõ dito os Profetas, aquella soberba Babylonia. Assim acabou com ella o Reino dos Caldeos, que havia destruido tantos outros Reinos,

e o martello que havia quebrado a
 todo o mundo, foi tambem quebrado.
 If. 14.5.6. Jeremias o hav a profetizado. O Se-
 nhor rompeo a vara com que b. via
 ferido a tantas Nações: Haiaas o ha-
 via previsto. Os povos acostumados
 ao jugo dos Reis Caldeos, os vem
Ibid. 10. tambem debaixo do jugo. Vós exa-
 qui, disserão elles, feridos como nós;
 vós vistes a ser similtantes a nós;
 vós que dizeis em vosso coração, eu
Ibid. 21.9. elevarei o meu Throno sobre os Astros;
 e fevei similtante ao Altissimo. Isto he
 o que havia pronunciado o mesmo
Ibid. 46.1. Haiaas. Cabe, cabe, como o havia
 dito este Profeta, esta grande Ba-
 bylonia, e os seus Idolos são despe-
 daçados. Bel he lançado por terra; e
 Nabú, seu grande Deus, do qual
 os Reis tomavaõ o nome, cabe por
 terra, porque os Persas seus inimi-
 gos, adoradores do Sol, não soffri-
 ão Idolos, nem Reis a quem se desse
 o culto de Divindades. Mas como a-
 cabou esta Babylonia? Como os Pro-
 fetas o haviaõ declarado. Seccavaõ-
 se as suas agoas, como havia pr-
 fetizado Jeremias, para dar passa-
 gem ao seu vencedor; embebedada,
 adormecida, entregada pela sua pro-
 pria

pria alegria, segundo o mesmo Profeta, acha-se no poder dos seus inimigos, e preza como em hum laço sem o saber. Passasse ao fio da espada todos os seus habitantes; porque os Medos, seus vencedores, como havia dito Isaías, não procuravaõ nem ouro, nem prata, mas a vingança, mas faltar o seu odio por meio da perda de hum povo cruel, a quem a sua soberba fazia inimigo de todos os povos do mundo. Os correios vinhaõ hum sobre outro annunciar ao Rei que o inimigo entrava na Cidade: Jeremias assim o havia notado. Os seus Astrologos em quem ella cria, e que lhe promettiaõ hum Imperio eterno, não a poderaõ salvar ao seu vencedor. He Isaías, e Jeremias os que de hum commum acordo o annunciaõ. Naquelle estpantoso estrago os Judeos advertidos de longe, somente escaparaõ á espada do vencedor. Cyro por meio desta conquista vindo a ser o Senhor de todo o Oriente, reconhece neste povo, tantas vezes vencido, não sei o que de Divino. Arrebatado dos Oraculos, que haviaõ vaticinado as suas victorias, confessa que deve o seu Imperio

7. Par. 36. perio ao Deos do Ceo, a quem os Ju-
 22. deos serviaõ, e affinala o primeiro
 1. Eslr. anno do seu reinado pelo restabele-
 1. 2. cimento do seu Templo, e do seu
 povo.

CAPITULO VII.

*Diversidade dos Juizos de Deos: ju-
 zo de vigor sobre Babylonia; ju-
 zo de misericordia sobre Je-
 rusalem.*

Quem naõ admiraria aqui a Pro-
 videncia Divina, uõ eviden-
 temente declarada sobre os Ju-
 deos, e sobre os Chaldeos, sobre
 Jerusalem, e sobre Babylonia! Deos
 quer castigar a estas duas Nações, e
 a fim de que se naõ ignore que he el-
 le quem o faz, he servido declaral-
 lo por cem Profetas. Jerusalem, e
 Babylonia ambas ameaçadas no mes-
 mo tempo, e pelos mesmos Profe-
 tas, cahem huma depois da outra
 no tempo affinalado. Mas Deos de-
 cobre aqui o grande segredo dos
 dous castigos de que se serve; hum
 cas.

castigo de rigor sobre os Chaldeos, hum castigo paternal sobre os Judeos; que são seus filhos. A soberba dos Chaldeos (este era o caracter da Nação, e o espirito de todo aquelle Imperio) fica para sempre abatida. *Cabio o soberbo, e não se levantará*, dizia Jeremias, e Isaías antes delle, *Babylonia a gloriosa, da qual os Chaldeos insolentes se ensoberbecião, tem sido feita semelhante a Sodma, e Gomorra, a quem Deos não deixou algum recurso. Não succedeo assim aos Judeos: Deos os castigou como filhos desobedientes, que torna a reduzir á sua obrigação por meio do castigo; e depois penetrado pelas suas lagrimas se esquece dos seus crimes. Não temas, ó Jacob, diz o Senhor, porque eu sou comtigo; eu te castigarei com justiça, e não te perdoarei como se fosses innocente; mas não te destruirei como destruí as Nações, entre as quaes eu te espalhei. Por esta razão he que Babylonia, tirada para sempre aos Chaldeos, he entregada a outro povo, e Jerusaleem restabelecida por huma mudança maravilhosa, vê tornarem a vir seus filhos de todas as partes.*

CAPITULO VIII.

Redempção do Povo governando Zorobabel, Esdras, e Nehemias.

Zorobabel da Tribu de Judá, e do sangue dos Reis, foi quem os resgatou do cativoiro. Os de Judá recothem-se em turba, e enchem a todo o paiz. As dez Tribus dispersas se perdem entre os Gentios, excepto aquelles, que debaixo do nome de Judá, e reunidos debaixo das suas bandeiras, entraõ na terra de seus pais.

Entre tanto o Altar novamente se erige, o Templo se restabelece, os muros de Jerusaleem se tornaõ a levantar. A inveja dos povos vizinhos he reprimida pelos Reis da Persia, que vem a ser os protectores do Povo de Deos. O Pontifice torna a entrar no exercicio com todos os Sacerdotes, que prováraõ a sua descendencia pelos registros publicos: os outros são regeitados. Esdras Sacerdote, e Doutor da Lei, e Nehemias Governador, reformaõ todos

os abusos que o cativeiro havia introduzido, e fazem observar a Lei em toda a sua pureza. O povo chora com elles as transgressões que lhes havia causado aquelles grandes castigos, e reconhece que Moysés os havia profetizado. Todos ao mesmo tempo lem nos santos Livros as ameaças do homem de Deus; vem o seu complemento: o Oraculo de Jeremias, e a redempção taõ promettida depois de setenta annos de cativeiro, os affombra, e os consola: adorã os Juizos de Deus, e reconciliados com elle, vivem em paz.

2. Esdr. 12

8. 9.

1. Esdr.

1. 1.

CAPITULO IX.

Deos prompto para fazer cessar as Profecias, derrama as suas luzes mais abundantemente.

DEos, que obra tudo em o seu tempo, havia escolhido aquelle para fazer cessar os caminhos extraordinarios, isto he, as Profecias

no seu povo, desde então bastante-
mente instruído. Faltava perto de
quinhentos annos para chegar aos
dias do Messias. Deos facultou á
Mageslade de seu Filho o fazer cal-
lar os Profetas durante todo este
tempo, para ter o seu povo na espe-
rança daquelle, que devia ser o
complemento de todos os seus Ora-
culos.

Mas para o fim dos tempos em
que Deos havia resolvido pôr fim ás
Profecias, parecia que queria der-
ramar todas as suas luzes, e desco-
brir todos os conselhos da sua Pro-
videncia: tanto elle exprimio clara-
mente os segredos dos tempos futu-
ros.

Dan. 2. Durante o cativeiro, e principal-
3-5-8-27. mente perto dos tempos em que ha-
via acabar, Daniel venerado pela
sua piedade, até pelos Reis inheis,
e occupado pela sua prudencia nos
maiores negocios do seu Estado, vio
por ordem, por diversas vezes, e
debaixo de figuras diferentes, qua-
tro Monarquias, debaixo das quaes
devião viver os Israelitas. Elle as
affinalla pelos seus caracteres pro-
pios. Vê-se pallar como huma tor-
ren-

Ib. 2. 7. 8.
10. 11.
Ib. 7. 6. 8.
21. 22.

rente o Imperio de hum Rei dos Gregos; este era o de Alexandre. Pela sua queda se vê estabelecer-se outro Imperio menor que o seu, e enfraquecido pelas suas divisões: este he o dos seus successores, entre os quaes ha quatro assignallados na Profecia: Antipatro, Seleuco, Ptolomeo, e Antígono, são visivelmente denotados. He constante pela historia, que elles foraõ mais poderosos que os outros, e os unicos, cujo poder tem passado a seus filhos. Vê-se as suas guerras, os seus zelos, as suas enganosas alianças; a dureza, e a ambição dos Reis da Syria; a soberba, e os outros finaes que denotaõ a Antiocho o Ilustre, implacavel inimigo do Povo de Deos; a brevidade do seu reinado, e o prompto castigo dos seus excessos. Por ultimo vê-se nascer para o fim, e como no feio das Monarquias o reinado do Filho do Homem. Por este nome V. Alteza reconhece a Jesus Christo, mas este reinado do Filho do Homem tambem he chamado o Reinado dos Santos do Altissimo. Todos os povos se sujeitaõ a este grande, e pacifico Reino, a eterni-

Ib. 8. 8.

Ib. 11.

Dan. 2.

44. 45.

Ib. 7. 13.

14. 27.

vs. 8. 2. 8.

8. 7. 2. 13.

13. 01.

8. 0. 7. 01.

13. 14.

nidade lhe he promettida, e deve ser o unico, do qual o poder não passará para outro Imperio.

Quando virá este Filho do Homem, e este Christo tão desejado, e como cumprirá a obra que lhe he comettida, isto he, a Redempção do Genero humano? Deos o descobre manifestamente a Daniel. Em quanto elle vive occupado com o cativeiro do seu povo em Babilonia, e com os setenta annos, aos quaes Deos o havia querido limitar, no meio dos votos que fazia para o resgate de seus irmãos, he elevado de repente a mysterios mais altos. Vê outro numero de annos, e outra redempção muito mais importante. Em lugar dos setenta annos profetizados por Jeremias, vê setenta semanas começando depois da Ordenação dada por Artaxerxes o Longimano no 20. anno do seu reinado, para reedificar a Cidade de Jerusalem. Lá he affinallada em termos precisos, sobre o fim destas semanas, a remissão dos peccados, o reinado eterno da justiça, o inteiro complemento das Profecias, e a Unção do Santo dos Santos. O Christo deve fazer

Dan. 9.
23. &c.

Ibid. 24.

zer o seu cargo, e apparecer como Conductor do povo depois de 69. semanas. Depois de 69. semanas (porque o Profeta tambem o repete) o *Ibid. 25;* Christo deve ser entregado á morte: 26. deve morrer de morte violenta; he preciso que seja sacrificado para cumprir os mysterios. Huma semana he assinallada entre as outras, e esta he a ultima, e a 70. Esta he aquella, em que o Christo será sacrificado, em que a *Alliança será confir-* *Ibid. 27;* *mada, e no meio da qual a Hostia, e os Sacrificios serã abolidos, sem duvida, pela morte do Christo; porque depois da morte do Christo he que esta mudança he assinallada. Depois desta morte do Christo, e abolição dos Sacrificios, não se vê mais que horror, e confusão: vê-se a ruina* *Ibid. 26;* *da Cidade santa, e do Sanctuario; 27. hum povo, e hum Capitão que vem para perder tudo, a abominação em o Templo, a ultima, e irremediavel dissolação do povo ingrato para com o seu Salvador.*

Temos visto, que estas semanas reduzidas a semanas de annos, segundo o uso da Escriptura, são 490. annos, e nos conduzem precisamen-

*Vede 7. e
8. Epoca.
Ann. 219.
e 280. de
Roma.*

te desde o 20. anno de Artaxerxes para a ultima semana: semana cheia de mysterios, na qual Jesus Christo sacrificado pde fim pela sua morte aos sacrificios da Lei, e dá cumprimento ás suas figuras. Os doutos fazem diversos computos para ajustarem exactamente este tempo. O que eu propuz a V. Alteza não tem embaraço algum. Em lugar de escurecer a historia dos Reis da Persia, elle a aclara; ainda que não deveria causar grande admiração se ahi se achasse alguma incerteza nas datas destes Principes; e os poucos annos a respeito dos quaes poderia haver disputa sobre hum calculo de 490. annos, não fariam já mais huma importante questão. Mas para que he discorrer mais? Deos cortou a difficuldade, se ahi a havia, por huma decisão que não soffre alguma replica. Hum successo manifesto nos dá a superioridade aos mais refinados calculos dos Chronologistas; e a ruina total dos Judeos, que seguiu de tão perto a morte de Nosso Senhor, faz ver aos menos prespicazes o complemento da Profecia.

Não resta mais que fazer reflectir

Ëtir a V. Alteza sobre huma circum-
 stancia. Daniel nos descobre hum no-
 vo mysterio. O Oraculo de Jacob
 nos havia ensinado, que o Reino de
 Judá devia cessar com a vinda do
 Messias; mas não nos dizia que a
 sua morte seria a causa da queda des-
 te Reino. Deos revelou este segredo
 importante a Daniel, e lhe declara,
 que a ruina dos Judeos será a conse-
 quencia da morte de Christo, e de
 o haverem desconhecido. Faça Vos-
 sa Alteza, se lhe parece, reflexões
 sobre este lugar; a consequencia dos
 successos lhe fará bem depressa hum
 excellente Commentario.

CAPITULO X.

Profecias de Zacharias, e de Aggeo.

VE V. Alteza o que Deos mos-
 trou ao Profeta Daniel hum
 pouco antes das victorias de Cyro,
 e do restabelecimento do Templo.
 No tempo em que este se reedificava
 suscitou os Profetas Aggeo, e Za-
 charias, e logo depois enviou a Ma-
 la-

laquias, que devia fechar as Profecias do antigo povo.

Zach. 15. Que não vio Zacharias? poderia dizer-se, que o livro dos Decretos Divinos tem sido aberto a este Profeta, e que nelle tem lido toda a Historia do Povo de Deos desde o cativo.

As perseguições dos Reis da Syria, e as guerras que elles fazem a Judá, lhe são inteiramente descobertas. Vê a Jerusalem tomada, e saqueada; huma pilhagem espantosa, e desordens infinitas; o povo em fugida pelo deserto, incerto da sua condição, entre a morte, e a vida, em vespera da sua ultima desolação; huma nova luz apparecer-lhe de repente. Os inimigos são vencidos, os Idolos detribados por toda a terra Santa: vê-se a paz, e a abundancia na Cidade, e no paiz, e o Templo he venerado em todo o Oriente.

Zach. 14. 14. Huma circumstancia memoravel destas guerras he revelada ao Profeta; *a mesma Judá combaterá*, diz elle, *contra Jerusalem*; isto he, que Jerusalem devia ser entregada por seus filhos, e que entre os seus inimigos se acharião muitos Judeos.

Al-

Algumas vezes elle vê huma longa serie de prosperidades: Judá se enche de força; os Reinos que a tem opprimido são humilhados; os vizinhos, que não têm cessado de a atormentarem, são punidos; alguns são convertidos, e incorporados no Povo de Deos. O Profeta vê a este Povo cheio dos beneficios Divinos, entre os quaes lhe conta o triumpho tão modesto, como glorioso *do Rei pobre, do Rei pacífico, do Rei Salvador, que entra montado sobre hum jumento pela sua Cidade de Jerusaleem.*

Zach. 11

10.

Zach. 10

6.

Ibid. 11

Zach. 9:

1.2.3. &c.

Depois de haver contado as prosperidades, torna a tomar desde a sua origem toda a serie dos males. Vê de repente o fogo em o Templo, todo o paiz arruinado com a Cidade capital; homicidios, violencias, hum Rei que as authoriza. Deos tem piedade do seu povo desamparado: elle mesmo se constitue o seu Pastor; e a sua protecção o sustem. Por fim accende guerras civis, e as cousas vão em decadencia. O tempo desta mudança he assinalado por hum caracter certo, e tres Pastores, isto he, segundo o estylo antigo, tres Principi-

Zach. 11;

Zach. 11. cipes, degradados no mesmo mez,
8. mostrab o seu principio.

No meio destas infelicidades ainda apparece outra maior desgraça. Hum pouco depois destas divisões,
Ibid. 15. e nos tempos da decadencia, Deos
16. 17. *be comprado por trinta dinheiros* pelo seu povo ingrato; e o Profeta vè tudo até o *Campo do Olleiro, ou do Escultor*, em que he empregado esse dinheiro. Dahi se seguem as extremas desordens entre os Pastores do povo; por fim elles saõ allucinados, e o seu poder he destruido.

Zach. 13. Que direi eu da maravilhosa vi-
7. *Zach. 12.* saõ de Zacharias, que vè o Pastor
10. *ferido, e as ovelhas espalhadas?* que direi eu do respeito com que vè o povo ao seu Deos a quem tem iraspassado, e das lagrimas que lhe faz derramar huma morte mais lamentavel, que a do Filho unico, e a de Josias? Zacharias vio todas estas cousas; mas o que vio maior, *be o Senbor mandado pelo Senbor para habitar em Jerusalem, de donde chama os Gentios para os agregar ao seu povo, e ficarem no meio delles.*

5. Esdr. 3. Aggeo diz menos cousas, mas o
12. que diz he admiravel. Em quanto se
edi-

CAPITULO XI.

A Profecia de Malaquias, que he o ultimo dos Profetas, e a consummação do segundo Templo.

EM fim o Templo se acaba: as victimas são sacrificadas; mas os Judeos avarentos offerecem Hostias defeituosas. Malaquias, que disto os reprehende, he elevado a huma mais alta consideração; e por occasião das offertas immundas dos Judeos, vê a offerta sempre pura, e jámais manchada, que será apresentada a Deos, não já sómente, como no tempo antigo, em o Templo de Jerusalem, mas depois do Nascente do Sol até o Poente, não já pelos Judeos, mas pelos Genticos, entre os quaes prediz, que o nome de Deos será grande.

*Mal. 1.
21.*

Vê tambem, como Aggeo, a gloria do segundo Templo, e o Messias que o honra na sua presença; mas vê no mesmo tempo que o Messias he o Deos a quem este Templo he dedicado. *Eu envio o meu Anjo,*
diz

Mal. 5.1.

diz o Senhor, para me preparar os caminhos, e de improvizo vereis chegar em o seu santo Templo o Senhor que procurais, e o Anjo da Alliança que desejais.

Hum Anjo he hum enviado; mas ex-aqui hum enviado de huma dignidade maravilhosa; hum enviado que tem hum Templo; hum enviado que he Deos, e que entra no Templo como na sua propria morada; hum enviado desejado por todo o povo, que vem fazer huma nova Alliança, e por esta razã he chamado o Anjo da Alliança do Testamento.

Era pois em o segundo Templo, que este Deos enviado por Deos devia apparecer; mas outro enviado o precede, e lhe prepara os caminhos. Lá vemos o Messias precedido pelo seu Precursor. O caracter deste Precursor he tambem mostrado ao Profeta. Este deve ser hum novo Elias, notavel pela sua Santidade, pela austeridade da sua vida, pela sua authoridade, e pelo seu zelo.

Assim o ultimo Profeta do antigo povo affinalla o primeiro Profeta, que devia vir depois d'elle, isto

Mal. 3. c.
4. 5. 6.
1. In Mi
2. 1. 1.

1. 2. 1. 1. 1.

he, aquelle *Elias*, Precursor do Senhor, que devia apparecer. Até este tempo o Povo de Deos não tinha que esperar algum Profeta; a Lei de Moysés lhe devia bastar; e por esta razão he que Malaquias acaba com estas palavras: *Lembrái-vos da Lei, que dei sobre o monte Horeb a Moysés meu servo, para todo o Israel. Eu vos enviarei o Profeta Elias, que unirá os corações dos pais com os dos filhos, que mostrará a estes o que tem esperado aquelles.*

*Mal. 3. 4.
5. 6.*

A esta Lei de Moysés Deos tinha ajuntado os Profetas que haviaõ fallado conformemente a ella, e a Historia do Povo de Deos feita pelos mesmos Profetas, na qual eraõ confirmadas por experiencias sensiveis as promessas, e as ameaças da Lei. Tudo estava cuidadosamente escripto; tudo era ordenado segundo o curso dos tempos; e ex-aqui o que Deos deixou para a instrucção do seu povo, quando fez cessar as Profecias.

CAPITULO XII.

Os tempos do segundo Templo. Fru-
ctos dos castigos, e das Profecias
precedentes: cessação da Ido-
latria, e dos falsos Pro-
phetas.

TAes instrucções obraraõ huma
grande mudança nos costumes
dos Israelitas. Não tinhaõ mais ne-
cessidade, nem de apparição, nem
de predicção manifesta, nem da-
quelles prodigios inauditos que Deos
obrava tanto a miudo para a sua sal-
vação. Bastava-lhes os testemunhos
que haviaõ recebido, e a sua incre-
dulidade, não sómente convencida
pelo successo, mas tambem tão fre-
quentemente punida, por fim os ha-
via tornado dóceis.

Por esta razão he que depois des-
te tempo, não foraõ vistos voltarem-
se mais para a Idolatria, á qual eraõ
tão estranhamente inclinados. Sen-
tiaõ muito haverem deixado o Deos
de seus pais. Lembravaõ-se sempre
de Nabuchodonosor, e da sua ruina

por tantas vezes vaticinada em todas as suas circunstancias, e com tudo succedida mais cedo do que se havia crido. Não viviaõ menos admirados do seu estabelecimento feito contra toda a apparencia em o tempo, e por aquelle que se lhes havia sido mostrado. Já mais punhaõ os olhos no segundo Templo sem se lembrarem, porque o primeiro havia sido destruido, e como este havia sido restabelecido: assim se confirmavaõ na fé das suas Escripturas, ás quaes todo o seu estado dava testemunho.

Não se vê mais entre elles falsos Profetas. Haviaõ perdido ao mesmo tempo a propensão que tinhaõ para os acreditarem, e da que tinhaõ para a Idolatria. Zacharias havia vaticinado por hum mesmo Oraculo, que estas duas cousas lhes aconteceriaõ. A sua Profecia teve hum manifesto complemento. Os falsos Profetas cessaraõ no tempo do segundo Templo: o povo desgostado dos seus enganos já não queria dar-lhes ouvidos. Os verdadeiros Profetas de Deos eraõ continuamente lidos, e relidos: não lhes era preciso Comen-

mentario; e as cousas que aconteciaõ todos os dias em execuçaõ das suas Profecias; eraõ os seus fidelissimos interpretes.

miradas do seu estabelecimento

tempo e por aquelle que se lhes

os olhos no tempo do templo

A longa paz de que gozaõ por quem foi profetizada.

via

via

NA verdade todos os Profetas

lhos havião promettido huma

paz profunda. Lê-se tambem com

alegria a bella pintura que fazem

Isaias, e Ezequiel, dos bemaven-

turados tempos que deviaõ seguir-

se ao cativoiro de Babylonia. Todas

as ruinas saõ reparadas, as Cidades;

e as Aldéas saõ magnificamente rec-

dificadas, o povo he innumeravel,

os inimigos saõ abatidos, nas Cida-

des, e no campo entra a abundancia;

ahi se vê a alegria, o descanso, e

em fim todos os fructos de huma lon-

ga paz. Deos promette conservar o

seu Povo em huma duravel, e per-

feita tranquillidade. Gozaõ della de-

baixo dos Reis da Persia. Em quan-

If. 41. 11.

12. 13. 43.

18. 19. 49.

18. 19. 20.

21. 52. 1.

27. 54.

55. Sc.

Ezech.

36. 38. 11.

12. 13. 14.

Jer. 44.

27.

to este Imperio se sustenta, os favo-
 ráveis Decretos de Cyro, que era o
 seu fundador, asseguraram o socoço
 dos Judeos. Ainda que tenham sido
 ameaçados com a sua ultima ruina
 governando Assueo, qualquer que
 elle seja, Deos aplacado pelas suas
 lagrimas, mudou de repente o cora-
 ção do Rei, e lhe fez dar huma vin-
 gança brilhante de Aman seu inim-
 go. Fôra desta conjuntura, que pas-
 sou bem depressa, viverão sempre
 sem temor. Instruidos pelos seus
 Profetas em obedecerem aos Reis,
 a quem Deos os havia sujeitado, a
 sua fidelidade foi inviolavel. Tam-
 bém foram sempre tratados com do-
 çura. A custa de hum tributo mui-
 to leve que pagavam aos seus Sober-
 ranos, que eram antes seus Protecto-
 res, que seus senhores, viviam con-
 forme as suas próprias Leis: o po-
 der Sacerdotal foi conservado em
 toda a sua inteireza: os Pontifices
 dirigiam o povo: o Concelho publi-
 co estabelecido primeiramente por
 Moyses, tinha toda a sua authorida-
 de, e exerciam entre si o poder de
 vida, e de morte, sem que pessoa
 alguma se misturasse nos seus procedi-
 di-

dimentos. Os Reis affirmo ordena-
 vaõ. A ruina do Imperio dos Persas
 naõ mudou os seus negocios. Ale-
 xandre respeitou os seus Templos,
 admitou as suas Profecias, e aug-
 mentou os seus Privilegios. Tiverão
 hum pouco que soffrerõ governando
 os seus primeiros successores. Ptolomeo,
 filho de Lagus, surpredeo a
 Jerusaleem, e de lá para o Egypto
 trouxe cem mil cativos, mas logo
 cessou de os aborrecer. Para melhor
 dizer, naõ os aborreceo jámais: naõ
 queria mais que tirallos aos Reis da
 Syria seus inimigos. Com effeito logo
 que os sujeitou, os fez Cidadãos
 de Alexandria, Capital do seu Reino,
 ou antes lhes confirmou o direito
 que Alexandre, fundador desta
 Cidade, ahi lhes havia já dado;
 e nada achando em todo o seu estado
 mais fiel que os Judeos, delles en-
 cheo os seus exercitos, e lhes con-
 fiou as suas Praças as mais importan-
 tes. Se os Lagides os attenderão,
 ainda foraõ mais bem tratados pelos
 Seleucides, debaixo de cujo Impé-
 rio viviaõ. Seleuco Nicanor, cabe-
 ça desta familia, os estabeleceo em
 Antiochia, e Antiocho o Deos, seu

1. Esdr. 7.

25. 26.

J. sepb.

Ant. 11 8.

2. cont.

App. idem

ant. 12. 1.

2. 2. cont.

App.

2. 1. 13

e. 8

2. 2. 10

2. 1. 11

2. 1. 11

2. 2. 10

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

*Josepb.
praef. ant.
& lib. 12.
2 & 2.
cont. App.*

neto, havendo-os feito receber em todas as Cidades da Azia menor, nós os havemos visto espalharem-se por toda a Grecia, ahi viverem segundo a sua Lei, e gozarem dos mesmos direitos como os outros Cidadãos, do mesmo modo que fazião em Alexandria, e em Antiochia. Entre tanto a sua Lei he vertida em Grego pelos cuidados de Ptolomeo Philadelfo, Rei do Egypto. A Religião Judaica he conhecida entre os Gentios; o Templo de Jerusalem he enriquecido pelos dons dos Reis, e dos povos: os Judeos vivem em paz, e em liberdade debaixo do poder dos Reis da Syria, e naõ haviã gozado muito de semelhante tranquillidade debaixo dos seus proprios Reis.

*1. M. A. I.
2. 17. 18.
3. Mach.
11. 11.
12. 14.
13. 16.
14. 18.*

longe de nos Reis - quibus
per litteras à manere das Grecoz
e pretitae esse vas pompa à gloria
solida, que lhes adquiria entre os
seus Cidadãos a obsequencia das leis
dos seus antepassados. Celebratão jo-
gos, como os Gentios. Esta novidade
deceou os olhos do povo, e a lio-
garia revelada della manifestava
parece della a manes Indes. A
estas mudanças se misturão as
CA.

CAPITULO XIV.

Interrupção, e restabelecimento da paz; divisão neste povo santo; perseguição de Antiocho; tudo isto profetizado.

Parecia esta paz dever ser eterna se elles mesmos a não tivessem perturbado com as suas dissensões. Havia trezentos annos que gozavaõ deste soccego, tanto vaticinado pelos seus Profetas, quando a ambição, e os zelos que se puzeraõ entre elles, se armaraõ para os perderem. Alguns dos mais poderosos foraõ traidores ao seu povo para lisongearem dos Reis; quizerãõ-se fazer illustres á maneira dos Gregos, e preferiraõ esta vã pompa á gloria solida, que lhes adquiriria entre os seus Cidadãos a observancia das Leis dos seus antepassados. Celebraraõ jogos, como os Gentios. Esta novidade cegou os olhos do povo, e a Idolatria revestida desta magnificencia, pareceo bella a muitos Judeus. A estas mudanças se misturaraõ as di-

1. Mal. I.
12. 13. Sc.
2. Macch.
III. IV.
Sc. 14.
15. 16.
Sc.

putas a respeito do Soberano Sacer-
 docio, que era a dignidade princi-
 pal da Nação. Os ambiciosos procu-
 ravaõ o favor dos Reis da Syria para
 chegarem a ella, e esta dignidade
 Sagrada foi o premio da lifonja des-
 tes Cortezãos. Os zelos, e as divi-
 sões dos particulares naõ tardaraõ
 em causar, segundo o costume, gran-
 des desgracas a todo o povo, e á Ci-
 dade Santa. Entaõ aconteceo o que
 temos notado haver predicto Zecha-
 rias: *a mesma Judá combateo contra*
Jerusalem, e a esta Cidade foraõ os
seus Cidadãos traidores. Antiocho
 o Illustre Rei da Syria, concebeo o
 intento de perder este povo dividido
 para se aproveitar das suas riquezas.
 Este Principe appareceo entaõ com
 todos os caracteres que Daniel havia
 assinalado, ambicioso, avarento,
 artificioso, cruel, insolente, im-
 pio, incensato, inchado com as suas
 victorias, e depois irritado com as
 suas perdas. Entra em Jerusalem
 com animo de tudo emprender: os
 partidos dos Judeos, e naõ as suas
 proprias forças, o animavaõ, e Da-
 niel assim o havia previsto. Exerci-
 ta crueldades inauditas: a sua sober-
 ba

Dan. VII.
 22. 23. 24.

Dan. VIII.
 12. 13. 14.

Zach.
 XIV. 14.

Dan. VII.
 24. 25.

VIII. 9.
 10. 11. 12.

23. 24. 25.
 Pelyb lib.

XXVI. &
 XXXI. in

excerp. &
 ejus A-
 ib. lib. 10.

Dan. X.
 VIII. 24.

ba o leva aos últimos excessos, e vomita blasfemias contra o Altíssimo, como o havia vaticinado o mesmo Profeta. Em execução destas profecias, e por causa dos peccados do povo, a força lhe he dada contra o sacrificio perpetuo. Profana o Templo de Deos, que os Reis seus ascendentes haviaõ venerado; pilha-o, e repara com as riquezas que nelle acha, as ruinas do seu thesouro esgotado. Debaxo do pretexto de tornar conformes os costumes dos seus vassallos, e na realidade, para faltar a sua avareza saqueando toda a Judéa, ordena aos Judeos que adorem os mesmos deoses dos Gregos; principalmente quer que se adore a Jupiter Olympico, cujo Idolo pbe no mesmo Templo, e mais impio que Nabuchodonosor, emprende destruir as Festas, a Lei de Moyses, os Sacrificios, a Religiãõ, e todo o Povo. Mas os successos deste Principe tinhaõ os seus limites allinallados pelas Profecias. Mathathias se oppõe ás suas violencias, e reune as gentes de bem. Judas Macabeo seu filho, com hum punhado de gente, obra façanhas inauditas, e purifica

Dan. VII.
8. 11. 25.
VIII. 25.

Dan.
VIII. 11.
12. 13. 14.

1. Mach.
I. 43. 46.
57.

2. Mach.
VI. 1. 2.

Dan. VII.
25. XII.
7. 11. 14.

Ysepb.
Proi. lib.
de bell.
Jud. &
lib. 1. 1.
VI. 11.
If. LXII.
1. Mach.
IV. 15. V.
3. 26. 28.
36. 54.
Dan.
VIII. 14.

1. Mach.
VI.
2. Mach.
IX.

Dan.
VIII. 25.

o Templo de Deos tres annos e meio depois da sua profanação, como havia prediçto Daniel. Persegue os Idomeneos, e todos os outros Gentes que se ajuntão a Antiocho, e havendo-lhes tomado as melhores praças, recolhe-se victorioso, e humilde, tal como o havia visto Isaias, cantando os louvores de Deos, que havia entregado entre as suas mãos os inimigos do seu povo, e ainda todo tinto do seu sangue. Continua as suas victorias, a pesar dos exercitos prodigiosos dos Capitães de Antiocho. Daniel não havia dado mais *que seis annos* a este Principe impio para atormentar o Povo de Deos, e aqui no termo prefixo, elle ensina a Ecbatanes os factos heroicos de Judas. Cahe em huma profunda melancolia, e morre como havia profetizado o santo Profeta, miseravel, *mas não pela mão do boniem* depois haver reconhecido, mas muito tarde, o poder do Deos de Israel. Não me he preciso mais contar a V. Alteza de que sorte os seus successores continuaraõ a guerra contra a Judéa, nem a morte de Judas seu libertador, nem as victorias dos seus

dous

dous irmãos Jonathas, e Simão, successivamente Soberanos Pontifices, cujo valor restabeleceo a gloria antiga do Povo de Deos. Estes tres grandes homens virão os Reis da Syria, e todos os povos vizinhos conjurados contra si; e o que era mais deploravel, virão por diversas vezes os mesmos de Judá armados contra a sua patria, e contra Jerusalem, cousa até então nunca ouvida; mas como se tem dito, expressamente notada pelos Profetas. No meio de tantos males, a confiança que tiveram em Deos, os tornou intrepidos, e invenciveis. O povo foi sempre feliz debaixo da sua direção; e em fim no tempo de Simão libertado do jugo dos Gentios, sujeitou-se a elle, e a seus filhos, com consentimento dos Reis da Syria.

Mas o acto pelo qual o Povo de Deos transfere em Simão todo o poder publico, e lhe concede os direitos reaes, he notável. O decreto diz, *que gozará delle, e a sua posteridade, até que venha hum fiel, e verdadeiro Profeta.*

Hum povo acostumado desde a sua origem ao governo Divino, e sa-

ben-

Zach.
XIV. 14.

1. Mach.
I. 12. IX.

XI. 20.

21. 22.

XVI.

2. Mach.

4. 22. &

seq. M. 2

XI

1. Mach.

XIV. 4.

bendo que depois do tempo em que David havia sido posto sobre o Throno por ordem de Deos, o Soberano poder pertencia á sua casa, á qual devia por fim ser restituído no tempo do Messias, ainda que por huma maneira mais mysteriosa, e mais alta do que senaõ esperava: pôs expressamente esta restricção no poder que deo aos seus Pontifices, e continuou em viver debaixo do seu governo na esperança daquelle Christo tantas vezes promettido.

Assim he que o Reino absolutamente livre usou do seu direito, e deo providencia ao seu governo. A posteridade de Jacob, pela Tribu de Judá, e pelos restos que se alistaram debaixo das suas bandeiras, se conservou em corpo de Estado, e gozou independente, e soccegarmente da terra que lhe havia sido assignado.

Em virtude do Decreto do povo de que vimos de fallar, Joaõ Hyreano, filho de Simaõ, succedeo a seu pai. No seu tempo os Judeos se augmentaõ por meio de conquistas consideraveis. Sujeitaõ a Samaria: (Ezequiel, e Jeremias o haviaõ pro-

Ezech.

profetizado) domão os Idomeneos, os Filisteos, e aos Amonitas seus perpetuos inimigos, e estes povos abraçã a sua Religião: (Zacharias o havia profetizado.) Fim fim a pezar do odio, e dos zelos dos povos que os cercaõ, debaixo da authoridade dos seus Pontifices, que por fim vem a ter seus Reis, fundaõ o novo Reino dos Asmoneos, ou dos Machabeos, mais extenso que nunca, se se exceptuaõ os tempos de David, e de Salomaõ.

XVI. 53.

55. 61.

Jer. XXXI. 5.

1. Macb.

X. 30.

Josaph. ant. XIII.

8. 17. 18.

Zach. IX.

12. & seq.

Desta maneira he que o Povo de Deos subsistio sempre entre tantas mudanças; e este povo, ora castigado, ora consolado nas suas infellicidades, pelos diferentes tratamentos que recebe segundo os seus merecimentos, dá hum testemunho publico á Providencia que governa o mundo.

Em virtude do Decreto de povo
de que vimos de fallar, José Hyr-
vano, filho de Simão, succedeo a
seu pai. No seu tempo os Judeos se
aumentarõ por meio de conduzi-
los a Samaria. Sujeitos a Samaria
(Bacurci) e Jeremias o haviaõ

CAPITULO XV.

A esperança do Messias sobre que he fundada: preparaçõ para o seu

Reinado: e para a conuer-

saõ dos Gẽtios.

MAs em qualquer estado em que se achasse, vivia sempre na esperança dos tempos do Messias, nos quaes esperava novas graças maiores que todas as que havia recebido; e naõ ha pessoa que naõ veja, que esta Fé do Messias, e das suas maravilhas, que dura ainda hoje entre os Judeos, lhe veio dos seus Patriarchas, e dos seus Profetas desde a origem da sua naçaõ. Porque nesta longa serie de annos, em que elles mesmos reconheciam, que por hum conselho da Providencia naõ se levantava mais entre elles algum Profeta, e que Deos naõ lhes fazia novas predicções, nem novas promessas, esta Fé do Messias que devia vir, era mais viva que nunca. Achou-se tambem estabelecida, quando o segundo Templo foi edifi-

cado, que não foi mais preciso Profeta para nella confirmar o povo. Viu sobre a Fé das antigas Profecias haviaõ visto cumprir-se tão precisamente com os seus olhos em tantos lugares: o resto, depois deste tempo, não lhes tem parecido duvidoso, e não tinhaõ dificuldade em crer, que Deos tão fiel em tudo, cumpriria ainda no seu tempo o que respeitava ao Messias, isto he, a principal das suas promessas, e o fundamento de todas as outras.

Na verdade toda a sua Historia; tudo o que lhes acontecia de dia em dia não era mais que hum perpetuo descobrimento dos Oraculos, que o Espirito Santo lhes havia deixado. Se, restabelecidos na sua terra depois do cativeiro, gozaraõ pelo espaço de trezentos annos de huma paz profunda; se o seu Templo foi venerado, e a sua Religiaõ honrada em todo Oriente; se finalmente a sua paz foi perturbada pelas suas dissensões; se aquelle soberbo Rei da Syria fez esforços inauditos para os destruir; se prevaleceo algum tempo; se hum pouco depois foi punido; se a Religiaõ Judaica, e

todo o Povo de Deos foi levantado com hum resplendor mais maravilhoso que nunca, e o Reino de Judá augmentado no fim dos tempos por novas conquistas, vio-se que tudo isto se achava escripto nos seus Profetas. Sim, tudo ahi era notado, até o tempo que devia durar as perseguições, até os lugares em que se deram os combates, até as terras que devia ser conquistadas.

Tenho relatado a V. Alteza em grosso alguma cousa destas Profecias: particularizá-las seria materia de hum mais longo discurso; mas sufficientemente as vê para ficar convencido destas famosas predicções, que fazem o fundamento da nossa crença: mais se profunda, mais verdade se acha nellas, e as Profecias do Povo de Deos pelo espaço de todos estes tempos tem tido hum complemento tão manifesto, que depois quando os mesmos Pagãos, quando hum Porfirio, quando hum Juliano Apostata, por outra parte inimigos das Escripturas, quizerão dar exemplos das predicções Profeticas, elles as tem buscado entre os Judeos.

*Porph. de
abstin lib.
IV.
Id. Porph.
& Jul. a-
pud Cyr.
lib. V. &
VI. in
Julian.*

E eu posso tambem dizer a V. Al-
te-

teza com verdade, que se pelo espaço de quinhentos annos o Povo de Deos viveo sem Profeta, todo o estado destes tempos era Profetico: a obra de Deos se adiantava, e insensivelmente os caminhos se preparavão para o inteiro complemento dos antigos Oraculos.

A sahida do cativeiro de Babilonia não era mais que huma sombra da liberdade, e maior, e mais necessaria, que o Messias havia trazer aos homens cativos pelo peccado. O povo disperso por diversos lugares na alta Azia, na Azia menor, no Egypto, na mesma Grecia, começava a fazer brilhar entre os Gentios, o nome, e a gloria do Deos de Israel. As Escripturas que devião algum dia ser a Luz do mundo, forão vertidas na lingua a mais conhecida do Universo: a sua antiguidade he reconhecida. Em quanto o Templo he venerado, e as Escripturas espalhadas entre os Gentios, Deos dá alguma idéa da sua conversão futura, e lança de longe os seus fundamentos.

O que tambem se passava entre os Gregos era huma especie de preparação para o conhecimento da verda-

Porph. de
Asph. lib.
II.
Id. Porph.
E. Jul. n.
p. 10.
lib. V. c.
VI. in
Julian.

dade. Os seus Filósofos conheceraõ, que o mundo era regido por hum Deos bem diferente dos que o vulgo adorava, e aos quaes elles mesmos serviaõ com o vulgo. As historias Gregas daõ fé de que esta bella Filosofia vinha do Oriente, e dos lugares por donde os Judeos se haviaõ espalhado; mas de qualquer lugar de que ella tenha vindo, huma verdade taõ importante espalhada entre os Gentios, ainda que combatida, ainda que mal seguida, mesmo pelos que a ensinavaõ, começava a despertar o Genero humano, e anticipadamente furnecia provas certas aos que algum dia o deviaõ tirar da sua ignorancia.

CAPITULO XVII.

Prodigiosa cegueira da Idolatria antes da vinda do Messias.

Como com tudo a conversão da gentilidade era huma obra reservada para o Messias, e o proprio caracter da sua vinda; o erro, e a

im-

impiedade prevalecia por toda a parte. As Nações mais perspicazes, e mais sabias, os Chaldeos, os Egypcios, os Fenicios, os Gregos, os Romanos eraõ os mais ignorantes, e cegos na Religião: tanto he certo, que para entrar nella se precisa de huma graça particular, e de huma sabedoria mais que humana. Quem se atreveria a contar as ceremonias dos Deoses immortaes, e os seus mysterios impuros? Seus amores, suas crueldades, seus zelos, e todos os seus outros excessos eraõ o assumpto das suas festas, dos seus sacrificios, dos hymnos que se lhes cantava, e das pinturas que se lhes consagrava nos seus Templos. Assim o crime era adorado, e reconhecido necessario ao culto dos Deoses. O mais grave dos Filosophos prohibe beber com excesso, excepto nas festas de Baccho, e em honra deste Deos. Outro depois de haver severamente condemnado todas as imagens deshonestas, exceptua as dos Deoses, que queriaõ ser honrados por estas infamias. Naõ se pôde ler sem assombro as honras que se devia dar a Venus, e as prostituções que

*Plat. de
Leg. VI.
Arist.
VII. Po-
lit.*

*Baruch.
VI. 10.
42. 43.
Herod. lib.
1. Strab.
lib. 25.*

*Athen.
lib. XIII.*

eraõ estabelecidas para a adorar. A Grecia toda pulida, e sabia como era, havia recebido estes mysterios abominaveis. Nos casos apertados os particulares, e as Republicas votavaõ a Venus as Cortezans, e a Grecia naõ se envergonhava de attribuir a sua salvaçaõ ás supplicas que ellas faziaõ á sua Deosa. Depois da derrota de Xerxes, e dos seus formidaveis exercitos, pôs-se no Templo hum quadro em que estavaõ representados os seus votos, e as suas procissões com esta inscripçaõ de Simonides Poeta famoso. *Estas tem rogado á Deosa Venus, a qual por sua intercessãõ tem salvado a Grecia.*

Ibid.

Se era preciso adorar o amor, devia ser só o amor honesto; mas naõ era assim. Solon, quem o poderia crer, e escaparia de hum taõ grande nome huma taõ grande infamia? Solon, digo eu, estabeleceo em Athenas o Templo de Venus a prostituta, ou do amor impudico. Toda a Grecia estava cheia de Templos consagrados a este Deos, e o amor conjugal naõ tinha hum em todo o paiz.

Com tudo detestavaõ o adulterio
nos

nos homens, e nas mulheres: a sociedade conjugal era sagrada entre elles. Mas quando se applicavaõ á Religião pareciaõ como possuidos por hum espirito estranho, e a sua luz natural os desamparava.

A gravidade Romana naõ tem tratado a religião mais seriamente, pois que consagrava á honra dos Deoses as impurezas do theatro, e os sanguinolentos espectaculos dos gladiadores; isto he, tudo o que se podia imaginar de mais corrupto, e barbaro.

Mas naõ sei se as loucuras ridiculas que se misturavaõ na Religião eraõ ainda mais perniciosas, pois que lhe conciliavaõ tanto desprezo. Podia-se guardar o respeito que he devido ás cousas divinas no meio das impertinencias que continhaõ as fabelas, cuja representaçãõ, ou lembrança faziaõ huma taõ grande parte do Culto divino? Todo o serviço publico naõ era mais que huma continua profanaçãõ, ou antes huma derisaõ do nome de Deos; e era forçoso que para isto concorresse alguma potencia inimiga deste nome Sagrado, que, havendo emprendido en-

vilicello, impelisse os homens ao empregarem em cousas tão desprezíveis, e até em o darem prodigamente a sujeitos tão indignos.

*Xenoph.
mem. lib.
2.*

*Plat. de
Leg. V.*

*Apol. Soc.
apud
Plat. &
Xenoph.*

*Ep. 2. ad
Dionys.*

He verdade que os Filósofos tinham por fim reconhecido que havia outro Deos diferente daquelle que o vulgo adorava; mas não se atreviam a confessá-lo. Pelo contrario Sócrates dava por maxima, que cada hum seguisse a religião do seu paiz. Platao seu discipulo, que via a Grecia, e todos os Paizes do mundo cheios de hum culto nescio, e escandaloso, não deixa de pôr como hum fundamento da sua Republica, *que nada se deve mudar na Religião que se acha estabelecida, e que pensar nisto he haver perdido o juizo.* Filósofos tão graves, e que disserão tão bellas cousas sobre a natureza divina, não se tem atrevido a oppor-se ao erro publico, e tem perdido a esperança de o poderem vencer. Quando Sócrates foi accusado de negar os Deoses que o publico adorava, disto se defendeu como de hum crime; e Platao fallando do Deos que havia formado o mundo, diz, que he difficel achá-lo, e que he prohibido de-
cla-

clará-lo ao povo. Protesta ja mais
naõ fallar delle senaõ em Enigma,
receando expôr huma taõ grande
verdade á zombaria.

Em que abyfmo estava o Genero
humano, que naõ podia supportar a
menor idéa do Verdadeiro Deos? A-
thenas a mais formosa, e sabia de
todas as Cidades Gregas, tomava
por Atheistas os que fallavaõ das
coufas intellectuaes, e esta he huma
das razoes que havia feito condem-
nar a Socrates. Se alguns Filozofos
se atreviaõ a ensinar que as estatuas
naõ eraõ Deoses como entendia o
vulgo, viaõ-se obrigados a desdizer-
se: ainda depois disto eraõ banidos,
como impios, por sentença do A-
reopago. Toda a terra estava possuida
do mesmo erro: a verdade naõ se a-
trevia a apparecer nella. O Deos,
Creador do mundo naõ tinha Tem-
plo nem culto senaõ em Jerusalem.
Quando os Gentios para ahi envia-
vaõ as suas offertas, naõ faziaõ ou-
tra honra ao Deos de Israel, mais
que a de o ajuntarem aos outros De-
ses. Sõmente a Judéa conhecia o seu
Santo, e severo zelo, e sabia que

G 2 repar-

*Diog.
Laert.
l. II. Soc.
III. Plat.*

*Id. lib. 2.
Soc.*

*Apoc.
huq
l. III.
Apoc.*

*Ep.
Dion.*

repartir a Religião entre elle, e os
outros Deoses, era destruí-la.

CAPITULO XVII.

*Corruptoens, e superstiçoens entre os
Judeos; falsas doutrinas dos Fariseos.*

COm tudo no fim dos tempos, os
mesmos Judeos que o conheci-
aõ, e que eraõ depositarios da Reli-
giã, começaraõ (tanto os homens
vaõ sempre enfraquecendo a verda-
de) naõ a esquecerem-se do Deos de
seus pais, mas a misturarem na Reli-
giã superstiçoens indignas da sua
grandeza. No reinado dos Asmone-
os, e desde o tempo de Jonathas, a
feita dos Fariseos começou entre os
Judeos. Logo adquiriraõ hum gran-
de credito pela pureza da sua doutri-
na, e pela exacta observancia da
Lei; ajuntando-se a isto ser o seu
procedimento doce, ainda que regu-
lar, e viverem entre si em grande u-
niã. As recompensas, e os castigos
da vida futura, que elles sustinhaõ
com

*Josepb.
Ant. XII.
9.*

Ibid. 18.

*Idem lib.
II. de
bell.
Jud. 7.*

com zelo, lhes adquiriaõ muita honra. Por fim a ambiçaõ se introduzio entre elles. Quizerãõ governar, e com effeito arrogaraõ a si hum poder absoluto sobre o povo: constituirãõ-se os Arbitros da doutrina, e da Religiãõ, que insensivelmente commutaraõ em praticas supersticiosas, uteis ao seu interesse, e á dominaçaõ que queriaõ estabelecer sobre as consciencias: e o verdadeiro espirito da Lei estava proximo a perderse.

A estes males se ajuntou hum maior mal, a soberba, e a presumpçaõ; mas huma presumpçaõ, que se dirigia a attribuir-se a si mesma o dom de Deos. Os Judeos acostumados aos seus beneficios, e illustrados por tantos seculos do seu conhecimento, esqueceraõ-se de que a sua bondade só os havia separado dos outros povos, e viraõ a sua graça como huma divida. Estirpe escolhida, e sempre abençoada depois de dous mil annos, elles se julgaraõ só dignos de conhecerem a Deos, e se acreditaraõ de especie differente dos outros homens que viaõ privados do seu conhecimento. Sobre este fundamento olharaõ para os Gentios com hum

insu-

Joseph
lib. II. m. 11
e
lib. II. m. 11
e
lib. II. m. 11
e
lib. II. m. 11
e

insupportável desprezo. Ser descendente de Abraham segundo a carne, lhes parecia huma distincão que os punha naturalmente sobre todos os outros: e inchados por huma tão bella origem, julgavañ-se santos por natureza, e não por graça: erro que dura ainda entre elles. Os Fariseos foraõ os que buscando glorificar-se das suas luzes, e da exacta observancia das ceremonias da Lei, introduziraõ esta opiniaõ no fim dos tempos. Como não cuidavaõ mais que em distinguir-se dos outros homiẽs, multiplicaraõ sem limites as praticas exteriores, e venderaõ todos os seus pensamentos ainda que contrarios fossẽm á Lei de Deos, como tradiçoens authenticas.

XI. d. 19.

d. 7. 8.

Sc.

1796.

1797.

1798.

1799.

1800.

1801.

1802.

1803.

1804.

1805.

1806.

1807.

CAP.

CAPITULO XVIII.

Continuaçãõ das corrupçoens entre os
Judeos: final da sua decadencia
segundo Zaccharias o havia
Profetizado.

Ainda que estes dictames não
houvessem passado por Decreto
publico em dogma da Synagoga,
corriaõ incensivelmente entre o po-
vo, que se fazia inquieto, turbulen-
to, e sedicioso. Em fim as diviso-
ens que deviaõ ser segundo os seus
Profetas, o principio da sua deca-
dencia, se augmentaraõ na occasiaõ
das alteraçõens sobrevindas na casa
dos Asmoneos. Apenas faltavaõ ses-
senta annos até Jesus Christo, quan-
do Hyrcano, e Aristobulo, filhos de
Alexandre Janeo, entraraõ em guer-
ra pelo Sacerdocio, ao qual a digni-
dade Real era annexa. Este he o
momento fatal em que a Historia af-
finalla a primeira causa da ruina dos
Judeos. Pompeo, a quem os dous ir-
maõs chamaraõ para os regular, os
sugeitou a ambos, no mesmo tempo

Zach. IX.
6. 7. 8.
&c.

Joseph.
ant. XIV.
8 XX. 8.
1. bell.
Jud. 4. 5.
Appian.
bell. Sir.
Mithrid.
& Liv.
lib. 5.

em que elle desapossou a Antiocho ; chamado o Aziatico , ultimo Rei da Syria. Estes tres Principes degradados juntamente , e como por hum só golpe , foraõ o final da decadencia , assinalada em termos precisos pelo Profeta Zacharias. He certo pela Historia , que esta mudança das couzas da Syria , e da Judéa foi feita no mesmo tempo por Pompeo , quando depois de ter acabado a guerra de Mithridates , prompto para tornar para Roma , regulou os negocios do Oriente. O Profeta não denotou mais que o que respeitava a ruina dos Judeos ; que de dous irmãos que tinhaõ visto Reis , viraõ hum delles prizioneiro servir ao triunfo de Pompeo , e o outro (este he o fraco Hyrcano) a quem o mesmo Pompeo tirou com o diadema huma grande parte do seu dominio , não conservar mais que hum vao titulo de authoridade , que perdeu bem cedo. Entaõ foi que os Judeos foraõ feitos tributarios dos Romanos ; e a ruina da Syria trouxe consigo a sua , porque este grande Reino reduzido a Provincia na sua visinhança , ali augmentou de tal fórma o poder dos

Ro-

Zach. XI.
8.

Veja-se
acima
cap. 10.

Romanos, que ninguem podia deixar de lhe obedecer. Os Governadores da Syria fizeram continuas emprezas sobre a Judéa: os Romanos della se fizeram senhores absolutos, e em muitas cousas enfraqueceram o seu governo. Por elles em fim o Reino de Judéa passou das mãos dos Asmoneos, a quem era ~~sugeito~~, para as de Herodes estrangeiro, e Idome-neo. A politica cruel, e ambiciosa deste Rei, que não professava mais que em apparencia a Religião Judaica, mudou as maximas do governo antigo. Não são mais estes Judeos senhores da sua sorte debaixo do vasto Imperio dos Persas, e dos primeiros Seleucidos, a onde não tinham mais que viver em paz. Herodes, que á pouco os tem sujeitado ao seu poder, embrulha todas as cousas, confunde ao seu arbitrio a successão dos Pontifices, enfraquece o Pontificado que faz arbitrario, diminue a authoridade do Concelho da Nação, que nada mais póde: todo o poder publico passa para as mãos de Herodes, e dos Romanos, dos quaes elle he escravo; e abala os fundamentos da Republica Judaica.

Os Fariseos, e o povo, que não ouvia mais que os seus sentimentos, soffrião este estado com impaciencia. Quanto mais se sentião opprimidos do jugo dos Gentios, mais desprezo, e odio concebiam para com elles. Não quizerão mais Messias que não fosse guerreiro, e formidavel ás potencias que os cativava. Assim esquecendo-se tanto das Profecias que lhes fallavaõ tão expressamente das suas humiliações, não tiveram mais olhos, nem ouvidos, senão para aquellas, que lhes annunciaõ triunfos, ainda que bem diferentes dos que elles queriaõ.

CAPITULO XIX.

Jesus Christo, e a sua Doutrina.

NA declinação da Religião, e das cousas dos Judeos no fim do reinado de Herodes, e no tempo em que os Fariseos introduzião tantos abusos, Jesus Christo he enviado sobre a terra para restabelecer o Reino na Casa de David, por hu-

ma maneira mais alta que os Judeos
 carnaes não entendião, e para prégar
 a doutrina que Deos havia resolvido
 fazer anunciar a todo o mundo. *If. IX. 6.* Es-
 te admiravel menino chamado por
 Israel o Deos forte, o pai do seculo
 futuro, e o Author da paz, nasceu
 de huma Virgem em Bethlem, e ahi
 vem a reconhecer a origem da sua
 familia. Concebido do Espirito San-
 to por seu nascimento, só digno de
 reparar o vicio do nosso, recebe o
 nome do Salvador, porque nos de-
 via salvar dos nossos peccados. Logo *Matth. I.*
 depois do seu nascimento, huma ^{21.}
 nova estrella, figura da luz que de-
 via dar aos Gentios, se deixa ver no
 Oriente, e conduz ao Salvador ainda
 menino as premissias da Gentilidade
 convertida. Hum pouco depois este
 Senhor tão desejado, entra no seu
 santo Templo aonde Simeão o vê,
 não sómente como a gloria de Israel, *Ibid. II.*
 mas tambem como a Luz das Na- ^{32.}
 ções infieis. Quando chegou o tempo
 de prégar o seu Evangelho, S. João
 Baptista, que lhe devia preparar os
 caminhos, chamou a todos os pec-
 cadores para a penitencia, e fez re-
 tumbar os seus gritos por todo o de-

certo, aonde havia vivido desde os
 seus primeiros annos com tanta au-
 teridade como innocencia. O povo
 que depois de quinhentos annos não
 havia visto Profetas, reconheceu a
 esse novo Elias, prompto para o to-
 mar pelo Salvador, tanto a sua fan-
 tidade pareceo admiravel! mas elle
 mesmo mostrava ao povo aquelle,
cujos sapatos era indigno de desatar.
 Em fim Jesus Christo começa a pré-
 gar o seu Evangelho, e a revelar os
 segredos que desde toda a Eternida-
 de via no seio de seu Pai. Põe os
 fundamentos da sua Igreja por meio
 da vocação de doze Prégadores, e
 põe a S. Pedro na frente de todo o
 rebanho, com huma prerogativa tão
 manifesta, que os Evangelistas, que
 na innumeração que fazem dos A-
 postolos, não guardão alguma ordem
 certa, se resolvem a nomear a S. Pe-
 dro antes de todos os outros como o
 primeiro. Jesus Christo corre toda a
 Judéa, que enche de seus benefi-
 cios; caritativo com os enfermos,
 misericordioso com os peccadores,
 dos quaes se mostra o verdadeiro
 Medico, pelo accesso que lhes dá,
 fazendo sentir aos homens huma au-
 tho-

Joan. I.
 27.

Matth. X.
 2.

Marc. III.
 16.

Luc. VI.
 14.

Act. I.
 13.

Matth.
XVI. 18.

Joan. I.
 27.

thoridade, e huma doçura que nunca se havia visto senão na sua pessoa. Annuncia altos mysterios; mas os confirma com grandes milagres: e recommenda grandes virtudes, mas dá no mesmo tempo grandes luzes, grandes exemplos, e grandes graças. Assim apparece tambem *o beio de graça, e de verdade, e nós recebemos tudo da sua plenitude.*

*Joan. 7.
14. 15. 16.*

Tudo se sustenta na sua pessoa; a sua vida, a sua doutrina, os seus milagres. A mesma verdade ahi respluz por toda a parte: tudo concorre para fazer ver ao Senhor do Genero humano, o modello da perfeição. Elle só vivendo no meio dos homens, e á vista de todo o mundo, pode dizer sem temer ser desmentido: *qual de vós me arguirá do peccado? E tambem: eu sou a Luz do mundo: o meu sustento he executar a vontade de meu Pai; o que me enviou vive comigo, e não me deixa só; porque sempre faço o que lhe agrada.*

*Joan. 8.
46.
Ibid. 12.
29. 4. 34.
8. 1. 1. 1. 1. 1.*

Os seus milagres são de huma ordem particular, e de hum novo caracter. Não são *signos no Céo*, taes como os Judeos pedião: obra quasi

*Matth.
16. 1.*

para curar as suas enfermidades. Todos estes milagres tem mais bondade do que poder, e de tal forte admirado aos que os vem obrar, que os tocab no fundo dos seus corações; elle os obra com imperio; os demônios, e as enfermidades lhe obedecem; com a sua palavra recebem vista os que nascerao cegos; os mortos sahem da sepultura, e os peccados saõ perdoados. O principio destas maravilhas he elle mesmo; correm da fonte. *Eu sinto*, diz elle, *que huma virtude sabe de mim.* Tambem nenhuma pessoa havia feito tao grandes prodigios, nem em tao grande numero; e com tudo promette que os seus discipulos faraõ em seu nome ainda maiores cousas, tanto he fecunda, e inextinguivel a virtude que trãs consigo.

Luc. 6. 19.
8. 46.

Joan. 14.
12.

Quem não admiraria a condescendencia com que tempera a altura da sua doutrina? Esta he leite para os meninos, e paõ ao mesmo tempo para os fortes. Vê-se cheio de Decretos de Deos, mas não se vê admirado disto como os outros mortaes a quem Deos se communica; falla delles naturalmente como sendo

do nascido naquelle segredo, e na- *Joan. 3.*
 quella gloria; e o que elle tem sem *34.*
 medida, o espalha com medida a fim
 de que a nossa fraqueza possa com
 o seu pezo. *Joan. 3. 34.*
 Ainda que seja enviado para to-
 do o mundo, não caminha logo se-
 ão para as ovelhas perdidas na ca-
 sa de Israel, para as quaes era tam-
 bem principalmente enviado; mas
 prepara o caminho para a conver-
 são dos Samaritanos, e dos Genticos.
 Huma mulher Samaritana o reco- *Joan. 4.*
 nhece pelo Christo que a sua Nação *21. 25.*
 esperava do mesmo modo que a dos
 Judeos, e aprende d'elle o mysterio
 do novo culto, que não seria mais
 adstrieto a hum certo lugar. Huma
 mulher de Chananea, e idolatra, *Matth.*
 lhe arranca, para dizer assim, ain- *XV.*
 da que desprezada a cura de sua fi- *Matth.*
 lha. Em diver os lugares reconhece *8. 10. 18.*
 os filhos de Abrahão entre os Gen-
 tios, e falla da sua doutrina como
 devendo ser prégada, contradicta,
 e recebida por toda a terra. O mun-
 do nada em tempo algum tinha vis-
 to semelhante, e os seus Apostolos
 são admirados. Não occulta aos seus
 as rigorosas experiencias porque de-
 vem

vem passar; faz-lhes ver as violências, e a feduçaõ empregadas contra elles, nas perseguições, nas falças doutrinas, nos falsos firmãos, a guerra interior, e exterior, a fé provada por todas estas experiencias, no fim dos tempos, o enfraquecimento desta fé, e o esfriamento da caridade entre os seus discipulos; no meio de tantos perigos, a sua Igreja, e a verdade sempre invenciveis.

Luc. 8.8.

Matth.

14. 12.

Matth.

16. 18.

Exaqui pois huma nova conduta, e huma nova ordem de cousas: não se falla mais aos filhos de Deos das recompensas temporaes; Jesus Christo lhes mostra huma vida futura, e tendo-os suspensos nesta esperança, lhes ensina a soltare-se de todas as cousas sensiveis. A Cruz, e a paciencia vem a ser os seus bens sobre a terra, e o Ceo lhes he proposto como devendo ser levado por força. Jesus Christo que mostra aos homens este novo caminho nelle entra primeiro, prega verdades puras que enchem de pafmo os homens grosseiros, e com tudo soberbos: descobre a soberba oculta, e a hypocrizia dos Fariseos,

Matth.

11. 12.

e dos Doutores da Lei que a corrompiam com as suas interpretações. No meio destas reprehensões honra o seu ministerio, e a cadeira de Moyses em que está assentado. Frequentava o Templo, cuja santidade faz respeitar, e envia aos Sacerdotes os Leprosos que elle curou. Por este modo ensina aos homens como devem reprehender, e reprimir os abusos sem prejuizo do ministerio estabelecido por Deos, e mostra que o corpo da Synagoga subsistia a pezar da corrupção dos particulares. Mas ella se inclina visivelmente para a sua ruina. Os Pontifices, e os Fariseos animavam contra Jesus Christo o Povo Judaico cuja Religião se voltava em superstiçãõ. Este povo não pode soffrer o Salvador do mundo, que o chama para praticas solidas, mas difficeis. O mais Santo, e o melhor de todos os homens, a santidade, e a mesma bondade, vem a ser o mais invejado, e aborrecido. Não se disgosta, e continua em fazer bem aos seus Cidadães; mas vê a sua ingratiçãõ, e prediz o seu castigo com lagrimas, e denuncia a Jerusalema sua

Matth.

23. 2.

8.8. 34.3

. 31. 4.1

. 31. 4.1

. 31. 4.1

. 8.2. 0.1

. 31. 4.1

. 31. 4.1

sua queda proxima. Tambem prediz, que os Judeos inimigos da verdade que lhes annunciava, seriaõ entregues ao erro, e viriaõ a ser ludibrio dos falsos Profetas. Com tudo a inveja dos Fariseos, e dos Sacerdotes o leva a hum supplicio infame; seus discipulos o desamparaõ; hum delles o entrega; o primeito, e o mais zeloso de todos o nega tres vezes. Accusado diante do Concelho, honra até o fim o ministerio dos Sacerdotes, e responde em termos precisos ao Pontifice que o perguntava juridicamente. Mas era chegado o momento em que a Synagoga, devia ser reprovada. O Pontifice, e todo o Concelho condemna a Jesus Christo, porque se dizia ser o Christo, Filho de Deos. He entregado a Ponceio Pilatos, Presidente Romano: a sua innocencia he reconhecida pelo seu Juiz, a quem a politica, e o interesse fazem obrar contra a sua consciencia: o Justo he condemnado á morte: o maior de todos os crimes dá lugar á mais perfeita obediencia que nunca houve: Jesus, Senhor da sua vida, e de todas as cousas, se entrega voluntariamente

ao furor dos máos, e offerece o Sacrificio que devia ser a expiação do Genero humano. Na Cruz vê nas Profecias o que lhe restava para fazer; elle o acaba, e diz por fim: *tudo está consummado.* A esta palavra *Joan.* tudo se muda no mundo; a Lei ces- *XIX. 30.* sa, as suas figuras passaõ, os seus sacrificios saõ abolidos por huma oblação mais perfeita. Isto feito, Jesus Christo expira dando hum grande grito: toda a natureza se abala: o Centurião que o guardava, assombrado por huma tal morte, grita que elle he verdadeiramente o Filho de Deos; e os circumstantes dahi fazem batendo nos peitos. No terceiro dia resuscita; apparece aos seus que o haviã delamparado, e que se obstinavaõ em naõ acreditarem a sua Resurreiçãõ. Elles o vem, elles lhe fallaõ, elles o tocaõ, elles saõ convencidos. Para confirmar a fé da sua Resurreiçãõ, se mostra por diversas vezes, e em diversas circumstancias. Os seus Discipulos o vem em particular, e tambem todos juntos; apparece huma vez a mais de quinhentos homens congregados. Hum Apostolo que o escreveo *1. Cor.* asse- *XV. 6.*

assegura que a maior parte delles vi-
 viaõ ainda no tempo em que elle
 escrevia. Jesus Christo Resuscitado
 dá a seus Apostolos todo o tempo
 que querem para o bem considera-
 rem; e depois de se haver posto
 entre as suas mãos em todas as ma-
 neiras que elles o desejavão, de
 sorte que não pudesse mais ficat-
 lhes a menor duvida, ordena-lhes
 que dem testemunho do que tem
 visto, do que tem ouvido, e do
 que tem tocado. A fim de que se
 não possa duvidar da sua boa fé,
 do mesmo modo que da sua per-
 suação, os obriga a sellarem o seu
 testemunho com o seu sangue. Assim
 a sua pregação não pôde ser com-
 batida; o seu fundamento he hum
 facto positivo attestado unanimemen-
 te pelos que o tem visto. A sua sin-
 ceridade he justificada pela mais for-
 te experiencia que se possa imagi-
 nar, que he a dos tormentos, e a
 da mesma morte. Taes são as ins-
 truccões que receberão os Aposto-
 los. Sobre este fundamento doze Pré-
 gadores emprenderão converter o
 mundo inteiro que viaõ taõ oppo-
 sito ás Leis que tinhaõ para lhe pres-
 cre-

Luc.
XXIV.
41.

creverem, e ás verdades que tinhaõ ^{4. AEF. I. 8.}
 para lhes annunciarem. Tem ordem
 de começarem por Jerusalem, e de
 lá extenderem-se por toda a terra,
 para *instruivem a todas as Nações,* e ^{Matth.}
as baptisarem em nome do Padre, e do ^{XXVIII;}
Filho, e do Espirito Santo. Jesus Chris- ^{19. 20.}
 to lhes promette estar com elles to-
 dos os dias até à consummação dos se-
 culos, e assegura por esta palavra a
 perpetua duração do ministerio Ec-
 clesiastico. Dito isto, sobe aos Ceos
 na sua presença.

As promessas vão-se cumprir: as
 Profecias vão ter a sua ultima cla-
 reza. Os Gentios são chamados para
 o conhecimento de Deos pelas or-
 dens de Jesus Christo Resuscitado:
 huma nova cerimonia he instituida
 pela regeneração de hum novo po-
 vo; e os fieis conhecem que o Ver-
 dadeiro Deos, o Deos de Israel, a-
 quelle Deos unico, e indivisivel, ao
 qual são consagrados pelo baptismo,
 he ao mesmo tempo Pai, Filho, e
 Espirito Santo.

Lá pois nos são propostas as
 profundidades incomprehensíveis do
 Ente Divino, a grandeza ineffavel
 da sua Unidade, e as riquezas infi-
 nitas

nitas daquella natureza, mais fecunda ainda interiormente do que exteriormente, capaz de se comunicar sem divisaõ a tres Pelloas iguaes.

Lá são explicados os Mysterios que estavaõ encobertos, e como selados nas antigas Escripturas. Nós entendemos o segredo desta palavra:

Gen. I. 26. *Façamos o homem á nossa Imagem,* e a Triidade mencionada na creação do homem, e expressamente declarada na sua regeneração.

Conhecemos que cousa he aquella sabedoria concebida, segundo Salomão, antes de todos os tempos posta no Seio de Deus. Sabedoria que faz todas as suas delicias, e pela qual todas as suas obras são ordenadas. Sabemos quem he aquelle que David vio gerado antes da Aurora; e o novo Testamento nos ensina que este he o Verbo, a palavra interior de Deus, e o seu pensamento eterno, que existe sempre no seu seio, e pelo qual todas as cousas tem sido creadas.

Por este meio respondemos á mysteriosa questão que he proposta nos Proverbios; *Dizei-me o nome de Deus,*

Prov. XXX. 4.

e o nome de seu Filho, se o sabeis. Porque nós sabemos que este nome de Deos tão misterioso, e occulto, he o nome do Pai, entendido naquelle sentido profundo que o faz conceber na eternidade, Pai de hum Filho igual assy, e que o nome do Filho he o nome do Verbo; Verbo que gera eternamente contemplando-se a si mesmo, que he a expressão perfeita da sua verdade, sua imagem, seu Filho unico, o resplendor da sua claridade, e a estampa da sua substancia.

Com o Pai, e o Filho conhecemos tambem o Espirito Santo, o amor de hum, e de outro, e a sua eterna uniaõ. Este Espirito santo he que faz os Profetas, e que existe nelles para descobrirem os Conselhos de Deos, e segredos futuros: Espirito do qual he escripto: O Senhor me enviou, e o seu Espirito, que he distincto do Senhor, e que tambem he o mesmo Senhor; pois que envia os Profetas, e lhes descobre cousas futuras. Este Espirito que falla aos Profetas, e que falla por elles he unido ao Pai, e ao Filho, e entrevem com elles na

con-

confagração do novo homem.

If. VI. Assim o Pai, o Filho, o Espírito Santo, hum só Deos em tres peſſos, mostrado mais eſcuramente e nosſos Pais, he claramente revelado em a nova aliança. Inſtruidos de hum tão alto myſterio, e aſſombrados pela ſua profundidade incompreheſivel, cubrimos a noſſa face diante de Deos com os Seraſims que vio Iſaias, e adoramos com elles o que he tres vezes Santo.

Joan. I. 18. Competia ao Filho unico, que estava no Sejo do Pai, e que ſem ſahir delle vinha para nós; a elle he que pertencia deſcobrir plenamente aquelles admiraveis ſegredos da natureza Divina de que Moyses e os Profetas ſó fallavaõ com pouca extenſão.

Id. lib. 2. Sec. A elle he que pertencia fazer-nos conhecer de donde vem que o Meſſias, promettido como hum homem que devia ſalvat os outros homens, era no meſmo tempo mostrado como Deos em o numero ſingular, e absolutamente pela maneira, pela qual o Creador nos he denotado: e iſto he tambem o que elle fez inſinuando-nos que ainda que
filho

filho de Abrahaõ, *existia antes que* Joan. 8.
Abrahaõ nascesse, que desceo do Ceo, 58. ib. 3.
e com tudo está no Ceo; que he Deos, 13.

Filho de Deos, e juntamente homem,
 o Filho do homem o verdadeiro Ma-
 noel, Deos com nosco; em huma pa-
 lavra o Verbo feito carne, unindo
 na sua Pessoa a natureza humana com
 a Divina, a fim de reconciliar todas
 as cousas em si mesmo.

Assim nos são revelados os dous
 principaes Mysterios; o da Trinda-
 de, e o da Encarnação. Mas aquelle
 que no-los tem revelado, nos faz
 achar a sua imagem em nós mes-
 mos, a fim de que nos sejaõ sem-
 pre presentes; e que reconheçamos
 a dignidade da nossa natureza.

Na verdade se impomos silencio
 aos nossos sentidos, e por hum pou-
 co de tempo nos fechamos no fun-
 do da nossa alma, isto he, naquella
 parte em que a verdade se faz ou-
 vir, nós ahi veremos alguma ima-
 gem da Trindade que adoramos. O
 pensamento que sentimos nascer co-
 mo a haste do nosso espirito, como
 o Filho da nossa intelligencia, nos
 dá alguma idéa do Filho de Deos
 concebido eterna mente na intel-
 ligencia

Greg.
Naz.
Orat. 36.
Aug. de
Trin. 9.4.
S. seq. S.
in Joan.
Ev. Tr. 1.
Sc. de
Civ. 11.
 26. 27. 28.

ligencia do Pai celeste. Por esta razão he que o Filho de Deos toma o nome de Verbo, a fim de que conheçamos que nasce do Seio do Pai, não como nascem os corpos; mas como nasce em nossa alma aquella palavra interior que nella sentimos quando contemplamos a verdade.

Mas a fecundidade do nosso espirito não se termina nesta palavra interior, neste pensamento intellectual, nesta imagem da verdade que fórma em nós. Amamos esta palavra interior, e o espirito em que ella nasce; e amando-a sentimos em nós alguma coisa que nos não he menos preciosa que o nosso espirito, e o nosso pensamento que he o fructo de hum, e de outro, que os une, e que se une a elles, e não faz com elles mais que huma mesma vida.

Assim á proporção da relação que se póde achar entre Deos, e o homem, assim, digo eu, se produz em Deos o amor eterno que sahe do Pai, que pensa, e do Filho que he o seu pensamento, para fazer com elle, e o seu pensamento, huma mesma natureza igualmente feliz, e perfeita.

Em

separaõ, e se incluem huma na outra: conhecemos que existimos, e que amamos, e amamos o existir, e o conhecer. Quem o pôde negar, se se conhece per si mesmo; e naõ sómente huma destas cousas naõ he melhor que a outra; mas todastres juntas naõ saõ melhores que huma dellas em particular, pois que cada huma comprehende o todo, e nas tres consiste a felicidade, e a dignidade, da natureza racional. Assim, e infinitamente superior he perfeita, inseparavel, huma na sua essencia, e em fim igual em todo o sentido, a Trindade a quem servimos, e á qual somos consagrados pelo nosso baptismo.

Mas nós mesmos que somos a imagem da Trindade, nós mesmos, a outro respeito somos tambem a imagem da Incarnaçaõ. A nossa alma de huma natureza espiritual, e incorruptivel tem hum corpo incorruptivel que lhe he unido, e da uniaõ de huma, e outra cousa resulta hum todo, que he o homem, espirito, e corpo ao mesmo tempo incorruptivel, e corruptivel, intelligente, e puramente bruto. Estes attributos convém ao todo em relação

Aug. Ep.
3. ad
Volut.
c. 3. de
Civ. 10.
29 Cypr.
Ep. ad
Valerian.
p. 3. Conc.
Eph. Sc.
Simb.
Atb. Sc.

laçaõ

Iacãõ a cada huma das suas partes: assim o Verbo Divino, cuja virtude sustenta a tudo, se une de huma maneira particular, ou antes vem a ser elle mesmo, por huma perfeita uniaõ, aquelle Jesus Christo, Filho de Maria, aquelle que faz que elle seja Deos, e homem juntamente gerado na Eternidade, e gerado em tempo, sempre vivo no seio do Pai, e morto sobre a Cruz para nos salvar.

Mas a onde Deos se acha misturado, sempre as comparaçoens tiradas das cousas humanas nãõ sãõ sennãõ imperfeitas. A nossa alma nãõ existe antes do nosso corpo, e alguma cousa lhe falta quando he separada d'elle. O Verbo perfeito em si mesmo desde a Eternidade nãõ se une a nossa natureza mais que para a honrar. Esta alma que preside ao corpo, e nelle faz diversas mudanças, tambem ella sofre outras. Se o corpo he movido pelo preceito, e segundo a vontade da alma, esta se inquieta, se afflige, e agita por mil maneiras molestas, ou agradaveis, segundo as disposiçoens do corpo; de forte que como a alma ele-

Aug. Ep.
3. ad
Volu.
c. 3. de
Civ. 10.
29. Q. 1.
Ep. 22.
Valerian.
p. 3. Com.
Ep. 2.
Simp.
lib. 2. c.

va o corpo a si governando-o, ella se lhe humilha pelas cousas que lhe sofre. Mas em Jesus Christo o Verbo preside a tudo, o Verbo tem tudo debaixo da sua maõ. Assim o homem he elevado, e o Verbo naõ se abaixa por algum modo: immutavel, e inalteravel, domina em tudo, e por tudo a natureza que lhe he unida.

Daqui vem que em Jesus Christo o homem, absolutamente sujeito á direcção intima do Verbo que o eleva a si, naõ tem senaõ pensamentos, e movimentos Divinos. Tudo o que pensa, tudo o que quer, tudo o que diz, tudo o que occulta dentro em si, tudo o que mostra exteriormente he animado pelo Verbo, derigido pelo Verbo, digno do Verbo, isto he, da mesma sabedoria, e da verdade mesma. Por esta razã he que tudo he luz em Jesus Christo; a sua conducta he huma regra, os seus milagres saõ instrucçoens, as suas palavras saõ espirito, e vida.

Naõ he concedido a todos o entender bem estas sublimes verdades, nem o ver perfeitamente em si mes-

mo aquella maravilhosa imagem das cousas Divinas, que S. Agostinho, e os outros Padres tem crido tão certa. Os sentidos nos governão demasiadamente, e a nossa imaginação, que se quer misturar em todos os nossos pensamentos, não nos permite sempre que nos demoremos sobre huma luz tão pura. Não conhecemos a nós mesmos; nós ignoramos as riquezas que trazemos no fundo da nossa natureza; e só os olhos mais puros he que as podem perceber. Mas por pouco que nós entremos neste segredo, e que saibamos considerar em nós a imagem dos dous mysterios que fazem o fundamento da nossa fé, isto basta para nos elevar sobre tudo, e nada mortal nos poderá mais tocar.

Tambem Jesus Christo nos chama para huma gloria immortal, e este he o fructo da fé que nós temos nos mysterios.

Este Deos homem, esta verdade, e esta sabedoria encarnada, que nos faz crer tão grandes cousas sobre a sua só authoridade, nos promete na Eternidade a sua clara, e bemaventurada visão, como a recompensa certa da nossa fé. H 4 Desta

Desta sorte, a Missão de Jesus
 Christo he infinitamente superior a
 de Moyses. Moyses era enviado para acor-
 dar, por meio das recompensas tem-
 poraes, os homens censuaes, e em-
 brutecidos. Pois que elles se havião
 todos reduzido a corpo e carne,
 era preciso logo move-los pelos sen-
 tidos, inculcar-lhes por este meio
 o conhecimento de Deos, e o hor-
 ror da Idolatria, para a qual o Ge-
 nero humano tinha huma inclina-
 ção tão extraordinaria. Tal era o ministerio de Moyses;
 estava reservado para Jesus Christo
 o inspirar ao homem pensamentos ma-
 is altos, e fazer-lhe conhecer em hu-
 ma plena evidencia a dignidade, e a
 immortalidade, e a felicidade eter-
 na da sua alma. Durando os tempos da ignorancia,
 isto he, nos tempos que precederão
 a Jesus Christo, e que a alma conhe-
 cia da sua dignidade, e immortali-
 dade, a induzia as mais das vezes para
 errar. O culto dos homens mortos fa-
 zia quasi todo o fundo da Idolatria;
 quasi todos os homens sacrificavaõ aos
 Manes, isto he, ás almas dos mor-
 tos.

Casar de
 bello
 Gall. VII.

tos. Tam antigos erros nos mostrão na verdade quanto era antiga a crença da immortalidade da alma e nos manifesta que ella deve ser collocada entre as primeiras tradiçoens do Genero humano. Mas o homem, que desfigurava tudo, della havia estranhamente abusado, pois que o encaminhava a sacrificar aos mortos. Tambem se caminhava até áquelle excessão de sacrificar homens vivos: matavaõ-se os seus escravos, e até suas mulheres, para os irem servir no outro mundo. Os Gallos o praticavaõ com muitos outros povos; e os Indios, notados pelos Authores Pagaõs, entre os primeiros defensores da immortalidade da alma, tambem tem sido os primeiros em introduzirem sobre a terra, debaixo do pretexto da Religião, estes homicidios abominaveis. Os mesmos Indios se matavaõ a si mesmos para adiantarem a felicidade da vida futura; e esta deploravel cegueira dura ainda hoje entre aquelles povos: tanto he perigoso ensinar a verdade por huma ordem differente daquella que Deos seguiu, e explicar claramente ao homem tudo o que elle he, antes

Caesar de bello Gall. VII.

que tenha conhecido a Deos perfeita-
 mente. Por falta do conhecimento de
 Deos, era que a maior parte dos Fi-
 losofos não poderaõ crer a alma im-
 mortal sem a crerem huma porção da
 Divindade, huma Divindade mes-
 ma, hum Ente eterno, increado do
 mesmo modo que incorruptivel, e
 que não tinha mais principio que fim.
 Que direi daquelles que criaõ na
 transmigração das almas, que as fa-
 ziaõ correr dos Ceos á terra, e de-
 pois da terra para os Ceos; dos ani-
 maes para os homens, e dos homens
 para os animaes; da felicidade para
 a miseria, e da miseria para a felici-
 dade, sem que estas revoluções ti-
 vessem ja mais nem termo, nem or-
 dem certa, quanto vivia escurecida
 a justiça, a Providencia, a bonda-
 de Divina entre tantos erros. E quan-
 to era necessario conhecer a Deos,
 e as regras da sua sabedoria, antes de
 conhecer a alma, e a sua natureza
 immortal.

Por esta razão he que a Lei de
 Moyses não dava ao homem mais que
 huma primeira noção da natureza da
 alma, e da sua felicidade. Temos
 visto a alma no principio creada pe-
 lo

lo poder de Deos, do mesmo modo
 que as outras creaturas; mas com es-
 te caracter particular, que hera crea-
 da á sua imagem, e por sua inspira-
 ção a fim de que ella conhecesse a
 quem pertence por essencia, e de
 que ja mais se não acreditasse da mes-
 ma natureza que os corpos, nem for-
 mada do seu concurso. Mas as con-
 sequencias desta doutrina; e as ma-
 ravilhas da vida futura, não foraõ
 entãõ universalmente manifestadas,
 e no dia do Messias he que esta gran-
 de Luz devia apparecer claramente.
 Deos havia della espalhado algu-
 mas faiscas nas antigas Escripturas.
 Salomãõ tinha dito, que *como o cor- Eccl. XII.*
 po torna para a terra da qual foi crea- 7.
 do, o Espirito torna para Deos que o
 deo. Os Patriarchas, e os Profetas
 tem vivido nesta esperança, e Dani- *Dan. XII.*
 el havia predicto que viria hum tem- 2. 3.
 po em que aquelles que dormem na po-
 eira acordariaõ, huns para a vida
 eterna, e os outros para huma eter-
 na confusão, a fim de viverem sempre.
 Mas no mesmo tempo em que estas
 cousas lhe são reveladas, lhe he or-
 denado sellar o Livro, e conservalla *Ibid. 4.*
 fechado até o tempo ordenado por Deos,

a fim de nos fazer conhecer que o pleno conhecimento destas verdades, pertencia a outro tempo, e a outro seculo.

Ainda pois que os Judeos tivessem nas suas Escripturas algumas promessas das felicidades eternas, e que para os tempos do Messias, em que deviaõ ser declaradas, fallassem dellas muito mais, como se mostra pelos livros da Sabedoria, e dos Machabeos; com tudo esta verdade fazia tam pouco hum dogma formal, e universal do antigo povo, que os Saduceos, sem a conhecerem, naõ sómente eraõ admittidos na Synagoga, mas ainda elevados ao Sacerdocio. Põr por fundamento da Religiaõ a fé da vida futura, he hum dos caracteres do povo novo; e este devia ser o fructo da vinda do Messias.

Por esta razã he que naõ contente com haver-nos dito que huma vida eternamente bemaventurada era reservada para os filhos de Deos, nos disse em que ella consistia. A vida bemaventurada he viver com elle na Gloria de Deos seu Pai: a vida bemaventurada, he ver a Gloria que elle tem no Seio do Pai desde a origemem

gem do mundo: a vida bemaventurada, he que Jesus Christo viva em nós como nos seus membros, e que o amor eterno que o Pai tem a seu Filho, extendendo-se sobre nós, nos enche dos mesmos dons: a vida bemaventurada, em huma palavra, he conhecer o unico Verdadeiro Deus, e a Jesus Christo que elle mandou; mas conhecê-lo daquela maneira, que se chama de clara vista, *a vista face a face*, e descobertamente, a vista que reforma em nós, e ahi acaba a imagem de Deus, segundo o que diz S. Joã, *que nós lhe seremos semelhantes, porque o veremos tal como elle he.*

1. Cor.
XIII.
9. 12.

1. Joan.
III. 2.

Esta vista será seguida de hum amor immenso, de huma alegria inexplicavel, e de hum triunfo sem fim. Hum *Alleluia* eterno, e hum *Amen* eterno, cujo som retumba na Celeste Jerusaleem, fazem ver todas as misérias desterradas, e todos os desejos satisfeitos; alli não ha mais que louvar a bondade Divina.

Apoc. VII.
12. XIX.
1. 2. 3. 4.
5. 6.

Com taõ novas recompensas era preciso que Jesus Christo propozesse tambem novas idéas de virtude, praticas mais perfeitas, e mais apu-

III. 2.

radas. O fim da Religião, a alma
 das virtudes, e o compendio da Lei
 he a caridade. Mas até Jesus Christo
 pôde-se dizer que a perfeição, e os
 effeitos desta virtude, não erã in-
 teiramente conhecidos. Jesus Christo
 propriamente he quem nos ensina a
 nos contentar-mos com Deos 16. Para
 estabelecer o reinado da caridade, e
 nos descobrir todas as suas obriga-
 ções, nos propõe o amor de Deos,
 até nos aborrecermos a nós mesmo,
 e perseguir, sem froxidão, o princi-
 pio da corrupção que temos todos no
 coração. Propõe-nos o amor do
 proximo até estender sobre todos os
 homens esta inclinação benéfica sem
 exceptuar os nossos perseguidores:
 elle nos propõe a moderação dos
 desejos sensuaes, até cortar total-
 mente os nossos proprios membros,
 isto he, o que caminha mais viva,
 e inteiramente para o nosso coração:
 propõe-nos a submissão ás ordens de
 Deos, até a nos alegrar-mos com as
 mortificações que elle nos envia,
 propõe-nos a humildade até a amar-
 mos os opprobrios pela Gloria de
 Deos, e a crer-mos que nenhuma in-
 juria nos pôde pôr tão baixos diante
 dos

dos homens, que nós não sejamos, ainda mais baixos diante de Deus pelos nossos peccados. Sobre este fundamento da caridade, aperfeiçoa todos os estados da vida humana. Por ella he que o matrimonio he reduzido á sua fórma primitiva: o amor conjugal não he mais dividido: huma tão santa sociedade não tem outro fim mais que o da vida; e os filhos não veni mais expulsar a sua mãe para pôr no seu lugar huma madrasta. O Celibato he mostrado como huma imitação da vida dos Anjos, unicamente occupados de Deus e das castas delicias do seu amor. Os superiores aprendem que são servos dos outros, e dedicados ao seu bem; os inferiores reconhecem a ordem de Deus nos poderes legitimos; e entã mesmo quando abusaõ da sua authoridade, este pensamento adoça os trabalhos da sujeição, e debaixo de amos rigorosos a obediencia não he mais custosa ao verdadeiro Christoã.

A estes preceitos ajunta conselhos de perfeição eminente: renunciar a todo o prazer; viver no corpo como se vivesse sem corpo; deixar tudo, dar tudo aos pobres, para não

possuir mais que sómente a Deos, viver de pouco, e quasi de nada, e esperar este pouco da Providencia Divina.

Mas a Lei a mais propria ao Evangelho he a de levar a sua Cruz. A Cruz he a verdadeira experiencia da Fé, o verdadeiro fundamento da Esperança, a purificação da Caridade, em huma palavra, o caminho do Ceo. Jesus Christo morreo na Cruz, levou a sua Cruz toda a sua vida, na Cruz he que elle quer que o figaõ; e põe a vida eterna neste preço. O primeiro a quem elle promette em particular o descanso do seculo futuro, he hum companheiro da sua Cruz. *Tu serás*, lhe diz elle, *boje comigo no Paraiso*. Logo que elle expirou na Cruz, o Véo que cobria o Santuario foi despedaçado de alto abaixo, e o Ceo foi aberto ás almas santas. Ao sahir da Cruz, e dos horrores do seu supplicio, he que appareceo aos seus Apostolos, Glorioso, e vencedor da morte, a fim de que comprehendessem que pela Cruz he que elle devia entrar na sua gloria, e que não mostrava outro caminho a seus filhos.

Luc.
XXIII.
43.

Al.

Affim foi dada ao mundo, na Pessoa de Jesus Christo, a Imagem de huma verdade completa, que nada tem, e nada espera sobre a terra, que os homens não recompensam senão por continuas perseguições, que não cessa de lhes fazer bem, e a quem os seus proprios beneficios atrahem o ultimo supplicio. Jesus Christo morre sem achar reconhecimento naquelles que lhe vivião obrigados, nem fidelidade nos seus amigos, nem equidade nos seus Juizes. A sua innocencia, ainda que reconhecida, não o livra; seu mesmo Pai, em quem só havia posto as suas esperanças, retira todos os finaes da sua protecção: o Justo he entregado a seus inimigos, e morre desamparado por Deos, e pelos homens.

Mas hera preciso mostrar ao homem de bem, que nas maiores extremidades, não tem necessidade, nem de alguma consolação humana, nem mesmo de algum final sensivel do soccorro Divino: que ama sómente, e que se confia, seguro de que Deos cuida nelle, sem lhe dar disto algum final, e que huma eter-

na